



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ÉRIKA CAROLINA PORTO DE GÓIS

**VELHICES E MASCULINIDADES: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES  
SOCIAIS ENTRE HOMENS IDOSOS PARTICIPANTES DE GRUPOS DE  
CONVIVÊNCIA**

TERESINA-PI

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ÉRIKA CAROLINA PORTO DE GÓIS

**VELHICES E MASCULINIDADES: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES  
SOCIAIS ENTRE HOMENS IDOSOS PARTICIPANTES DE GRUPOS DE  
CONVIVÊNCIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Piauí como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Área de Concentração: Gênero e Geração

Orientador: Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo

TERESINA-PI

2018

**ÉRIKA CAROLINA PORTO DE GÓIS**

**VELHICES E MASCULINIDADES: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES  
SOCIAIS ENTRE HOMENS IDOSOS PARTICIPANTES DE GRUPOS DE  
CONVIVÊNCIA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia pela UFPI - Universidade Federal do Piauí orientado pelo Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo (UFPI, Orientador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Rosangela de Souza (UFPI, Membro Interno)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria da Penha Lima Coutinho (UFPB, Membro Externo)

---

Prof. Dr. Fauston Negreiros (UFPI, Membro Interno Suplente)

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Quem tem amigo sabe que tem um tesouro e quem tem esse tesouro sabe o valor da palavra gratidão. Nessa intensa jornada parto feliz em ter quem agradecer.

Minha fé me guia a entender que minhas conquistas e pessoas iluminadas que me cercam são bençãos de Deus e a Ele dou meus primeiros agradecimentos que em tudo me fortalece, me encoraja, me inspira e me dá a certeza daquilo que espero.

Agradeço aos meus pais, meus velhos com coração do tamanho do mundo inteiro, Conceição e Pedro, que ainda seguem em zelo e dedicação pelos filhos e junto comigo se sacrificaram em diminuir o descanso, aumentar as despesas e reduzir a sua privacidade para me aceitar junto com as crianças em sua casa, todos os dias, em diferentes momentos, como forma de contribuir para que eu aproveitasse cada tempo possível a vivenciar essa experiência de pesquisa.

Agradeço a minha família que embarcou comigo nessa vivência, minha irmã Débora, que acreditou em mim desde o início; meu esposo Ronaldo que abdicou de seu curso para que eu estivesse em sala de aula; meu irmão Robson que várias vezes me expressou admiração e isso me encorajou a buscar mais. Meu pequeno Otávio, que mesmo sem compreender, aceitou minha ausência e do seu jeito me confortava quando eu pensei em adiar os planos.

Com o dobro da ansiedade por ser uma mestranda grávida (ou grávida e mestranda) fui recebida com vibração e torcida carinhosa da minha amiga Leina Mônica que me levou até a sala de aula me dando coragem e calma. A quem muito agradeço pela gentileza e carinho de sempre.

No primeiro semestre de curso toda semana tive a acolhida de quem aguardava eu e Sofia nos dando muito mais que abrigo, ofertaram também carinho e muita atenção. Muito obrigada aos meus sogros, aos amigos: Ribinha e Deusanira, minha comadre Veri, Cris e Lucas. Vocês foram fundamentais para meu desempenho nas disciplinas.

A equipe multiprofissional do CRAS Piauí que soube compreender minhas corriqueiras dispersões de atenção, várias partilhas sobre minha pesquisa e ser a primeira banca de ensaio da qualificação fazendo-me críticas, sugestões e elogios. Especialmente minha coordenadora Sávila e Marcilene que ouviam sempre minhas ansiedades.

À Juliane Cunha, que compartilhou seus conhecimentos da língua inglesa e me presenteou com os abstracts necessários em cada produção dessa pesquisa.

Em nome de Victor Olintos, Amábile e Ádilo; agradeço a todos que fazem o Psiqed ser uma família de mentes brilhantes. Que tem me ensinando um jeito fraterno de fazer pesquisa.

Agradeço aos homens do Serviço de Convivência e Fortalecimento de vínculos que compartilharam suas vivências comigo. E a secretaria de desenvolvimento social e cidadania de Parnaíba que permitiu minha pesquisa.

Obrigada aos secretários do PPGS, Érico e Andresson, que sempre tão solícitos receberam meus diversos telefonemas em busca de orientações.

Agradeço minhas professoras avaliadoras, Rosangela e Penha Coutinho que carinhosamente aceitaram contribuir com esse trabalho dedicando-se a sua leitura e correções. Com a gentileza de vocês aprendi também sobre humildade diante de tanto saber.

Ao meu querido orientador Ludgleydson Fernandes, que me incentivou em vários momentos, que acreditou na minha capacidade de elaborar um bom trabalho e exercitou a paciência de esperar meu ritmo lento. Como pesquisador incrível que é foi sempre gentil e companheiro, me ensinou sobre coletividade e compreendeu minhas dificuldades em conciliar as atribuições acadêmicas e a vida pessoal.

As amigas de turma Suzi, Yasmim, Tainá e Vivian que no momento certo me fortaleceram e permitiram compartilhar meus medos e tensões.

Quero agradecer a todxs que vêem em mim a capacidade que eu mesma duvido: Fernanda, Adriana, minha mana Débora, familiares, amigos-irmãos e todxs que eu nem sei que me admiram.

Muito obrigada.

## Minha Crônica

A felicidade e gratidão por me sentir parte de um seleto grupo de pós-graduação competia com ansiedade e tensão por deixar toda semana a família e os ventos do litoral tendo no ventre a Sofia nos primeiros meses de gestação. Por quatro meses a rotina certa:

Nas terças-feiras saía de Parnaíba às 3h e já às 6:30h estava no Campus, comia o bolo frito com café e leite, escovava os dentes e sempre de bagagem ia pra sala esperar o professor Mesquita. Na forme esperta ao meio dia caminhávamos para o Restaurante Universitário, eu pegava duas sobremesas, para mim e Sofia. Por vezes uma delas foi meu lanche da tarde. Sem dúvidas só quem desfruta desse serviço reconhece a utilidade e necessidade dessa assistência estudantil. Na biblioteca estudava, e as letras dançavam ante meus olhos pesados, ali cochilava. Ali chorei ao som de *Trem Bala* que me dizia “escalar e sentir que o caminho te fortaleceu”, também me dizia “segura teu filho no colo sorria e abraça teus pais enquanto estão aqui”, ação difícil quando se está a 360km desse abraço.

Ai!!! A saudade, ela doía muito, queria o cheirinho e o sorriso do meu Otávio, meu amorzinho perguntava: “porque minha escola não podia ser em Parnaíba?” de todas as saudades essa era a que mais rasgava meu peito.

E depois do dia inteiro, entre aula, bibliotecas, RU pro almoço e jantar, lá se estava a parada de ônibus e as longas voltas de busão até chegar nas casas dos meus anjos da guarda. Amigxs entenderam que eu não tinha coragem nem pra conversar.

E se nas férias colocamos as leituras em dia e ordenamos o pensamento, pra mim veio minha Sofia, a pequena mestranda. Ela seguiu estudando comigo a teoria das representações sociais, as metodologias científicas e fui aplicar questionários e entrevistas com a bebê mais linda do mundo.

E pela maternidade é que essa servidora pública, que só possuiu três meses de licença qualificação, pôde concluir os créditos exigidos nesse programa. Novo embate: os parcos direitos e os gigantescos deveres.

Ser vista como guerreira por vezes me causou incômodo. Na verdade todo dia eu tentava manter o equilíbrio e a sanidade para honrar o compromisso de ser pesquisadora nas minhas condições. Eu queria que a palavra dessa jornada fosse alegria, mas tenho que aceitar minha trilha de frustrações, cansaço, choro e nem sempre boas emoções. Ser vista como guerreira me irritava, mas, hoje me descreve.

Queria testemunhar só as fortalezas e mostrar que todxs podemos, que basta coragem para começar, se desafiar e que é injusto não vivenciar os desejos de se qualificar e progredir no mundo acadêmico por conta das atribuições domésticas, profissionais, familiares e principalmente as

maternais. Mas é mentiroso não apresentar as frustrações e injustiças vividas nessa trajetória, e aqui vão algumas:

Por tantas noites, no retorno pra casa, ao sentir o silêncio no carro e entender que as crianças já teriam adormecido as lágrimas movidas por um cansaço imenso no corpo estafado pelo dia cheio rolaram no meu rosto. Lágrimas de um corpo que doía e ansiava pelo descanso, mas que a consciência gritava loucamente: “você tem que aproveitar esse momento! Eles estão dormindo, você não pode fraquejar, tem que aproveitar pra produzir. O prazo já foi!!!”. – Mas não era questão de fraquejar, era a biológica função de descansar o fardo.

-Quantas vezes a pergunta: “E aí como vai o mestrado?”, me soou com ironia e julgamento, bem mais que curiosidade e preocupação. Ela aparecia quando eu estava em uma fila pagando contas, ou na praça, parque ou shopping com as crianças, algumas vezes para cansá-los e poder ter um tempo sozinha com o computador (talvez fosse só minha consciência e auto-cobrança, mas foram instantes difíceis de sorrir e crer em mim).

- E aliada a um estudioso genial, meu querido orientador, estava também a convivência da frustração de nunca surpreender essa mente brilhante com um trabalho perfeito ou um cronograma cumprido, tive que conviver com a sensação de que estive sempre na dedicação mínima.

- Passei a anotar diariamente na minha agenda todas as tarefas que eu fazia só pra me sentir produtiva e visualizar o que estava fazendo durante todo o dia, desde a escovação dos dentes, acompanhamento da tarefa escolar do Otávio, de deixá-lo e buscá-lo na escola e tudo mais.

Minha sala de estudos era sempre cheia de brinquedos pelo chão e no computador sempre tinham dedinhos pequeninos querendo digitar. Sobre a mesa o computador ficava o dia todo a me esperar.

De feminista, persiste só a aspiração dos ideias de sermos iguais, não fui integralmente estudante e nem plenamente mãe. Usei os fins de semana, que pra muitos mestrandos é de produção, para limpar a casa, alvejar as roupas, cuidar das panelas e curtir o marido e as crianças. Ouvi as primeiras palavras de Sofia, vi seu primeiro passo, acompanhei os primeiros dissílabos lidos pelo Otávio. Coisas que não tem mensuração de valor. Na cabeça a crença que tudo iria findar com sucesso.

Eis que chego a esse primeiro fim: a suada dissertação que inicia minhas novas batalhas.

## RESUMO

Em todo o mundo visualiza-se um processo de envelhecimento populacional que acarreta várias alterações socioeconômicas e políticas. Amplia-se o entendimento da existência de velhices evidenciando a pluralidade e heterogeneidade desse fenômeno. Quando se trata da velhice masculina ressaltam-se as dificuldades vivenciadas pelos homens nessa fase da vida, quando se confrontam os discursos de masculinidade e as práticas sociais, especialmente, nos aspectos relacionados ao trabalho, família, sexualidade e autocuidado. Destarte, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as representações sociais das velhices masculinas entre homens idosos participantes de grupos de convivência. Pauta-se na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici porque permite aprofundar os múltiplos saberes e partilha das experiências possíveis na velhice uma vez que propõe revisitar os conceitos empreendidos na história, tornar familiar algo que seja estranho em algum momento pretendendo travar novos diálogos e escolhas na construção das identidades, motivando uma ciência mais próxima do cotidiano. Trata-se de uma pesquisa quantitativo-qualitativa com dados transversais e por conveniência. Define-se como indicadores de inclusão: homens com no mínimo 60 anos, capacidade cognitiva preservada para manter um raciocínio lógico e boa comunicação com a pesquisadora; participarem há pelo menos um ano (12 meses) do grupo. Nessas condições encontrou-se cinco homens que integram o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de idosos ofertado nos Centros de Referência da Assistência Social do município de Parnaíba, Piauí. Com o intuito de conhecer o perfil dos participantes, fez-se o uso de questionários sociodemográficos; para conhecer as representações sociais optou-se pela Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) e entrevistas semiestruturadas. Os homens idosos representam sua velhice como tempo de perdas fisiológicas e sociais, sincrônico a isso, se eleva a experiência e exige-se do indivíduo idoso aceitação das mudanças advindas do processo de senescência que inclui comorbidades e limitações em algumas habilidades e práticas cotidianas. Diferente dos discursos dominantes sobre masculinidades encontrou-se nessa pesquisa homens que reconhecem a importância do autocuidado e se inserem em grupos de convivência pela própria vontade. Os grupos de convivência são referenciados pelos homens como ambiente propício de saúde, socialização e aprendizado atuando como estratégia para combater o isolamento social preservando a auto-estima, vínculos de amizade e práticas de cuidado. A principal dificuldade dessa pesquisa foi encontrar homens com mais de doze meses de participação nos grupos de convivência. Espera-se que os resultados dessa dissertação contribuam para ampliar o conhecimento acerca da velhice masculina especialmente no que tange as representações dos homens idosos sobre os grupos de convivência tornando-se fundamento para repensar as políticas direcionadas aos homens idosos de modo a contemplar suas demandas e desejos.

Palavras-chave: Velhices masculinas; Homens; Representações Sociais; Grupo de Convivência.

## ABSTRACT

In all the world views an aging process population that entails some socioeconomics and politics alterations. It enlarge the understanding of the aging's existence evidencing the plurality and heterogeneity of this phenomenon. When it treats of the male aging emphasizes the difficulties and painful situations experienced by men in this life stage, when it confront the discourses of the masculinity and social practices, especially, in the aspects about labor, family, sexuality and self-care. Thus, the present study has general goal to analyze the social representations of the male aging between old men groups of coexistence's participants. It rules in the Theory of the Social Representations of the Serge Moscovici because it allow to deepen the multiples know and sharing experiences possible in the aging, once it proposes to revisit the concepts undertaken in the history, it to become family something that is strange in any moment, it intending to brake new dialogs and choices in the identity's construction, it motivating science closer to daily. It treats of the quantitative –qualitative research with cross – sectional datas and for convenience. It defines as inclusion indicators: men with at least 60 years, preserved cognitive ability to keep a logical reasoning and good communication with the researcher; they to participate at least one year (12 months) of the group. In this conditions, it found five men that to integrate the Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de idosos, it offered in the Centros de Referência da Assistência Social of the city Parnaíba, Piauí. It to know the profile of the participants, it was done the use of the sociodemographics quiz ; it to know the social representations chose by Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) and interviews half structured. The old men represent their advanced age as loss time physiological and social, synchronous to it, to elevates the experience and to demand of the elderly individual the acceptance of changes coming of the senescence's process includes comorbidity and limitations in some abilities and daily practices. It different from master speech bout masculinity, it found in this search men recognize to the importance self-care and inserts in social's groups by own will. The social's groups re referenced by men like propitious environment of the health, socialization and knowledge acting like strategy to fight the social isolation preserving self esteem, friendship links and care's practices. The main difficult of this search were to find men with more than 12 months of the participation in the social's groups. It hope the results of this dissertation contributes to enlarge the knowledge about old masculine, especially in the old men's representations, about the social's groups, it becoming ground to rethink the politics directioned to the old men, so to complement theirs demands and wishes.

Key words: old masculine; man; social representations; social's groups.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1-</b> População por faixa etária e sexo no Piauí, 2000 e 2010 -	34
<b>TABELA 2 -</b> Leis Estaduais De Provisões Para Pessoa Idosa, Estado do Piauí. –	35
<b>TABELA 3 -</b> Dados Sociodemográficos dos Idosos –	55
<b>TABELA 4 -</b> Representações Sociais Do Termo Indutor “Homem Idoso” -	60
<b>TABELA 5 –</b> Representações Sociais do Termo Indutor “Velhice”.-	61
<b>TABELA 6 –</b> Representações Sociais do Termo Indutor “Grupo De Convivência”.-	62
<b>TABELA 7 –</b> Representações Sociais sobre o envelhecimento	70
<b>TABELA 8 –</b> Representações Sociais sobre a velhice	72
<b>TABELA 9 –</b> Representações sociais sobre o homem idoso	76
<b>TABELA 10 –</b> Representações Sociais sobre os Grupos de Convivência	80

## LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA
TALP	TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS
SUAS	SISTEMA ÚNICO DE ASSISTENCIA SOCIAL
SCFV	SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS
GCI	GRUPO DE CONVIVENCIA
NIEAT	NUCLEO INTEGRADO DE ESTUDOS E APOIO A TERCEIRA IDADE
SBGG	SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA
SESC	SERVIÇO SOCIAL DO COMERCIO
MPAS	MINISTERIO DA PREVIDENCIA SOCIAL E ASSISTENCIA SOCIAL
CNDI	CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DO IDOSO
SDH/PR	SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA
BPC	BENEFECIO DE PRESTAÇÃO CONTINUADA
PNI	POLITICA NACIONAL DO IDOSO
MS	MINISTERIO DA SAUDE
PNSPI	POLITICA NACIONAL DE SAUDE DA PESSOA IDOSA
CAOPDI	CENTRO DE APOIO OPERACIONAL DE DEFESA DA PESSOA COM DEFICIENCIA E DO IDOSO
ILPPI	INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANENCIA PARA PESSOA IDOSA
SNAS	SECRETARIA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2 ENVELHECIMENTO, VELHICES E MASCULINIDADES</b> .....	<b>19</b>
2.1 O BRASIL DOS IDOSOS: DEMOGRAFIA E POLÍTICAS PÚBLICAS.....	23
2.3 ESTUDOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO MASCULINA EM GRUPOS DE CONVIVÊNCIA	41
<b>3 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E ANALÍTICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>45</b>
3.1 SOBRE AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DE DURKHEIM .....	47
3.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA MOSCOVICI E JODELET .....	51
3.3 A TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL .....	55
3.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM WILLEM DOISE .....	57
<b>4 OBJETIVOS</b> .....	<b>60</b>
4.1 OBJETIVOS .....	60
4.1.1 <i>Geral</i> .....	60
4.1.2 <i>Específicos</i> .....	60
<b>5 MÉTODO</b> .....	<b>61</b>
5.1 TIPO DE INVESTIGAÇÃO .....	61
5.2 LOCUS DA INVESTIGAÇÃO .....	61
5.3 PARTICIPANTES .....	61
5.4 INSTRUMENTOS.....	62
5.5 PROCEDIMENTOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS .....	63
5.6 COLETA DE DADOS .....	64
5.7 ANÁLISE DOS DADOS .....	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>94</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>105</b>
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	106
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO .....	108
APÊNDICE C- TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS .....	109

APÊNDICE D- ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....	110
<b>ANEXOS .....</b>	<b>111</b>
ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	112
ANEXO 2 – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DE ARTIGO EM REVISTA .....	116
ANEXO 3 – COMPROVANTE DE PUBLICAÇÃO DE CAPÍTULO DE LIVRO .....	117

## 1 INTRODUÇÃO

A população de idosos está em constante aumento em todo cenário mundial, as nações envelhecidas tornam urgentes políticas públicas que atendam as necessidades criadas com essa alteração. O Brasil, país em desenvolvimento, não está fora desse fenômeno e se diferencia pela rápida alteração de sua demografia, recentemente reconhecido como país jovem, hoje as projeções indicam que para 2070 a população de idosos no Brasil será superior a 35% (INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2016). Em uma década, o grupo etário de pessoas com mais de 60 anos residentes no Brasil aumentou de 11,1% para 14,6% (IBGE, 2018).

O estudo acerca do envelhecimento e da velhice tem maior repercussão a partir do século XX quando surgiram a gerontologia e geriatria com o interesse específico sobre esses fenômenos. Além da maior proporção de pessoas mais velhas no mundo, a falta de acesso aos serviços universais, os mínimos ou ausência da proteção social na periferia, índices de violência e desigualdades nos padrões de desenvolvimento territoriais são fatores que interferem diretamente nas condições de envelhecer e mobilizam estudos que contribuam com o aprofundamento do saber. É vasta a gama de investigações quando se encara o envelhecimento como algo complexo, recheado de dicotomias nas relações étnicas, políticas, de gênero, econômicas e culturais.

A indústria da beleza investe no prolongamento da juventude, a comercialização de medicamentos que prometem a renovação do vigor físico e da libido, serviços especializados na manutenção de um corpo esteticamente jovem são recursos que expressam estratégias de negação da velhice (JANUÁRIO, 2016; BATISTA, 2018). Logo, se há a negação de um fato pouco se reconhece a sua existência e importância fazendo dele algo sem estima e depreciado. Nesse sentido, a atenção acadêmica ao processo de envelhecimento e às velhices é válida porque questiona as lacunas existentes entre o aumento da longevidade e superpopulação de idosos e o lento processo de valorização da velhice.

A questão do envelhecimento é compreendida ora como uma conquista social e ora como problema e objeto de política pública e por essas noções adentra no campo acadêmico sob diferentes discussões epistemológicas e metodológicas que almejam reconhecê-la enquanto objeto científico em seus diferentes aspectos. Nesse presente estudo entende-se o

envelhecimento como fenômeno complexo, heterogêneo, envolto por representações sociais construídas em micro espaços e eivado pelas relações cotidianas e do senso comum.

Das observações e avaliações realizadas ao longo da experiência profissional dessa pesquisadora uma das recentes e mais intrigantes inquietações trata-se da pouca procura e participação dos homens nos serviços da Política de Assistência Social e particularmente nos grupos de idosos. Em contrapartida, há nos eixos temáticos e orientações dessa política específica, a matricialidade e o empoderamento da mulher. Coloca-se em questão: Os homens se sentem acolhidos e motivados para integrarem serviços do Sistema Único de Assistência Social -SUAS, especialmente os grupos de convivência? Quais representações sociais construídas sobre a velhice masculina? O planejamento das atividades do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) contempla um olhar polissêmico e sensível as particularidades de cada indivíduo? Quais as principais motivações dos homens para aderir aos grupos de convivência? Por que poucos homens participam de atividades coletivas?

Por tantas inquietações e compreensão de que cada uma delas leva a um vasto conteúdo de análise, bem se sabe que não é possível, apenas neste estudo, atender a todas essas perguntas. Deste modo objetiva-se introduzir as questões sobre a velhice masculina a partir da identificação das representações sociais e fala dos próprios homens. Desta forma, o objetivo principal desse estudo é identificar as representações sociais sobre a velhice masculina entre homens idosos de grupos de convivência.

A princípio creia-se que o sujeito que vivencia determinada experiência é o que tem maior propriedade de expressá-la e compartilhar os fatores positivos e negativos de suas vivências. Assim, espera-se que ao permitir o direito da fala aos próprios homens para falarem de si permite confrontar os discursos sociais formulados sobre eles, podendo reafirmá-los ou demonstrar outras formações e conceitos identitários. Tem-se em mente que envelhecer é diferente para homens e para mulheres, concorda-se com Debert (1999, p. 186) quando pontuou: “Os homens, [...], tendem a elaborar representações distintas das mulheres no curso da vida”. Compartilha-se ainda das ideias de Connell (2015) quando reflete sobre masculinidades como discursos sociais e históricos que impelem aos homens comportamentos e rótulos. E essas expectativas sociais muitas vezes censuram deles sentimentos e sensações sob pena de denigrir sua masculinidade (JANUÁRIO, 2016).

Até a década de 1970, a identidade masculina era tida como naturalmente inerente ao sujeito. Com a entrada significativa das feministas no âmbito acadêmico, denunciando a opressão feminina e a dominação masculina, provocou também nos homens um interesse

maior em investigar sua própria condição; foi a Sociologia, enquanto disciplina, que deu início aos estudos sobre a masculinidade segundo a teoria dos papéis sociais, e que depois veio a ganhar notoriedade também no âmbito das pesquisas na área da Psicologia (IDEM).

Especialmente ao tratar da velhice, os estudos ressaltam o processo de feminilização da população. Em parte, isso ocorre como resquício das teorias feministas desenvolvidas na perspectiva da história das mulheres que “se propôs gerar conhecimentos sobre as condições de vida das mulheres; resgatar do passado e do presente às contribuições das mulheres para a sociedade e para a cultura; fazê-las visíveis na sua história, na criação e na vida cotidiana” (BARBIERI, 1993, p. 3).

Por outro lado, Papaléo Netto (2006) fala sobre a evolução nas ciências do envelhecimento mencionando a ampliação científica em apreender os fatores de ordem social e psicológico, dentre elas, encontra-se um refinamento em tratar sobre as desigualdades de gênero. O presente estudo alia-se com as pesquisas que desejam aprofundar o conhecimento sobre os homens por reconhecer a dialética das construções sociais e a necessidade de se estar constantemente revisitando os conceitos e práticas materializados na vida cotidiana por saber que tudo que é socialmente construído pode ser desconstruído.

Compartilha-se da ideia que as representações acerca da velhice não são um dado, mas, algo construído socialmente, portanto, varia dentre as sociedades e sociabilidades. A sociologia de Boaventura Santos (2006) sugere a pluralidade científica e aproximação dos saberes embasada na ideia de integrar diferentes ciências e evidenciar conceitos elaborados na vivência cotidiana. A análise dessas concepções sobre a velhice masculina objetivada nesta dissertação fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici que reconhece *Representações Sociais* como o conjunto de crenças, conceitos e explicações que surgem no cotidiano permitindo reproduzir um novo dado, objeto ou um acontecimento. O autor enfatiza que tais representações surgem no meio social e se modificam de acordo com o tempo, e gradualmente, evocam novas representações (MOSCOVICI, 2003).

Mantem-se nesse trabalho o interesse e esforço em produzir um conhecimento familiar e acessível para a sociedade preservando o estreito diálogo entre o saber científico e o senso comum. Destarte, além da TRS e toda sua crítica à ciência moderna, as ideias desconstrutivistas ou pós-modernas da sociologia crítica permeiam as escolhas teóricas, metodologias de abordagens do sujeito, análise dos dados e discussão dos resultados dessa pesquisa, mormente a sociologia das emergências de Santos (2006). Considera-se que somente pelo desprendimento de padronizações científicas, com um sensível olhar sobre os movimentos do tempo e do espaço que se podem analisar com afinco as representações

sociais de homens idosos sobre sua velhice e apreender as representações sociais de homens idosos sobre o que é ser homem na velhice e compreender as concepções psicossociais acerca da participação destes em grupos de convivência.

O estudo fora realizado nos grupos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV para pessoas idosas desenvolvidos nos CRAS do município de Parnaíba-PI. Os CRAS são considerados porta de entrada da política de assistência social, portanto, compõem a proteção social básica, ou seja, desenvolvem o trabalho social com famílias através de ações e serviços continuados com o intuito de prevenir situações de vulnerabilidade e risco social nos territórios dos municípios e DF. Os SCFV são realizados em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários, de acordo com o seu ciclo de vida. Especialmente os SCFV para pessoas idosas tem por foco desenvolver atividades que contribuam “no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento dos vínculos familiares e do convívio comunitário e na prevenção de situações de risco social” (SNAS, 2014).

Prioritariamente os grupos do SCFV para pessoas idosas devem ser compostos por Idosos beneficiários do Benefício de Prestação Continuada (BPC); Idosos de famílias beneficiárias de programas de transferência de renda; Idosos com vivências de isolamento social por ausência de acesso a serviços e oportunidades de convívio familiar e comunitário e cujas necessidades, interesses e disponibilidade indiquem a inclusão no serviço (SNAS, 2014). Os grupos desse serviço devem prever o desenvolvimento da heterogeneidade na composição dos grupos por sexo, presença de pessoas com deficiência, etnia, raça, entre outros. No entanto, em Parnaíba – PI, de sete grupos ativos nos sete CRAS do município é notória a baixa participação do sexo masculino, realidade comum em outros grupos de acordo com as pesquisas em torno desse tema Santos et al (2015) e Maya e Peruena (2009). Por outro lado, particularmente nos grupos investigados dos cinco sujeitos pesquisados encontram-se homens idosos que frequentam os grupos por interesse e disponibilidade pessoal, independente da participação de outros familiares em outras atividades do CRAS.

Conforme o estado da arte existe mais estudos com abordagem da participação dos homens em grupos voltados para o lazer (SOARES e CORONAGO, 2016; SANTOS et al, 2015; ANDRADE et al, 2014;). Sugere-se então, que os homens apreciam outras atividades além do lazer, tais como: rodas de conversas, palestras e ações intergeracionais direcionadas pela equipe de trabalho.

Isto posto, apresenta-se nesse trabalho contribuições para o conhecimento sobre as representações da velhice masculina e a participação dos homens nos grupos de idosos dando voz aos próprios homens marcados por um discurso de dominação e poder que muitas vezes é inalcançável entre eles e os massacra quando a velhice.

No Capítulo 1 - **Envelhecimento, velhices e masculinidades** discute-se definições sobre envelhecimento e velhices ressaltando a complexidade desses fenômenos e a fundamental característica de pluralidade das vivências e experiências em torno da velhice. Encontra-se particular atenção aos aspectos das velhices masculinas tratando deste tema a partir dos conceitos de masculinidades e os fatores trabalho, família, sexualidade e autocuidado dos homens. Aborda-se ainda dados demográficos e realidade política do idoso no Brasil e Piauí.

O capítulo 2, **Teoria das Representações Sociais: fundamentos teóricos e analíticos da pesquisa** tece a discussão sobre o aporte teórico dessa pesquisa fincada na grande Teoria das Representações Sociais, especialmente com as contribuições de Moscovici e Jodelet. Aborda-se a elaboração do termo Representações Sociais fundamentado na construção de representações coletivas de Durkheim, em seguida três subdivisões desse capítulo tratam das três principais abordagens da Grande Teoria das Representações Sociais, quais sejam: as perspectivas de Moscovici e Jodelet; as representações sociais para Abric e Pereira de Sá com a Teoria do Núcleo Central e as representações sociais para Willem Doise.

Os Capítulos 3 e 4, intitulados **Objetivos e Método**, respectivamente, apresentam a estrutura metodológica e procedimentos éticos dessa pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí.

O Capítulo 5, **Resultados e discussões**, contempla as construções resultantes da coleta de dados, descreve as informações adquiridas com a aplicação do questionário sociodemográfico, do instrumento de Teste de Associação Livre de Palavras – TALP e das entrevistas semiestruturadas. Discute-se as qualidades dos dados obtidos relacionando o conteúdo investigado com a percepção de outros autores sobre o tema em análise.

Por último, as Considerações Finais destacam as contribuições teóricas e sociais dessa pesquisa, ressaltam as dificuldades encontradas no percurso investigatório e apontam algumas expectativas e sugestões para futuras pesquisas.

## 2 ENVELHECIMENTO, VELHICES E MASCULINIDADES

É velho, e está tudo dito, Aí é que você se engana, dos velhos está tudo por se dizer. O que acontece é que não se lhes pergunta nada, e então calam-se” (Ensaio sobre a lucidez, José Saramago, Cia das Letras, 2004, p.239)

O aumento da expectativa de vida e a descoberta de estratégias que driblem o fim da vida tem sido desejos presentes no percurso de toda a história da humanidade. Mas, chegada à “Era do Envelhecimento” as elevadas alterações demográficas do contingente mundial tem alarmado a sociedade e campo político e acadêmico para preocupações em vários domínios que vão desde o sistema de proteção social, serviços de saúde, segurança, trabalho e renda até políticas de apoio à família. Como problemática mais global o envelhecimento representa ameaça à própria sobrevivência da sociedade por diminuir sua população, em especial, aquela economicamente ativa.

O envelhecimento como constructo social é perpassado por noções, preconceitos, hábitos, atitudes e práticas dirigidas ao idoso que levam muitas vezes ao seu afastamento das atividades sociais do cotidiano, causando transtornos a sua vida e as relações que possa estabelecer no convívio social. Para Houaiss (2001) envelhecer significa “perder o viço, o frescor, o colorido; aparentar ou ter mais idade”.

Pode-se dizer que, o envelhecimento e a velhice são caracterizados e definidos a partir das condições gerais da vida de uma pessoa em dado contexto social, “a maneira como somos e vivemos dirá também sobre a maneira pela qual envelhecemos” (BASSIT, 2011, p. 1580). O grau de envelhecimento de um povo depende do desenvolvimento deste. Uma sociedade que desfruta de condições materiais boas, com bons serviços de saúde, boa alimentação, higiene, moradia, acessibilidade dignas e necessárias para seus cidadãos permite um envelhecimento mais saudável e ativo.

A partir dessa compreensão e pela ampliação do entendimento sobre cidadania, “as condições materiais de vida, a transição para a aposentadoria, o declínio da saúde e da vitalidade física, a sexualidade, o isolamento familiar e social, entre outros temas, passaram a constituir objetos privilegiados de análise do segmento mais velho da população”.

Diagramado pelas legislações e tratados internacionais considera-se velho nos países desenvolvidos o indivíduo que tem a partir de 65 anos de idade e para os países em desenvolvimento aquele que possui a partir de 60 anos de idade. É este demarcador cronológico que é adotado na maioria das definições das políticas sociais, instituições especializadas e estudos acadêmicos. Contudo, outros aspectos merecem ser assinalados que manifestam níveis diferentes do indivíduo desempenhar os papéis e comportamentos esperados para a sua idade, envolvendo a relação com o próprio corpo, com seus desejos, com as funções na família dentre outros (PAPALÉO NETTO, 2006; NERI, 2000; MOTTA, 2002; DEBERT, 2004). Assim, o recorte etário é o fundamental indicador de quem é idoso, mas para além da idade estes outros determinantes são essenciais para se analisar as condições e modos das experiências do envelhecimento.

Aceita-se a defesa de entrecruzamentos de visões de mundo e comportamentos variantes e diversos entre os sujeitos convivendo de diferentes formas com o mesmo tema. É então que surgem termos como idoso, terceira idade, quarta idade, melhor idade. O surgimento de um novo vocábulo não exclui o uso de outro em voga e nem modifica completamente a representação já construída. Assim, ao se referir ao envelhecimento e velhice ações de exaltação e desejo convivem com a rejeição e fuga em uma mesma sociedade.

Aliada a essa trajetória de novas sociabilidades assiste-se as mudanças de nomenclatura para designar a representação da velhice como tempo de dinamismo, combatendo o ideário de “fim da linha”. Nesse movimento, no Brasil, “a categoria idoso invade todos os domínios e o termo “velho” passa a ser sinônimo de decadência, sendo banida dos textos oficiais” (PEIXOTO, 2006, p. 78).

Debert (2004, p.95) argumenta que “não é o avanço da idade que marca as etapas mais significativas da vida; a velhice é, antes, um processo contínuo de reconstrução”. Nesse sentido, aponta para as vantagens de se atentar para as relações familiares, aos papéis sociais desempenhados, aos vínculos de trabalho e emprego permanecidos ou não e as demais sociabilidades disponíveis à pessoa idosa. Salaria que a maneira como o indivíduo idoso/idosa é visualizado em seu cotidiano é multifacetada e com raras exceções, o nível de consciência social permite uma convivência plena entre as gerações, com respeito às diferenças, capaz de valorizar as características do ser idoso e permitir a sua inclusão social.

Ressalta-se o especial apreço em analisar o envelhecimento e as relações de gênero, especialmente os aspectos que remetem ao imaginário sobre o homem que envelhece e que se torna idoso. Há uma tendência de olhar para a velhice como um composto de grupos definidos

por um recorte cronológico e que passam a ser analisados unicamente pela sua idade cronológica menosprezando sua história de vida, neste sentido: “o idoso é sempre referido ou analisado em suas ações. Sobretudo pela sua condição de velho, antes que pela condição de sexo/gênero, profissão ou mesmo classe” (MOTTA, 2006, p. 78)

Isto posto, reitera-se que é insuficiente e equívoco observar a pessoa idosa sob a singular condição de quem adentrou a velhice porque chegou aos sessenta anos de vida. Uma pergunta define essa escassa análise: de que velhice se está falando? Ou ainda, o que é de fato a velhice?

Registra-se como característica desta análise que a velhice é compreendida como fenômeno biopsicossocial, que não existe singularmente e não é universal, isto posto, existem velhices, idosos e idosas, mulheres e homens, gerações, representações. Ressalte-se o uso dos plurais porque denotam o caráter heterogêneo desse processo e dessas categorias de análise tal qual colaborações de Vilarinho (2013), Scott (2009), Debert (2004), Motta (2009) dentre outros que ressaltam esse olhar pluralista e polissêmico.

A filósofa Simone de Beauvoir (1990) fala da velhice em uma sociedade materialista, regida pelo consumo e apropriação da riqueza, para ela a pessoa que chega a velhice é rejeitada e os recursos sociais disponíveis a esse segmento são insuficientes às suas demandas, em parte, pelo próprio silenciamento desses sujeitos ou negação de sua fala. Essa pensadora faz uma associação da velhice à morte, seja ela biológica, seja a social, respectivamente refere-se ao fim concreto da existência natural e à completa exclusão desses indivíduos dos espaços de socialização e de autonomia e liberdade no cotidiano político e social.

Em duras palavras Beauvoir (1990) afirma que a velhice se revela como uma desgraça porque mesmo naqueles indivíduos que não aparentam tanto os desgastes da vida, as mínimas expressões de decadência física levam-no a rejeição e condição de miserável. Em síntese, a velhice está acompanhada da morte, seja ela biológica ou social. Torna-se, então, aceitável ver e falar da velhice na pessoa do outro, como uma manifestação que não faz parte da experiência de si mesmo. “Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história” (BEAUVOIR, 1990, p. 15).

Debert (2004) expõe que já nos anos 1970 a produção acadêmica tendia a aguçar mais a análise sobre as transformações do século XX e as especificidades encontradas nesse universo da velhice levando a compreensão de que não é possível compreender a experiência de envelhecer de forma homogênea, é exigido a definição de indicadores e metodologias que

possam evidenciar essas diferenças e explanando de melhor maneira a heterogeneidade na velhice.

Mas o que se percebe é que ainda persiste em parte dos estudos sobre envelhecimento, em discursos públicos, políticos e mesmo na literatura científica uma opinião de falar do idoso como ser único, sem destacar as diferenças, isso ocorre especialmente quando se trata do indicador gênero. Resulta que “desenvolvem-se visões distópicas da velhice. [...] As especificidades relacionadas com o gênero, aquando do envelhecimento e da categoria social de pessoa idosa, têm sido invisibilizadas” (DANIEL, SIMÕES, & MONTEIRO, 2012, p.14).

Motta (2006, p.37) concorda com a dimensão de heterogeneidade da velhice - Teoricamente, essa “heterogeneidade remete necessariamente a uma definição de categorias de análise mais determinantes e elucidativas nos sistemas de relações sociais – gênero, idade/geração e classe social – em suas especificidades e também mútuas articulações. Há, ainda, outras que remetem diretamente ao âmbito dos modos de vida, interesse central nos projetos, tais como vivências, experiências e representações”. Fazendo uma análise sobre velhice e o corpo relata que o comportamento cultural do idoso está permeado por preconceitos e discriminações acentuadas pelas relações capitalistas e cita: “Deles não se espera vigor, leveza nem dinamismo” (IDEM, p40).

Debert e Brigeiro (2012) acusam um conjunto de discursos empenhados em rever estereótipos negativos da velhice propondo destacar as experiências bem-sucedidas de envelhecimento. Aparece também novas comunicações motivando comportamentos e estilos de vida que possam ser vividas coletivamente e fomentem a atividade.

As relações entre as gerações é um quesito especial para apontar o nível de maturação acerca das noções e valoração do envelhecimento e da velhice; a sociedade moderna tende a supervalorizar a juventude e representa-la como tempo de produtividade, força, beleza em detrimento da velhice apontada como fase de decadência, perdas, inatividade (PAPALÉO NETTO, 2006; MOTTA, 2006; NERI 2000). Doravante à essa imagem de decrepitude é cada vez mais evidente os empreendimentos e serviços privados e públicos direcionados para população que tem além de 60 anos a partir da disseminação de uma marca de longevidade, jovialidade, liberdade, virilidade que associa à velhice a ideia de bem viver e declara a sociabilidade como objetivo principal da representação social da velhice (PEIXOTO, 2006).

## 2. 1 O BRASIL DOS IDOSOS: DEMOGRAFIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

O Brasil é o quinto país com maior volume de população em 2015, segundo as Nações Unidas (United Nations) e divulgadas no World population prospects (2015) atrás da China, Índia, Estados Unidos da América e Indonésia, respectivamente. Evidencia-se como característica política e socioeconômica as desigualdades sociais, além disso, as variadas condições naturais expõem seus cidadãos à condições de sobrevivência distintas. Há de se considerar que a conjuntura social de sobrevivência influencia na experiência do envelhecimento.

Ainda sobre a demografia brasileira,

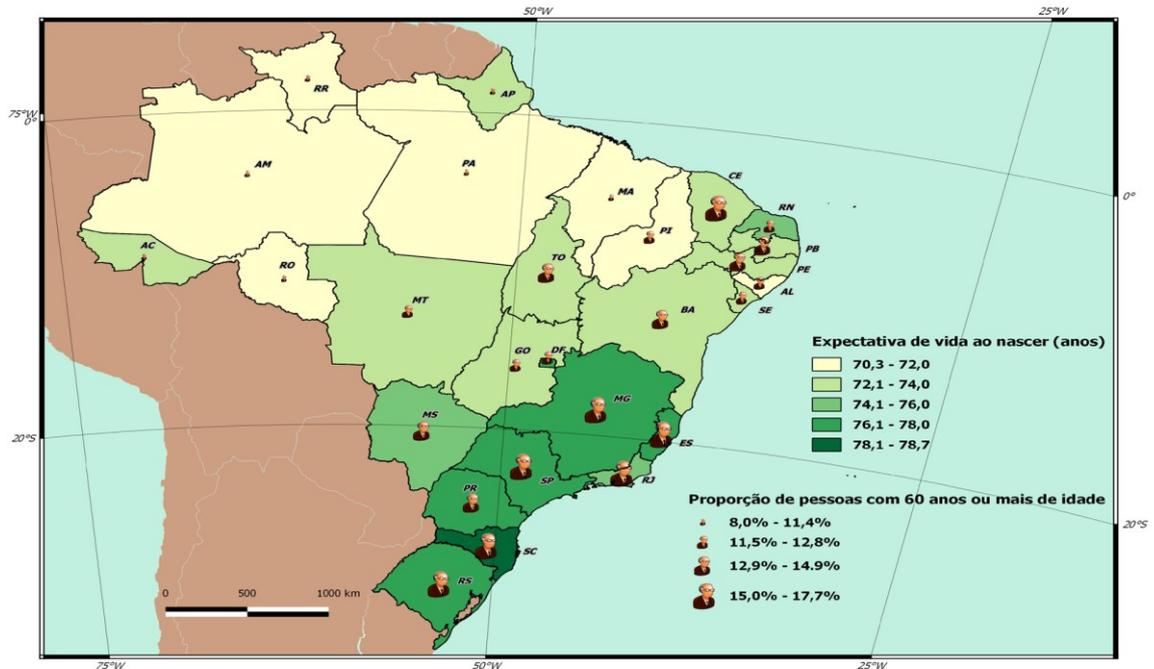
A evolução da composição populacional por grupos de idade aponta para a tendência de envelhecimento demográfico, que corresponde ao aumento da participação percentual dos idosos na população e a consequente diminuição dos demais grupos etários. A queda da participação das pessoas de 0 a 14 anos de idade na população foi mais expressiva, passando de 26,5%, em 2005, para 21,0% em 2015, bem como a queda observada no grupo de 15 a 29 anos de idade, que foi de 27,4% para 23,6% no mesmo período. Por outro lado, a proporção de adultos de 30 a 59 anos de idade teve aumento no período, passando de 36,2% para 41,0%, assim como a participação dos idosos de 60 anos ou mais de idade, de 9,8% para 14,3% (IBGE, 2016).

Outro aspecto importante sobre a realidade brasileira, que confirma a teoria acerca da heterogeneidade do fenômeno envelhecimento se refere às diferenças na expectativa de vida da população entre seus estados federativos. Verifica-se, que embora se tratando da mesma nação regida por políticas nacionais e sistemas únicos de proteção social, nas regiões consideradas mais pobres como Norte e Nordeste a expectativa de vida ao nascer é menor que nos grandes centros, também o percentual de população com 60 anos ou mais é diferente entre os estados, como está apresentado no Cartograma 1.

Um indicativo de que a população brasileira de idosos cresce bem mais rápido que as adequações e estratégias de valorização a esse público se evidencia nos dados recenseados sobre a ocupação desse segmento. Em dez anos, de 2005 a 2015, a proporção de idosos de 60 anos ou mais na população do Brasil passou de 9,8% para 14,3%. Ao mesmo tempo, observou-se queda no nível de ocupação dos idosos de 30,2% para 26,3%. O perfil do grupo de idosos que trabalham sofreu mudanças: diminuiu a proporção de idosos ocupados que

recebiam aposentadoria, de 62,7% para 53,8%. Por outro lado, aumentou a participação de pessoas com 60 a 64 anos entre os idosos ocupados, de 47,6% para 52,3% (IBGE, 2017).

### Cartograma 1 - Expectativa de vida ao nascer e proporção de pessoas de 60 anos ou mais de idade na população, segundo Unidades da Federação - Brasil - 2015



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015; Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 2000-2060 - Revisão 2013; e Projeção da População das Unidades da Federação por Sexo e Idade para o Período 2000-2030 - Revisão 2013.

É relevante pontuar os dados sobre a população masculina e a feminina, ressaltando as diferenças evidenciadas ao longo da vida que interferem na experiência de envelhecer. Assim como em outros países, as mulheres envelhecem mais que os homens e a população idosa feminina é prevalente, “a composição da população por sexo foi de 51,5% de mulheres e 48,5% de homens [...] Como a mortalidade dos homens é maior que a das mulheres em cada idade, a proporção de homens tende a diminuir com o aumento da idade” (IBGE, 2016). Isto posto, é primordial encontrar as estratégias viáveis para o maior cuidado da população masculina que se expõem em maior nível a não preservarem o autocuidado, não frequentar serviços de saúde ou mesmo sentirem-se autossuficientes (SCOTT, 1995).

A maioria da sociedade global é constituída por pessoas pobres, essa realidade se repete no Brasil, o envelhecimento nesse país é marcado por ampla desigualdade social e alto índice de pobreza, fator relevante quando se verifica a acessibilidade aos meios de informação e formação da cidadania, esse fator exacerba as diferenciações de acesso e usufruto de

serviços que contribuem para experiência positiva do envelhecimento e consequente qualidade de vida na velhice. Na realidade de pobreza muitas características essenciais para a vida humana ainda são escassas ou ausentes reduzem-se os acessos à saúde, à moradia, à alimentação, ao saneamento etc. que dificultam ou anulam a sobrevivência digna dos idosos.

Nos países menos desenvolvidos como o Brasil, o aumento da expectativa de vida tem sido evidenciada pelos avanços tecnológicos relacionados a área de saúde nos últimos 60 anos, como as vacinas, uso de antibióticos, quimioterápicos que tornaram possível a prevenção ou cura de muitas doenças. Aliado a estes fatores a queda de fecundidade, iniciada na década de 60, permitiu a ocorrência de uma grande explosão demográfica (MENDES et al., 2005, p. 423).

Assim, é coerente e desejável manter condições favoráveis ao envelhecimento saudável. As mudanças etárias da população brasileira vem ocorrendo de modo acelerada em relação a outros países e tornam atuais os debates sobre adequação financeira e previdenciária, mas, outras categorias tão importantes para definições políticas, por vezes, ficam inviabilizadas, tais como: acesso a saúde, educação e informação ao longo da vida; relações interpessoais e intergeracionais, diferenças de gênero e outros.

Há mais de uma década, Camarano (2004) já pontuava a realidade econômico e social do Brasil e suas dificuldades em adequações para um país que envelhece,

No Brasil, o acelerado processo de envelhecimento está ocorrendo em meio a uma conjuntura recessiva e a uma crise fiscal que dificultam a expansão do sistema de proteção social para todos os grupos etários e, em particular, para os idosos. O resultado é que as demandas trazidas pelo envelhecimento somam-se a outras questões sociais não resolvidas, tais como saúde, educação, pobreza e elevados níveis de desigualdade social (CAMARANO, 2004, p. 239).

No propósito de saber como o país se organiza e se estrutura para sua roupagem envelhecida é relevante elencar as conquistas políticas e societárias para prover um ambiente profícuo a velhice bem sucedida. Mesmo com a realidade de país periférico e em desenvolvimento encontram-se boas iniciativas de ação coletiva entre sociedade civil e o Estado que visam sustentar condições dignas de vida e expansão da cidadania. Influenciado pelo debate internacional em torno do envelhecimento esse tema foi incluído em sua agenda de políticas públicas, especialmente na década de 90.

Desde os anos 1980 do século XX, especialmente a partir da Constituição de 1988, através dos espaços de socialização, os idosos se encontram como sujeitos sociais dotados de capacidade, vontade e desejos. Desse período, em diante, inúmeras instituições surgem

preocupadas em favorecer a qualidade de vida do idoso e seus direitos e a fornecer possibilidades de socialização para esse segmento. Como os idosos se apropriam desses espaços e constroem sociabilidades, considerando: vivências, experiências, vínculos sociais, atividades desenvolvidas e as contribuições para o exercício da cidadania e convivência da pessoa idosa com a sua família e amigos são interesses dessa pesquisa.

Como resultado fundamental da Constituição Cidadã destaca-se a universalização da seguridade social e integração das políticas de saúde, assistência social e previdência social; ressaltando princípios de igualdade, universalidade e equidade. Sobre a questão do envelhecimento brasileiro, esse tema já compunha preocupação política antes da Constituinte de 88, alguns marcos dessa construção são evidenciados por Camarano (2004), quais sejam: Criação da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), em 1961; trabalho do Serviço Social do Comércio (Sesc) de assistência social ao idoso desde 1963 com estímulo de atividades físicas, de lazer e de convivência para estes; o primeiro documento do governo federal contendo uma política social para a população idosa em 1976, publicado pelo Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), sob o título *Política social para o idoso: diretrizes básicas*.

Dos anos 1990 até o presente o Brasil tem passado por períodos de avanços e de retrocessos em seu desenvolvimento político, da cidadania e organização dos direitos sociais e civis, da democracia instituída, do campo tecnológico e científico. Hora o Estado deu indícios de ser protagonista da seguridade social e hora esteve ou está secundário às iniciativas privadas e do terceiro setor.

No tocante à proteção social a Constituição atual é clara em expandi-la para além do corte de assistência trabalhista e da cidadania regulada pelo trabalho e emprego. Sobre o cuidado com os idosos frágeis, foi estabelecido que a família, a sociedade e o Estado devem assegurar a sua participação na comunidade, defender sua dignidade e bem-estar, e garantir o seu direito à vida; destacou que as ações e programas devem ocorrer preferencialmente em seus lares, sendo a família a principal responsável pelo cuidado do idoso dependente (CAMARANO, KANSO, & MELLO, 2004).

Com vias a implementar os direitos previstos em leis e dar continuidade aos debates e alterações adquiridas no cotidiano é fortuito a existência do Conselho nacional do Idoso<sup>1</sup> e a

---

<sup>1</sup> O Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (**CNDI**) é um órgão superior de natureza e deliberação colegiada, permanente, paritário e deliberativo, integrante da estrutura regimental da **Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República – SDH/PR**. Cabe a ele elaborar as diretrizes para a

presença de conselhos estaduais em todos os estados brasileiros, sendo este um espaço de participação e empoderamento da população idosa. Essas instituições corroboram na eleição de programas sociais prioritários para preservar a cidadania dos idosos e promovem momentos com a sociedade em geral para se aproximar das angústias e necessidades dos mais velhos como as Conferências e defende-los de situações de violência e de outros constrangimentos.

Com a implementação dos dispostos na Constituição de 1988, o Brasil ampliou os regimentos que defendem a pessoa idosa aprovando e solicitando da rede de proteção social ações assistenciais, de saúde, de lazer e cultura, de habitação e outros recursos. Camarano (2004) fornece um levantamento cronológico dessas ações quais sejam:

- em dezembro de 1993 a Lei Orgânica da Assistência Social (Lei nº 8.742/93): Incluiu benefícios, programas e projetos de atenção ao idoso com o marco da concessão do benefício de prestação continuada ao idoso (BPC) quando a família não possa prover sua subsistência;
- A Lei nº 8.842 de 1994, Política Nacional do Idoso: consiste em um conjunto de ações governamentais que objetivam assegurar os direitos sociais dos idosos, autonomia, integração e participação efetiva na sociedade;
- Em 2003, foi sancionado o Estatuto do Idoso;
- Em 1999, o Ministério da Saúde (MS) criou a PNSI (Política Nacional de Saúde do Idoso) enquanto parte da PNI.

Sobre o estatuto, Lei 10.741/2003 incorpora novos elementos e enfoques, dando tratamento integral e com visão de longo prazo ao estabelecimento de medidas que visam proporcionar o bem-estar dos idosos.

Sobre a PNSPI essa política assume que o principal problema que pode afetar o idoso, “como consequência da evolução de suas enfermidades e de seu estilo de vida, é a perda de sua capacidade funcional, isto é, a perda das habilidades físicas e mentais necessárias para a realização de suas atividades básicas e instrumentais da vida diária” (MS, 2002, p. 15). A PNSPI sustentada por dois eixos: fragilidades e promoção do envelhecimento ativo. Em 2008, o MS determinou a atenção à população idosa como uma de suas prioridades através do Pacto pela Saúde. Recomenda-se que a Atenção Primária em Saúde desenvolva orientação das atividades de autocuidado na avaliação gerontológica, assim como, por meio do processo educativo, alcance a incorporação de condutas para melhorar a saúde física e estilo de vida dos idosos em seus cotidianos (ALMEIDA e BASTOS, 2017).

Além das ações advindas de secretarias que atendem às necessidades de seguridade social, os Ministérios da Cultura e do Esporte e Lazer também oferecem atividades para esse grupo populacional. Entre os programas oferecidos, mencionam-se o *Programa de Fomento e Valorização às Expressões Culturais da Pessoa Idosa* e o *Desenvolvimento de Atividades Esportivas e Recreativas para a Terceira Idade – Vida Saudável*.

Contrário aos avanços adquiridos por esses marcos legais e ganhos constitucionais para cidadania brasileira tem-se no cenário nacional inúmeras injeções de políticas neoliberais e minimização do Estado, onde há crescente transferência das responsabilidades estatais para a iniciativa privada e a sociedade civil. Em relação a população idosa “fica claro uma conduta do governo brasileiro de transferir suas responsabilidades com o idoso para o âmbito privado, incentivando novas formas de previdência e de medicina privada” (TEIXEIRA, 2017, p.26).

Apenas a título de situar a realidade do território onde esse estudo está se desenvolvendo cita-se brevemente informações sobre a demografia piauiense e as políticas públicas e os serviços disponíveis à população idosa no estado do Piauí. De acordo com a Tabela 1 verifica-se que a população idosa desse estado nordestino também tem aumentado e mais de 10% da população no Piauí é composta por pessoas com sessenta anos ou mais.

**Tabela 01 - População por Faixa Etária e Sexo no Piauí, 2000 e 2010.**

Faixa Etária	2000				2010			
	Masculino	Feminino	Total	%	Masculino	Feminino	Total	%
<b>0 a 4 anos</b>	153461	148493	301954	10,9	126239	121292	247531	7,9
<b>5 a 9 anos</b>	153509	149232	302741	10,9	139027	133564	272591	8,7
<b>10 a 14 anos</b>	176263	173534	349797	12,6	157981	151933	309914	9,9
<b>15 a 19 anos</b>	174688	170902	345590	12,4	151945	149923	301868	9,7
<b>20 a 29 anos</b>	236892	206177	443069	15,9	283950	292870	576820	18,5
<b>30 a 39 anos</b>	173183	167730	340913	12,3	219847	233825	453672	14,5
<b>40 a 49 anos</b>	129138	142544	271682	9,8	171937	187223	359160	11,5
<b>50 a 59 anos</b>	90025	98390	188415	6,8	124103	140824	264927	8,5
<b>60 a 69 anos</b>	61484	69076	130560	4,7	83469	92899	176368	5,7
<b>70 a 79 anos</b>	35249	38962	74211	2,7	47575	56667	104242	3,3
<b>80 anos e mais</b>	14398	17785	32183	1,2	22349	28918	51267	1,6
<b>Total</b>	<b>1398290</b>	<b>1382825</b>	<b>2781115</b>	<b>100,0</b>	<b>1528422</b>	<b>1589938</b>	<b>3118360</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE - Censo Demográfico, 2010.

Sobre a realidade de políticas públicas para pessoa idosa, o Portal do Centro de Apoio Operacional de Defesa da Pessoa com deficiência e do Idoso (CAOPDI)<sup>2</sup> apresenta acesso a informação técnico-jurídica aos órgãos ligados a atividade do Ministério Público. Acessando o link *Legislação* é possível ter informações sobre a legislação estadual, portarias, decretos, instruções normativas e Resoluções e Normas técnicas sobre as ações e serviços disponíveis para a população idoso no Estado do Piauí.

No campo *Legislação - Idoso* o internauta tem acesso ao conteúdo de 16 leis estaduais; 01 instrução normativa; 12 decretos federais; 16 leis federais; 19 leis municipais e 01 nota técnica de origem do Conselho Nacional do Idoso. Acredita-se, que podem haver outras legislações que não constam nessa página, haja vista uma discrepância entre o número de municípios existentes nesse estado e apenas 19 leis municipais, esse dado aponta para, pelo menos, duas possibilidades: reduzida transparência das leis existentes ou o fato de inexistência delas na maioria dos municípios desse estado.

Sobre proteções no setor de segurança e sistema judiciário, o Estado do Piauí respondeu com precisão às orientações do Estatuto do Idoso, inaugurando o Disque Idoso em 2003, a Delegacia Especializada de Proteção ao Idoso do Piauí em 2005 e em 2007 o Núcleo de Defesa do Idoso da Defensoria Pública estadual. Esses órgãos asseguram maior agilidade de atendimento às demandas de violência contra a pessoa idosa e requisição dos seus direitos. Por outro lado, são serviços centralizados na Capital Teresina e portanto são insuficientes para atender toda a demanda do estado além de geograficamente não ficar acessível a todas as pessoas que necessitam desse serviço.

A tabela a seguir apresenta a numeração e título de providências das 16 leis estaduais descritas com o intuito de ampliar a noção sobre as iniciativas em andamento no estado.

**TABELA 2 – Leis Estaduais De Provisões Para Pessoa Idosa, Estado do Piauí.**

<b>TÍTULO LEI</b>	<b>PROVISÕES</b>
<b>Lei 6.488 de 27 de Fevereiro de 2014</b>	Dispõe sobre a reserva de vagas gratuitas para idosos no sistema de transporte intermunicipal de passageiros do estado do Piauí e dá outras providências
<b>Lei 6.422 de 24 de setembro de 2013</b>	Reconhece de utilidade pública a associação dos idosos de vera mendes, e dá outras providências.
<b>Lei 6.395 de 15 de</b>	Estabelece prioridade de tramitação aos processos e procedimentos administrativos em que figurem como parte ou interveniente pessoa com idade igual ou superior a

<sup>2</sup> Órgão auxiliar do Ministério Público do Piauí, competindo-lhe prestar suporte técnico acerca de quaisquer questões que venham a ser suscitadas pelos órgãos da estrutura do Ministério Público no desempenho de suas atividades funcionais, na área de defesa dos direitos e interesses das pessoas com deficiência e idosos.

<b>agosto de 2013</b>	sessenta anos
<b>Lei 6.364 de 27 de Maio de 2013</b>	Dispõe sobre a concessão de período mínimo de gratuidade do pagamento de tarifa de estacionamento aos veículos automotores utilizados por pessoas portadoras de necessidades especiais, idosos e gestantes.
<b>Lei 6.307 de 25 de janeiro de 2013</b>	Altera a Lei nº 5.134, de 10 de maio de 2000, que criou o Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher do Estado do Piauí; a Lei nº 5.244, de 13 de junho de 2002, que dispõe sobre a Política Estadual do Idoso; a Lei nº 5.329, de 24 de setembro de 2003, que dispõe sobre a composição e o funcionamento do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência- CONEDE/PI; A Lei nº 4602, de 30 de junho de 1993, que dispõe sobre a Política Estadual de Atendimento dos Direitos da Criança e do Adolescente, e cria o Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente; a Lei nº 5.089, de 18 de outubro de 1999, que dispõe sobre a criação do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos, objetivando a inclusão de representação da Defensoria Pública da União no Estado do Piauí, nos Conselhos do Estado.
<b>Lei 6.017 de 09 de julho de 2010</b>	Estabelece a cota mínima de 10% (dez por cento) para pessoa com deficiência e/ou idosas, comprovadamente carentes, nos empreendimentos habitacionais públicos ou subsidiados com recursos públicos e dá outras providências
<b>Lei 6.007 de 28 de maio de 2010</b>	Dispõe sobre a criação no estado do piauí do selo "amigo da pessoa idosa", nas modalidades: gestão municipal, empresa privada e instituições de longa permanência para pessoa idosa - ILPPI, e dá outras providências.
<b>Lei 5.710 de 18 de dezembro de 2007</b>	Dispõe sobre a obrigatoriedade de notificação de maus-tratos em crianças, adolescentes, deficientes físicos, mulheres e pessoas idosas e dá outras providências.
<b>Lei 5665 de 03 de julho de 2007</b>	Dispõe sobre a obrigatoriedade da fixação de cartazes em locais visíveis nas empresas e boxes de vendas de passagens rodoviárias interestaduais e municipais sobre a gratuidade aos maiores de 65 anos e de reserva de 2(duas) vagas por ônibus no âmbito do estado do piauí.
<b>Lei 5.525 de 19 de dezembro de 2005</b>	Garante a permanência de acompanhante de pessoas idosas e menores de idade nos casos de internação em estabelecimentos de saúde, nas condições que especifica.
<b>Lei 5.523 de 19 de dezembro de 2005</b>	Obriga as empresas administradoras de estacionamentos públicos e privados no estado do piauí, a reservar no mínimo 5% (cinco por cento) das vagas nos estacionamentos, para os idosos e dá outras providências
<b>Lei 5.479 de 10 de agosto de 2005</b>	Altera dispositivos da lei nº 5.244, de 13 de junho de 2002, que dispõe sobre a política estadual do idoso e dá outras providências.
<b>Lei 5.390 de 26 de maio de 2004</b>	Dispõe sobre a obrigatoriedade das agências bancárias e as estações rodoviárias e ferroviárias do estado do piauí, a manterem cadeiras de rodas à disposição do idoso, do portador de necessidades especiais ou de pessoas circunstancialmente necessitadas do uso deste equipamento.
<b>Lei 5.374 de 10 de fevereiro de 2004</b>	Determina a inclusão, em edifícios públicos da administração pública estadual direta e indireta, de medidas assecuratórias e/ou facilitadoras do acesso de pessoas idosas e portadoras de deficiências físicas e dá outras providências.
<b>Lei 4922 de 26 de maio de 1997</b>	Reconhece de utilidade pública o centro de integração e apoio ao menor, ao idoso e ao deficiente físico, com sede e foro em Teresina-PI.
<b>Lei 4843 de 21 de junho de 1996</b>	Estabelece prioridade de acomodação de pessoas gestantes, idosas, deficientes e com dificuldade de locomoção no transporte coletivo intermunicipal e dá outras providências.

Ainda há uma lacuna entre o direito legislado e o direito efetivo, sobre as leis supracitadas pode-se falar da primeira listada na tabela 2, Lei 6.488/2014 que dispõe sobre a reserva de vagas gratuitas para idosos no sistema de transporte intermunicipal de passageiros

do estado do Piauí e dá outras providências. Embora aprovada e posta em vigor os idosos ainda não usufruem desse direito porque ela ainda não foi implementada e o Estado segue não garantindo esse direito junto às empresas de transporte e à comunidade idosa.

## 2.2 VELHICES E MASCULINIDADES

As análises sobre gênero, especialmente acerca das masculinidades na velhice, se traduzem em fundamentações teóricas para o presente trabalho e evidenciam diferentes chaves de reflexão complementares ou contraditórias, mas, que revelam as possibilidades de observar as representações sobre o envelhecimento e as diferenças comportamentais e representativas entre os sexos. Mantem-se como foco dessa análise o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, “nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado” (SOIHET, 1997, p.279).

Bassit (2011) argumenta que as formas de ser homem e mulher devem ser contextualizadas porque são resultado das construções sociais e históricas sobre o que faz o sujeito masculino e feminino. As relações entre gênero podem ser consideradas também como indicadores de discriminação social tanto de homens como de mulheres. “Por tratar das relações entre masculino e feminino, a categoria gênero está inserida nos processos de socialização, indicando semelhanças e diferenças entre os agentes sociais” (BASSIT, 2011, p. 1581).

As representações sociais da experiência de envelhecer homem e mulher requer a compreensão de que essas construções são influenciadas, dentre outros fatores, pelas concepções de gênero. No sentido abordado por Scott (1995) o termo *gênero*: “torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75). Para além de uma análise dicotômica, Conell (2015) corrobora, “Acima de tudo, o gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam” (CONNEL, 2015, p.47).

Nessa análise da categoria gênero é enfático ressaltar que o nível de bem-estar das mulheres e dos homens resulta das diferentes trajetórias de vida, determinadas pelo contexto social, econômico e institucional que as/os rodeia. Desta forma, homens e mulheres, aquando

da velhice, encontram estados de vulnerabilidade de acordo com os seus papéis sociais, culturais e o nível de proteção institucional que a sociedade lhes proporciona (FIGUEIREDO et al., 2007)

O termo “gênero” tão em voga no campo científico foi agregado nas correntes de análise feminista como contributo para se pensar as diferenças e ressaltar as concepções políticas e culturais que invariavelmente são produzidas e mantidas. Tem sido uma importante ferramenta de análise e de métodos científicos no processo de desconstrução e construção de conhecimentos e práticas. (SARDENBERG, 2002).

Relacionando as temáticas gênero e velhice, uma primeira chave de discussão é o fenômeno denominado “*feminização da velhice*” referente à maior proporção de mulheres com expectativa de vida longa. Em geral, no mundo todo, elas vivem mais que os homens (PAPALIA e FELDMAN, 2013). Essa longevidade feminina tem sido atribuída “à sua tendência maior de tomar de conta de si mesmas e buscar cuidado médico, ao nível mais alto de apoio social que recebem e à maior vulnerabilidade biológica dos homens ao longo da vida” (IDEM, p. 630).

Alguns autores pontuam o acúmulo de desvantagens associadas às mulheres como violência, discriminação, salários inferiores aos dos homens, dupla jornada, baixa escolaridade, solidão pela viuvez, pobreza dentre outros (NICODEMO e GODOI, 2010). Em consequência dessas situações e como meio de recompensar esses sofrimentos somados, na proteção social brasileira há uma diferenciação entre os sexos evidenciada na política de previdência social, quando para as mulheres “apesar de terem uma esperança de vida mais elevada, contribuem cinco anos menos que os homens, dado que se aposentam cinco anos mais cedo e recebem o benefício por mais tempo” (CAMARANO, 2003. p. 246).

A própria longevidade feminina é analisada por vertente da historiografia que a coloca como resultado de compensações sociais oriundas de precauções formais e informais, principalmente no mundo do trabalho, por exemplo: em sociedades industriais contemporâneas foram criadas legislações específicas que preservaram a mulher de trabalhar em atividades penosas “na França, as mulheres pararam de trabalhar no fundo das minas desde a metade do século XIX; não lhes é permitido o trabalho noturno, limita-se a sua jornada de trabalho” (FARGE et al., 2001, p. 19). Essas proteções foram firmadas com base em uma noção de fraqueza feminina, mas, em certa medida elas beneficiaram a mulher através da diminuição dos riscos e desgastes físicos.

Daí a importância de verificar esse fenômeno para além de dados quantitativos e da proporcionalidade entre homens e mulheres e pensar acerca dos significados sociais da idade

que demandam maior nível de atenção das estratégias públicas em serviços e ações ofertadas, sob título de proteção social onde por vezes se reiteram representações com base em alguns aspectos: a dominação masculina (a força masculina e fraqueza feminina), feminilidade e masculinidade, sociabilidade masculina e sociabilidade feminina. Donde se pautam algumas representações do masculino como: virilidade, sujeito universal, sexo forte.

É propícia uma ação de vigilância constante ciente de que as ideias não são fixas acerca daquilo que é masculino ou feminino, elas variam segundo os usos e contextos (SCOTT, 1995). Em uma vertente dominante desta análise, encontra-se o gênero masculino apresentado como “donos do poder, ocupantes do espaço público, produtores da riqueza, chefes da família, responsáveis perante as leis, controladores da cultura, os homens não teriam deixado lugar para mulheres na história” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 19).

Segue nesse estudo as contribuições de Connell (2005; 2016), Januário (2016) e Almeida (1995) quando afirmam ser a masculinidade um discurso sobre ascendência e dominação social atribuindo aos homens esse privilégio potencial. Badinter (1993, p.27) afirma que “a “masculinidade” é uma ideologia que tende a justificar a dominação masculina”. Januário (2016) lembra que os discursos regulam e instauram saberes capazes de produzir “verdades”.

Um dos autores que embasam os estudos feministas e comenta sobre masculinidades é Foucault (2001) que define a masculinidade como resultado de um conjunto discursivo legitimado e instituído na vontade de verdade dos indivíduos. A masculinidade apenas se tornaria compreensível quando pensada em conjunto com outros valores sociais, constituindo assim, um sistema simbólico pautado em importantes aspetos e comportamentos sociais.

Fala-se em masculinidades, pois se reconhece que dentre o discurso do que venha a ser masculino persistem variações de poder e idealizações diversas sobre o modelo cultural ideal capaz de afirmar o efeito controlador, esse plural envolve os significados e símbolos que podem estabelecer na vida em sociedade o grupo de maior poder e, portanto hegemônico e central havendo expressões e variáveis subordinadas, “cúmplices”, ou “marginais” a este (CONNELL, 2005).

A masculinidade hegemônica “incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela”. Da masculinidade cúmplice considera-se “Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina”. (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Já as

masculinidades marginalizadas incluíram todos os indivíduos do sexo masculino que não se encaixavam nas normas da masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005).

Estando no nível discursivo e do discurso enquanto prática, constitui-se num campo de disputas e valores morais em que a distância entre o que diz e o que se faz é grande. Entende-se,

A própria masculinidade é internamente constituída por assimetrias com modelos hegemônicos e variantes subordinadas. Significa que não é a mera formulação cultural e que sua definição, aquisição e manutenção constitui em processo social frágil, vigiado, auto-vigiado e disputado (ALMEIDA, 1996, p.3).

Concorda-se, portanto, com o uso do termo “masculinidades” no plural, acreditando que a ideia de que a masculinidade seria uma identidade única já foi ultrapassada. E a compreensão de que “Elas [...] variam em qualquer cultura no transcorrer de certo período de tempo, [...] variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, ou lugares potenciais de identidade.” (KIMMEL, 2008, p. 105).

A discussão teórica em torno das masculinidades nasce no berço dos estudos feministas, seja em suas vertentes de análise, seja por movimentos dos direitos dos homens que visavam uma crítica a esses estudos, mas, reconhece-se as extensas contribuições das teorias feministas à ciência moderna. Isto posto, anui-se com Rago (1998) quando considera que são: da desconstrução dos temas e interpretações masculinos às novas propostas de se falar femininamente das experiências do cotidiano, sobre as inovações na reorganização dos espaços físicos, sociais, culturais, intelectuais e científicos. E por propiciarem novas problematizações, incorporando inúmeros sujeitos sociais, construindo novas formas de pensar e viver.

Vale para essa análise as ideias de Kimmel (2010) que aponta a existência de várias transformações na vida dos homens principalmente em função do movimento feminista. A epistemologia feminista acusa veemente a dominação masculina, mas, além disso, apresenta estratégias e caminhos para se incorporar no campo científico múltiplas análises sobre a história e sociabilidades dos homens. Assim, é possível lidar com o tema de masculinidades subordinadas e necessidade de estender a fala dos homens.

A ideia de que os homens construíram as regras e organizaram a história, instituindo a dominação masculina não está findada, não são coisas cristalizadas e imutáveis, sob o ponto de vista de gênero é um campo permanente de questionamentos e problematizações culturais, históricas, relacionais, de poder e deliberadamente políticas.

Ao incorporar essas conjecturas ao estudo do envelhecimento e das velhices, especialmente das velhices masculinas favorece a sensibilidade do pesquisador em guiar-se por uma lógica emancipadora, múltipla e democrática, apta a tratar das questões como categorias multifacetadas, desiguais e com diferentes perspectivas. Refletir sobre a velhice masculina com esse olhar permite entendê-la como objeto dialético, múltiplo e socialmente construído (para além dos aspectos de produção e materialidade como os demarcados pelo marxismo). Permite-se o reconhecimento dos homens sob outros aportes epistêmicos quando passam a ser observados e analisados não mais como sujeitos universais.

Destarte, dentre as diferenças presentes no processo de envelhecer, quando percebido enquanto produto das relações sociais, destaca-se as desigualdades de gênero, ou seja, não apenas as diferenças biológicas e genéticas entre os sexos tais como: a degenerescência das células, fertilidades, aspectos físicos e outros, mas, evidenciar as noções sociais, as relações culturais e históricas que envolvem a ideia de homem e mulher de acordo com as culturas, grupos sociais e o tempo.

Parte-se então para os efeitos dessa mobilidade nas experiências do envelhecer do homem com base nas representações construídas pelo discurso de dominação masculina. Disso se entende o processo de construção da história e organização social conduzida pelo homem enquanto sujeito universal. Torna-se doloroso e difícil o processo de deslocamento dessa noção apregoada por décadas, haja vista que, especialmente na velhice dos dias atuais, conhecidos fatos sociais de independência feminina, publicidade e socialização das mulheres demandam novas interações e ressignificações a esse dito “homem universal”.

La masculinidad hegemónica se asocia con rasgos de competitividad; poder físico, sexual y económico; desapego emocional; coraje y dominación, capacidad de protección y autonomía. Modelos que se refuerzan de una manera relativamente constante a lo largo de la adultez y que presentan serias dificultades a la hora de pensar el envejecimiento masculino [...] La edad y el género son dimensiones indisolubles en la construcción de la identidad del ser humano, razón por la cual el estudio de los relatos producidos sobre ambas categorías resulta de gran valor para entender la conformación de sentimientos, malestares, proyectos y actitudes del varón viejo (IACUB, 2014, p. 42)

Conforme refletido por Iacub, idade e gênero são dimensões indissociáveis na formação da identidade do ser humano e o reforço dos rótulos e concepções sobre os papéis sociais, especialmente acerca das expectativas em torno da figura do homem, impõe diversas dificuldades para aceitar-se envelhecendo e se visualizar na condição de idoso. Sofia Aboim

(2014) em pesquisa sobre o significado da velhice realizado entre homens e mulheres de Portugal identificou uma oscilante atitude de insatisfação e recusa da condição de idoso. Especialmente entre os homens apresentou-se o desejo de “arredar a velhice por meio da atividade, de um envelhecimento ativo que se quer manter alheado do enclausuramento no espaço doméstico” (ABOIM, 2014, p.213).

Na busca de analisar as representações sociais sobre a velhice masculina toma-se por pressuposto de que ao homem contemporâneo, vívido da sociabilidade capitalista e analisado pela vertente teórica do patriarcado e dominação masculina é representado pela figura do sujeito potente, viril, público e auto-suficiente, enquanto desempenha papeis sociais de produtor de riquezas e provedor da família.

Ainda nessa premissa ao perder suas funções produtivas junto ao mercado de trabalho e assumir a condição de aposentado, esse homem é propenso a ser estereotipado como decrepito, inútil e excluído da dinâmica pública. “Esse modelo de compreensão da masculinidade tem origem no momento designado de patriarcado (como já foi anteriormente referido) que, embora tenha ocorrido noutro momento histórico, se reproduz nos dias atuais de uma maneira camuflada” (JANUÁRIO, 2016, p.92).

A masculinidade hegemônica aponta uma metáfora de poder e um modelo cultural ideal que exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador (ALMEIDA, 1996). Assim, haveria uma relação negativa entre envelhecimento e masculinidade, porque se o masculino se relaciona ao trabalho e à força física como expressões fundantes desse ser, a aposentadoria pode representar um desligamento da vida social e a velhice, por consequência, não seria considerada uma etapa em que poderiam estar vivenciando uma experiência privilegiada (DEBERT, 2004). Alguns aspectos se fazem importantes para contribuir com essa discussão sobre a velhice masculina, são os seguintes: trabalho, sexualidade, corpo, família e autocuidado.

Com referência aos homens percebe-se maior dificuldade na adaptação à saída do mercado de trabalho e experiência da aposentadoria, termo permeado pela noção de voltar-se aos aposentos e seguindo a lógica produtivista do capital reforça a representação do ser inativo, inútil e desvalorizado socialmente. Associado a essas representações delinea-se também a realidade de resistência à participação de atividades extradomésticas, em particular a integração à grupos de convivência (CAMARANO, KANSO, & MELO, 2004).

No que se refere às relações de trabalho, por exemplo, para simpatizantes das ideias marxistas esse é o fator fundante das relações sociais e, portanto quesito principal para definição do modo como se vivencia e se representa o envelhecimento, principalmente

quando se chega à velhice, onde o trabalhador tem a sua força de trabalho desvalorizada e deixa o mercado de trabalho. Iacub (2014, p.43) comenta:

El trabajo, así como tempranamente el deporte, respalda un sentido de masculinidad porque crea múltiples oportunidades para que un hombre se vea poderoso, seguro de sí mismo, competente y cumplir “el sueño del pibe”. La mayoría de los hombres se identifican antes que nada con su trabajo y depositan una gran inversión emocional en el mismo. Usan su rol laboral para negociar identidades de familia, amigos, ocio y comunidad.

O comentário supracitado propõe o entendimento da fundamentalidade do trabalho na vida do homem, particularmente na identificação do gênero superior porque afirma um sentido de masculinidade e elo para compor e preservar os laços sociais. É também o elemento identitário que denota poder, segurança de si, competência, admiração.

No estudo de Aboim (2014) as narrativas dos homens sobre trabalho apontaram que “a perda do estatuto de cidadão ativo e a incapacidade de conseguirem manter-se no mercado de trabalho enquanto a saúde o permite é vista, por vários, como um elemento de discriminação ativa contra os mais velhos” (ABOIM, 2014, p.226). Essas práticas discriminatórias estão na raiz de uma sociedade capitalista que se firma na produção de riqueza e classifica os indivíduos pela sua ordem de possuir e produzir bens,

Esse sistema produtor de mercadorias instaura uma relação desumanizada, coisificada que reduz a força de trabalho a coisa, a “condição material de produção” submetida ao imperativo da produção de riquezas para fins de valorização do capital, engendrando não apenas desvalorizações das qualidades e necessidades humanas, mas também uma sociabilidade que gera pobreza, populações excedentes, e os “inúteis” para o capital, pela falta de valor de uso, de rentabilidade, principalmente, quando a força de trabalho está desgastada e envelhecida (TEIXEIRA, 2006, p.40).

Por outro lado, Debert (2004) aponta algumas vertentes acadêmicas que concluem sobre as diferentes e complexas formas de envelhecer vivenciadas nas sociedades ocidentais que dissolvem a associação entre a velhice e o fim do trabalho. Nessas pesquisas o desengajamento voluntário das atividades laborais e valorização do lazer na velhice dão outros tons para o envelhecimento. Lembra-se aqui das construções em torno do “ócio produtivo”.

Semelhante ao trabalho, a família também é um elemento demarcador da identidade masculina. E nesse espaço doméstico se expressam importantes manifestações da masculinidade e feminilidade, é mais uma abrangência onde o homem se impõe e é definido como o provedor, responsável pelo sustento. Chegada a velhice e de acordo com os novos arranjos de famílias pequenas, mulher no espaço público (mercado de trabalho), tecnologia e individualidades muitas vezes a pessoa idosa apresenta-se deslocada ou mesmo isolada. Além disso, o núcleo familiar refeito por muitas gerações pode-se expressar ambientes de conflitos e mesmo de violência para a pessoa idosa.

Por diversas questões, o homem vivencia muitas dificuldades no processo de envelhecimento. Lidar com a queda da virilidade, a aposentadoria, o não trabalho, o ambiente doméstico e as relações familiares, antes destinadas apenas às mulheres, o tempo livre sem significação, a baixa participação social, e o histórico de ausência de hábitos saudáveis e promotores de saúde têm contribuído para a menor longevidade masculina (NOGUEIRA e ALCANTARA, 2014, p. 274).

Vale refletir que as relações familiares se firmaram por muito tempo na cultura de sobreposição do poder masculino em que homens e mulheres envelheceram e difundiram esse tipo de relação em que se mantinha dominação do homem e submissão das mulheres. A educação dos homens voltada para essa masculinidade de rudeza e privação dos afetos levaram-lhes a reproduzir no papel de pais e provedores da família características de controladores da honra, conduta moral e sexual de suas famílias. Mesmo se tecendo novas relações ainda se observa em muitos homens o pensamento de inutilidade junto a família quando deixam de trabalhar (BENTES, PEDROSO e CRUZ, 2017, p.107). Nessa fala observa-se a íntima relação entre família e trabalho como categorias importantes ao homem idoso.

Em pesquisa com idosos do semiárido piauiense, Souza (2013) verificou conflitos intergeracionais presentes no seio familiar, apontando que o foco dos discursos estava direcionado para as dificuldades de relacionamentos com os filhos mais jovens e netos. “Observei nos relatos o sentimento de impotência dos pais ou avós para dialogar com os jovens, principalmente os rapazes, que segundo a visão dos idosos, não respeitam os mais velhos, fazem somente o que lhes interessa, sem pensar na família” (SOUZA, 2013, p.121).

Concernente ao tema sexualidade, no potencial de sujeito dominador, esse aspecto remete à representação de virilidade e construção do ser macho. No século XIX sedimentou-

se a ideia de “comportamento e personalidade dos homens delineados pelos seus atributos físicos (força, coragem, virilidade) e pela sua biologia, e que a diferença entre os sexos seria fruto de uma inquestionável estrutura biológica e naturalizada” (JANUÁRIO, 2016, p.85). Trata-se da representação do falo, “pênis”.

Estudos históricos como os reunidos por Mary Del Priore e Amantino (2013) na obra *História dos Homens no Brasil* apresentam coragem, virilidade e honra como aspectos fundamentais da construção do ser homem. A sexualidade associada à ideia de virilidade é quase sempre medidor da potência sexual e, por conseguinte sinônimo da prática do sexo. É comum nos ditados populares a incitação às práticas sexuais do homem que devem iniciar-se cedo como prova de que é “macho”, por exemplo: “segurem suas cabras que meu bode está solto”.

A iniciação sexual precoce, muitas vezes imposta pelo pai, a ideia de “garanhão” e de não falhar no ato sexual tornaram-se exemplos quotidianos do cumprimento do papel de homem. Para Badinter (1997) e Safiotti (1987) a construção da masculinidade representa um processo penoso para os homens, pois a virilidade, considerada a marca latente da identidade masculina, exige que o homem renuncie a experimentar momentos que induzem à ideia de sensibilidade, fragilidade ou até de prazer (JANUÁRIO, 2016, p. 93).

A reflexão de Januário (2016) denota uma carga íntima que esse discurso do ser viril impõe ao homem, a representação criada pela referência à estrutura física e exigência social de que ele seja alguém forte e o sujeito ativo, por vezes leva à construção da violência. Conforme pontuado pelas feministas citadas anteriormente distancia deles a oportunidade de vivenciar com intensidade momentos de sensibilidade, fragilidade e prazer. Quando os homens se entregam a essas sensações e hábitos mais consensuados à mulher muitas vezes é acusado como afeminado ou menos homem, assim, o tabu de tratar da sexualidade na velhice é repleto por estigmas e falas pejorativas, além do próprio medo e, ou, negação dos homens em chegar a um estágio de redução das suas práticas sexuais.

é a perda de força e o impacto da doença sobre o vigor físico parece ser mais difícil para os homens conformarem-se com uma invalidez anunciada, com a perda da força e da atividade. A perda da capacidade erétil é associada a uma perda mais global, a da virilidade. Ser um homem viril e sexualmente ativo acabam em muitos casos por serem sinônimos, e não é sem dificuldade que se reconstrói uma identidade de idoso, já longe da memória dos anos da juventude.. Vários homens confessaram ter recorrido a medicamentos como o Viagra ou outros estimulantes sexuais, mas o êxito limitado e temporário de tais panaceias parecem não contribuir para afastar a sensação de que o envelhecimento conduz à perda progressiva de capacidade sexual, o que é sentido com tristeza, apesar de uma aparente aceitação do inevitável (ABOIM, 2014, p.221).

Desafiando esse tabu em torno da sexualidade na velhice a gerontologia tem avançado na compreensão de que a velhice não é assexuada, pelo contrário, tem surgido vários estudos que tratam das vivências sexuais entre os idosos, principalmente pelo aumento de DSTs entre esse público e por ampliar o entendimento sobre esse aspecto. Importa também conhecer como esse quesito é presente na vida dos idosos e quando necessário é ressignificado ou inovado de modo a ser vivido em sua plenitude conforme os limites fisiológicos.

Muitos dos mitos que se percebe com relação ao idoso e sua sexualidade é que o mesmo não pode mais vivenciar esta sexualidade, como se o envelhecimento carregasse consigo o desinteresse pela vida e a sexualidade fosse algo somente para jovens [...] A atividade sexual do idoso permite que a identidade deles seja reafirmada, pois o mesmo acaba oferecendo ao seu par algo que o agrada e o satisfaz, não preocupando-se mais com um bom desempenho físico e virilidade, e sim satisfação e prazer (TEIXEIRA, 2017, p. 28).

Isto posto, as representações sociais da velhice masculina são transversalizadas pelos discursos das masculinidades que interpelam o saber acerca de uma divisão de papéis sociais entre homens e mulheres e da fala de que aos homens não se destina a valorização do cuidado de si e nem dos outros, que historicamente as sociabilidades masculinas já se constroem no âmbito público conforme Farge e colaboradores (2001, p. 10) apresentam:

...os modos de sociabilidade masculina, tais como as abadias da juventude, os recrutas, os cafês e cabarés etc., [...] estudos sobre o lavadouro, o forno, o mercado e a casa e algumas avaliações sobre os lugares femininos pouco ou bastante ligados a tarefas de produção, enquanto os lugares masculinos são, na maioria das vezes, ligados ao lazer.

Ratifica-se a ideia de que as construções acerca de determinado objeto não são fixas, imutáveis e acabadas, pelo contrário, os entendimentos sobre as materialidades e sobre o relacionamento dos sujeitos e sociedade estão em constante composição. Os saberes em seus diferentes níveis e aspectos convivem em continuidades ou rupturas. Logo, as relações de envelhecimento e masculinidades têm outros marcadores além dos aqui citados e as experiências em torno do trabalho, sexualidade, família e cuidado podem ser diferentes das maneiras que foram tratadas. Importa a valorização das diferenças entre os sujeitos e sociedades que se investiga e o valor de contemplar a heterogeneidade nas análises do fenômeno envelhecimento e das velhices que se constituem.

Nesses termos são valiosas as investigações que buscam apreender as experiências e vivências das pessoas em seus próprios territórios e ambientes de socialização e que contemplam em suas metodologias a comunicação e linguagens dos pesquisados. Questiona-se, pois: os discursos de masculinidade e construções sociais da identidade masculina influenciam no interesse e participação dos homens nos serviços destinados a pessoa idosa? O que pensam os idosos e idosas que tem acesso e participam efetivamente desses recursos, sobre o seu próprio envelhecimento? As motivações de inserção e permanência nos grupos são iguais para homens e mulheres?

Nesse sentido, o próximo tópico apresenta discussões de estudos anteriores que se importaram em saber sobre a participação dos homens idosos nos grupos de convivência ressaltando as motivações para inclusão e permanência, os significados desses grupos para si e as suas vivências.

### 2.3 ESTUDOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO MASCULINA EM GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

Existem vários estudos realizados sobre Grupos de Convivência de Idosos no Brasil (MOTTA, 1999; BROD, 2004; ARAÚJO, COUTINHO & CARVALHO, 2005; KIST, 2011; SILVA, CAMINHA e GOMES, 2013). Contudo, são poucos aqueles que fizeram considerações sobre os homens integrantes desses grupos a exemplo, (BROD, 2004; KIST, 2011; VARGAS e PORTELLA, 2013).

Santos e Mazo (2015) investigaram exatamente essa participação masculina e o envolvimento com grupos a partir do critério do lazer, dentre os motivos que levaram os homens idosos a ingressar nos GCI investigados, tornou-se evidente que muitos procuram esses espaços para preencher uma parte do seu tempo “livre”, ampliado após a saída da esfera laboral; a busca pela vivência de determinadas atividades no lazer, como as turísticas, que nem sempre lhes estiveram acessíveis ou lhes foram possíveis em outros momentos de suas vidas; procura por atividades que pudessem lhes proporcionar alegria, prazer e satisfação, alternativas de diversão, distração ou de afastamento e variação da rotina de atividades (ou da falta dela) em suas residências.

É uma realidade semelhante à compartilhada pelos idosos portugueses investigados por Aboim (2014) que relataram a importância de atividades que lhes fizessem sentir-se ativos

na velhice, como forma de aceitar e conviver com o envelhecimento. Na maioria dos homens entrevistados, que tomaram a aposentadoria como partida para novas vivências, citaram a manutenção da atividade física ou mental e do convívio exterior como ações extremamente importantes para vitalidade nessa fase da vida.

No Brasil, os centros de convivência “tornam-se eficazes para reinserção social dos idosos, com maior valorização de sua trajetória de vida e experiências” (BATISTA, 2018, p. 63). Para Cabral (1997, p.16), os grupos “são lugares onde os idosos tecem relações de proximidade e aconchego caloroso”. “Esses grupos foram idealizados com objetivos, atividades e propostas diferenciadas, com espaços para o lazer, a sociabilidade, a cultura e a construção de uma consciência de cidadania” (ARAÚJO, COUTINHO e CARVALHO, 2005, p.120).

Das contribuições dos grupos na vida dessa população com mais de 60 anos, para citar algumas: “encontrar pessoas e, conseqüentemente, estreitar laços de amizade, despertando assim, o interesse pelo compromisso social, aumentando sua participação (XAVIER et al, 2015, p. 561). É fundamental mencionar que “a participação dos idosos nos grupos de convivência leva a um aprendizado, uma vez que compartilham ideias, experiências, e também ocorre reflexão sobre o cotidiano da vida destas pessoas” (CAMPOS, 1994, p.67).

Destaca-se a importância dos diversos grupos de organização da pessoa idosa e suas interferências no relacionamento da pessoa idosa e sua família,

caracterizando-se como espaços por excelência, onde as práticas sociais desenvolvidas contribuem para que os idosos exerçam seu papel de cidadãos, sendo um local onde eles utilizam suas potencialidades, onde há sempre alguém que os escute, propiciando a efetivação de laços de amizade e momentos de lazer, contribuindo, também, para o restabelecimento da auto-imagem positiva, uma vez que, em geral, o contexto familiar não favorece a utilização das potencialidades dos idosos (ARAÚJO, COUTINHO e CARVALHO, 2005, p. 121).

A depender do perfil do grupo podem favorecer orientações e desenvolvimento da Educação em Saúde, atividades físicas, apoio à família e da comunidade, lazer, segurança alimentar, assessoria jurídica dentre outros serviços. É elementar citar que possuem, também, uma carga afetiva, que favorece o desenvolvimento da autonomia do idoso.

Batista (2018) em uma pesquisa realizada com idosos do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), da cidade de Viçosa (MG) concluiu que o envolvimento dos idosos

nos grupos é um fator significativo para a melhoria da percepção sobre o mundo e aumento da autoconfiança. O autor destaca:

Eles afirmam ainda que os encontros e as atividades valorizam suas experiências de vida, adquiridas ao longo dos anos, estimulam o diálogo, propiciam à socialização, a confraternização e o aprendizado, o se que reflete em bem estar e saúde. Para os idosos, o pertencimento a um grupo de convivência tem se mostrado uma conquista e um momento de realização pessoal, se constituindo uma forma de romper com o isolamento e a solidão (BATISTA, 2018, p.65).

Assim, percebe-se nos grupos de idosos um potencial território de ressignificações das alianças e significados outrora construídos apenas no ambiente de trabalho. Acredita-se que grupos são fontes de novas estratégias de desenvolvimento social para o idoso e para a sociedade que envelhece, sendo espaços de socialização dos diversos saberes e oportunidade de desfrutar experiências ausentes ao longo da vida ou daquelas que estão marginalizadas e desvalorizadas pela sociedade, por exemplo, a memória dos idosos, a história viva da própria sociedade. Isto posto, reafirmando as teorias de gênero supracitadas não se trata de espaços sexuados, de caráter feminino ou masculino, determinados e acabados, em oposto, são espaços de novos delineamentos e possibilidades a toda a população idosa.

Possivelmente em resultado das construções em torno do gênero masculino, conforme explanados no item anterior, a participação de homens nos grupos de convivência é comumente inferior à das mulheres e às vezes inexistente. Pode-se lembrar a respeito das colocações de que ao homem sentimentos e necessidades devem ser suprimidos com vistas a não macular a sua masculinidade, “uma sensação que geraria uma constante insegurança nos homens, impulsionando-os para reações violentas” (JANUÁRIO, 2016, p. 99).

Alguns estudos acusam essa pequena participação dos homens nos grupos de idosos. Santos et al (2015, p.176) dizem “Os Grupos de Convivência para Idosos (GCI) são importantes exemplos de espaços que têm se deparado com a baixa participação de homens” (nesse estudo de 194 participantes apenas 46 eram homens); Maya e Peruena (2009, p.2) “pelo Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI/UFSM), ao constatar-se que de um grupo composto por aproximadamente 35 participantes, em geral 23% eram homens.”; em Cabral (1997) “Das 600 pessoas participantes dos grupos observados, o percentual de mulheres atinge 87%, enquanto os homens são apenas 13%”.

O ingresso dos homens nos grupos se dá por diferentes motivações, tais como: expectativa de ampliar as redes de relacionamentos através do conhecimento de outras pessoas podendo obter novos vínculos de amizade. Já a permanência desses homens nos

grupos deve-se ao sentimento de satisfação e de identificar-se com as ações. Na experiência referenciada em Florianópolis (SC) as atividades mais evidenciadas pelo sexo masculino foram aquelas que se referem ao esporte e lazer no qual “o lazer institui-se como agente promotor da sociabilidade” (SANTOS et al, 2015, p. 185).

Com base na seguridade social e responsabilização do Estado e sociedade pelo bem estar da pessoa idosa os grupos estão consolidados, desde os pioneiros grupos de aposentados iniciados pelo Serviço Social do Comércio- SESC e mais recente na Política de Assistência Social através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, bem como do Sistema Único de Saúde através da Política Nacional de Saúde do Idoso que tem implementado diferentes grupos de acompanhamento nas Unidades Básicas de Saúde, além dos mais diversos filantrópicos e autônomos.

Mas, importa a construção permanente da cidadania em todos os setores de modo a dedicar aos idosos o direito a convivência e autonomia social exaurindo as práticas de isolamento e discriminação social. Os grupos de convivência são apenas um dos recursos disponíveis pela sociedade e Estado a serem aproveitados pela pessoa idosa, outras políticas e ações são fundamentais para preservar a qualidade de vida na velhice.

Seguramente há representações que definem em plenitude um ser e outras que são grosseiramente impostas por uma hegemonia e que atravessam as escolhas e expectativas dos indivíduos, assim, não cabe uma definição genérica sobre velhice e de quem é idoso, de quais papéis sociais constituem o ser homem e o ser masculino. Agente histórico e sujeito de direitos, a pessoa idosa é perpassada por desejos e representações de sua identidade que estão em constante formação em um campo plural, de múltiplas vivacidades e experiências. Em consequência dessa mobilidade de ideias, noções e perspectivas em torno das construções sociais sobre envelhecimento, velhices e gênero já se visualiza experiência entre os homens que se diferem dos discursos da masculinidade patriarcal e dominante.

### **3 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E ANALÍTICOS DA PESQUISA**

Compreende-se que as concepções sociais sobre determinado objeto e as experiências do vivido são delineadas pelo tempo e contexto social que se está inserido, ao passo que, compete o esforço para se investigar experiências pouco ou não evidenciadas no campo científico e identificar o processo de formação das representações. O envelhecimento é um processo diverso e as representações sociais têm diferentes formas de serem apreendidas segundo as várias epistemologias que carregam em si seus limites analíticos, próprios de qualquer referencial teórico, demarcado pela visão de mundo de cada cientista. Nesse sentido, se admite o entrecruzamento de teorias e métodos que se complementam e permitam maior reconhecimento das experiências vividas, das estratégias desenvolvidas e percepções construídas sobre a velhice.

Contrário a qualquer forma de saber que deseje institucionalizar um conhecimento universal e irrefutável, segue-se nesse estudo as teorias críticas à uma ciência hegemônica, pragmática, cientificista e linear. Essa lógica racionalista voltada para formação socioeconômica do capitalismo empenha-se em um projeto de modernidade que promete ao homem autonomia, liberdade e controle sobre a natureza, mas não tem dado respostas práticas às mazelas sociais e questões adquiridas pela própria evolução científica, além de menosprezar o conhecimento popular e invalidar a figura do leigo (NETTO, 1992; IANNI, 1996; SANTOS, 2005).

Em contrapartida, estudos vinculados à parâmetros desconstrutivistas e inovadores visam a ampliação de conceitos, interdisciplinaridade e uso das subjetividades e sensibilidades do pesquisador para explanação de conteúdos e uso de técnicas pouco usuais em modelos hegemônicos. Com esse propósito, encaminha-se a escolha por concepções construcionistas e emancipadoras que prevê o contínuo movimento da construção do saber crendo que não há um caminho unívoco e nem um crescimento de uma explicação ou estudo inferior para o superior, assim, destaca-se os estudos de Serge Moscovici e Denise Jodelet que enveredam por caminhos metodológicos que visam o estreitamento entre ciência e senso comum.

Está no centro das investigações de Serge Moscovici as relações entre ciência e o senso comum. Em seu trabalho deixou claro que dentre suas principais críticas estava o

desprezo pelas ideias que julgavam as pessoas como incapazes de pensar (WOLTER, 2015). Sendo contrário às práticas de ruptura entre conhecimento científico e conhecimento comum, Moscovici promoveu a perspectiva de um conhecimento continuado entre essas esferas, assim o pensamento científico se difunde no campo cotidiano. Essa proposta da transformação da ciência em senso comum e a oposição à ideia de que as pessoas não podem pensar de forma racional e científica foram fundamentais no desenvolvimento da Teoria das Representações Sociais (MARKOVÁ, 2017).

O termo Representações sociais foi um resgate feito pelo francês Serge Moscovici em sua célebre obra *Psychanalyse, son image et son public* publicada em 1961, quando negou a dicotomia existente entre o individual e o social, campos explorados respectivamente pela Psicologia conhecida por tratar o sujeito na sua individualidade e pela Sociologia com seus estudos sobre a relação do sujeito com a sociedade em seus comportamentos coletivos (SILVA, CARMO E SILVA, 2015). Nesse sentido, o psicólogo ao formular essa teoria esclarece a fundamental escolha em abarcar uma visão ternária dos fatos, envolvendo sujeito individual, sujeito social e objeto. “Tal abordagem abre as portas para uma visão multifacetada da relação entre os três termos” (WOLTER 2015, p. 36).

Destaca-se a nobreza dessa obra de Moscovici porque a partir da sua peculiar inovação crítica, em discordar dos modelos de difusão do conhecimento tradicionais tornou-se seminal para diversas elaborações subjacentes a sua escrita que esmeram-se em enfatizar concordâncias ou posturas que a confrontam e assim contribuem com a consolidação da Teoria das Representações Sociais (JESUÍNO, 2014; JODELET, 2014).

Para tratar das fundamentações teóricas, nas primeiras edições de *Psychanalyse, son image et son public* recupera-se um conceito introduzido por Durkheim em finais do século XIX, “representação coletiva”, que vai permanecer esquecido durante cerca de meio século. A princípio destaca-se na referida obra uma inconsistência ao termo “coletivas” pela dificuldade de conceber o sujeito coletivo e ainda pela positividade de Durkheim que subestima as possibilidades de inovação adquiridas pelos processos psicológicos locais (JODELET, 2014). Moscovici procura retomar e reformular o termo dentro de um novo espírito, seguindo o interesse de um grupo de psicólogos sociais vislumbraram a possibilidade de estudar os comportamentos e as relações sociais sem deformá-las e nem simplifica-las (MOSCOVICI, 2011).

### 3.1 SOBRE AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DE DURKHEIM

Ao pensar as contribuições de Durkheim enquanto idealizador da Sociologia lembra-se que ele traçou a sistematização de métodos investigativos que pudessem consolidar essa ciência, diferenciando-a de outras correntes, definindo os seus objetos próprios de estudo. Em seus esforços analíticos muito se vê a preocupação em discutir o nível de integração entre o indivíduo e a sociedade e é a partir dessa tarefa que trabalha com os conceitos: Fato Social, consciência coletiva e representações coletivas.

Ao longo de suas obras se dedicou a contribuir com a sociologia do conhecimento ficando claro aos seus estudiosos um movimento da consciência coletiva para as representações coletivas como conceito-chave da análise sociológica. Na sua obra *Formas Elementares da Vida Religiosa* uma das principais preocupações de Durkheim é que as categorias do conhecimento são representações coletivas e a partir dessas se compreende as práticas sociais e fenômenos sociais por apreender as expressões simbólicas do cotidiano (PINHEIRO FILHO, 2004). “Vários autores que analisam as origens das representações sociais consideram a influência da obra de Durkheim fundamental no processo de elaboração da Teoria das Representações Sociais” (COUTINHO; ARAÚJO; SARAIVA, 2013, p.11).

No artigo “A noção de representação em Durkheim” o autor Pinheiro Filho (2004) disserta sobre o pensamento de Durkheim acerca da dualidade da natureza humana quando afirmava a característica de “homo duplex” referindo-se à individualidade (corpo) e tudo aquilo que está fora de si, qual seja a alma que transcende o próprio homem, referindo-se à sociedade. “Apenas a vida coletiva faz do indivíduo uma personalidade, dando forma à consciência moral e pensamento lógico que têm origem e destinação social”. A partir dessa compreensão ao tratar da organização social e das relações dos indivíduos que se esboça as noções de representação formuladas no fenômeno da associação entre os homens.

Síntese de elementos dispersos no meio social, as representações coletivas remetem à natureza supra-individual do homem, exprimem o ideal coletivo que tem origem na religião. São portanto impessoais e estáveis, comuns a todos na medida mesma em que emanam da comunidade dos homens; e, assim, instrumentos de inteligência do mundo e comunicação entre as razões individuais (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 143).

Essas formulações a respeito das representações coletivas enquanto conceitos criados na vivência em sociedade a partir das formas como pensa as coisas de sua própria existência

colocou Durkheim no debate filosófico a respeito das categorias do conhecimento (PINHEIRO FILHO, 2004; OLIVEIRA, 2012).

Oliveira (2012) escreve sobre a trajetória do termo representações em Durkheim desde suas obras iniciais até *As Formas Elementares da Vida Religiosa* ressaltando ainda artigos menores e os cursos ministrados e esclarece que em toda a vida desse sociólogo estava preocupado com as representações, tendo se destacado mais o conceito de Fato Social por questões científicas da época talvez pela maior facilidade de ser apreendido e de ser método de classificação.

Empenhado em fazer da Sociologia uma ciência, Durkheim é conhecido pelo conceito de Fato Social, no entanto, na trajetória de suas produções percebe-se que a análise objetiva das coisas, sinteticamente, era incapaz de explicar a produção do conhecimento, capacidade que passa a ser adquirida com as representações coletivas. Na compreensão de Fato Social, destaca-se o conceito traçado por Durkheim:

É toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa existir (DURKHEIM, 1990, p.11).

Em síntese, Fato Social é algo genérico, externo e coercitivo. Inclui também maneiras de fazer, de pensar, julgar, sentir; formas coletivas de agir ou pensar que geram representações e ações; envolve as práticas e crenças constituídas (regras jurídicas e morais, dogmas religiosos, sistema financeiros, crenças, tomadas coletivamente).

Fato Social e representações sociais tem similaridades, mas o primeiro situa-se como mais funcional e coercitivo e o segundo volta-se para relevâncias do simbolismo, mas mantém seu aspecto coercitivo, genérico e externo.

Durkheim tratou inicialmente das consciências coletivas como as categorias e conhecimentos socialmente produzidos. É através do estudo da questão religiosa que desenvolve o termo representações coletivas porque via o fenômeno religioso como um sistema de representações definido na ordem social e de alguma forma mental porque diante desse sistema estava as consciências individuais submetidas às sanções. “em *As formas*, Durkheim consegue, através do emprego do conceito de *representações coletivas*, apresentar a dimensão coletiva e científica do conhecimento produzido pela vida religiosa, em particular, mas pela vida social como um todo” (OLIVEIRA, 2012, p.69).

O conceito de representações coletivas é forjado no cotidiano das interações sociais, “as representações coletivas sintetizam o que os homens pensam sobre si mesmo e sobre a realidade que os cerca” (OLIVEIRA, 2012, p.71). Durkheim ao avançar na análise sobre a divisão do trabalho social e a distinção das sociedades modernas encontra no termo representações coletivas a possibilidade de “explorar a relação entre corpo social e formas mentais” (OLIVEIRA, 2012, p. 75).

Em sua obra “O Suicídio” na tarefa de classificar e diferenciar os atos de suicídio ressalta que esta ação quando fato sociológico interveio os costumes, as tradições, as representações negativas. Retoma-se com maior ênfase o uso de representações coletivas produzidas no mundo social e afirma que “As representações têm antes de tudo por função exprimir uma realidade que elas não são; ao contrário, elas vêm dela” (Durkheim, 1897, livro 2, p. 81). “É através das representações que se pode observar o quão lógica e organizada é a vida em sociedade” (OLIVEIRA, 2012, p.84).

Em resumo, o conceito de representações coletivas é ao mesmo tempo forma de conhecimento e guia para as ações sociais, justamente os sentidos mais desenvolvidos por toda a corrente da Psicologia Social desenvolvida e liderada por Serge Moscovici (IDEM, p. 71).

Coutinho, Araújo e Saraiva (2013) afirmam que para Durkheim as representações coletivas são o produto de imensa cooperação delineada no espaço e no tempo, “configuravam-se em uma classe de crenças que procurava dar conta de fenômenos como a religião, os mitos, a ciência, as categorias de espaço e tempo, em termos de conhecimentos inerentes à sociedade, constituindo a “coisa” do grupo e fazendo dele uma unidade” (p. 12), diferente das representações individuais que tem por substrato a consciência de cada um.

Reconhecida a maestria das contribuições acadêmicas de Durkheim, principalmente para institucionalização da Sociologia, tem-se a consciência de que ele foi um dos principais autores da corrente científica chamada Positivismo, que se firma em ideias que não cabem mais nas ciências sociais de hoje, ainda que se reconheça que permanecem em muitas pesquisas atuais, mas não é desejável. Fala-se aqui da compreensão da sociedade humana como algo regulada por leis naturais, ou por leis semelhantes às naturais, invariáveis, independentes da vontade e da ação humana; sobre defesa de que os métodos e procedimentos para conhecer a sociedade são semelhantes aos utilizados para conhecer a natureza; e que as ciências sociais devem funcionar exatamente segundo as ciências da natureza sendo objetivas, neutras, livres de juízo de valor, de ideologias e prenoções.

Na corrente positivista a metodologia das ciências naturais e ciências sociais são semelhantes, distingue-se apenas o objeto, por isso usa a classificação dos fatos sociais. “Na verdade, uma classificação deve antes de tudo, ter por objetivo abreviar o trabalho científico substituindo à multiplicidade indefinida dos indivíduos por um número restrito de tipos” (DURKHEIM, 1990, p.69).

Dessas características supramencionadas identifica-se as principais oposições críticas elencadas por Moscovici à ciência quando, contrário a esses paradigmas empenha-se em valorizar os conhecimentos construídos no senso comum. Ele é contrário também a “hipersocialização durkheimiana conduzindo à secundarização da variância introduzida pelos processos psicológicos” (JESUÍNO, 2015, p. 60).

Se em Durkheim as representações coletivas se caracterizavam pela estabilidade, coercitividade, e ser genérico, de certo modo ainda aproximado das abstrações filosóficas, onde “o pensamento coletivo deveria ser estudado em si e para si mesmo” (COUTINHO, ARAÚJO e SARAIVA, 2013) para Moscovici as representações sociais “não é construída apenas pela vontade da coletividade, como defendia Durkheim, mas pelas relações individuais e coletivas” (SANTOS e DIAS, 2015, p. 175); são fenômenos que precisam ser descritos, profundamente analisados porque é um rico modo de criar a realidade e o senso comum (MOSCOVICI, 2007; JESUÍNO, 2015; TEIXERIRA, 2017).

Motivado por um espírito inovador, Moscovici, trata as representações sociais como novas possibilidades interdisciplinares do saber, que reúne reflexões coletivas diversas e difusas nas práticas comuns, “conduz seu pensamento e investigação ao lugar onde foram geradas as representações sociais, não onde o conhecimento foi corrompido e distorcido” (COUTINHO, ARAÚJO e SARAIVA, 2013, p.13) Em consequência, cria uma teoria aberta a novos desenvolvimentos e investigações democráticas possíveis para investigação nas infinitas áreas do conhecimento.

Como toda teoria, Ela é prenhe de constantes debates intelectuais que corroboram com suas ideias originais, algumas sempre favoráveis ou outras com certas oposições, mas que não se tornam divergentes à matriz da grande Teoria das Representações Sociais. Assim, delineiam-se algumas abordagens que ressaltam aspectos específicos para tratar das representações sociais, as principais são: Abordagem Processual de Moscovici e Jodelet, Abordagem Estrutural e a Teoria do Núcleo Central de Abric e Pereira de Sá e a Abordagem Societal de Doise.

### 3.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA MOSCOVICI E JODELET

A Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici reconhece *Representações Sociais* como o conjunto de crenças, conceitos e explicações que surgem no cotidiano permitindo reproduzir um novo dado, objeto ou um acontecimento. O autor enfatiza que tais representações surgem no meio social e se modificam de acordo com o tempo, e gradualmente, evocam novas representações (MOSCOVICI, 2007).

Moscovici assume a missão de estudar e expandir o senso comum, suas imagens, noções, o impacto das massas e da comunicação no pensamento (COUTINHO, ARAÚJO e SARAIVA, 2013). Logo, a Teoria das Representações Sociais implica uma desnaturalização dos objetos sociais e afirma-as como um criado social tendo sua elaboração, difusão e mudança do conhecimento compartilhado no discurso cotidiano dos grupos sociais (JODELET, 2011; MOSCOVICI, 2011).

Denise Jodelet, referência no estudo das representações sociais e dedicação em organizar e explicar as propostas de Moscovici argumenta:

A teoria de Moscovici é, ao mesmo tempo, “útil” se a julgarmos pelas aplicações que ela suscitou nos diversos campos, “verdadeira” se considerarmos, como na filosofia do conhecimento, que uma verdade é uma asserção justificada e, como Tarde, que ela é reconhecida e compartilhada no espaço e no tempo, como evidenciado pela ampla adesão manifestada no meio científico, e “bela” pelos vários modelos que foram inventados a partir de sua formulação fundadora (JODELET, 2014, p.264).

Essa mesma autora salienta que as Representações Sociais surgem da necessidade de saber o que se entende do mundo ainda que construído no senso comum que leva a compreender, interpretar e guiar ações frente a determinado assunto, apresentando-se e sendo viável sua aplicação nos diversos campos do conhecimento, conduzindo as comunicações sociais, advindas dos processos de assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo (JODELET, 2001).

Sobre a reformulação do termo utilizado por Durkheim optando pela denominação – representações sociais- visou o seu interesse em apontar a perspectiva de sociedade em transformação, ressaltando o potencial inovador da vida em sociedade que não está findada. O próprio Moscovici (2001, p. 61) esclarece:

Um abandono devido ao fato de que ela (representação coletiva) Denota uma estrutura cognitiva específica, e não uma vasta classe de ideia ou de conhecimentos, todos de origem coletiva... a palavra coletivo pode aplicar-se a tudo; logo, não designa nada.

Uma boa definição acerca das representações é exposta por Denise Jodelet “a representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22). Trindade, Souza e Almeida (2015, p. 361) enfatizam essas colocações argumentando que,

o conceito de representação social designa uma forma de conhecimento específico, o saber de senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais largamente, ele designa uma forma de pensamento social. As RS são modalidades de pensamento prático, orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal.

Feita a crítica às epistemologias tradicionais, para se compreender as representações sociais convém diferencia-las dos conceitos de opinião, atitude e imagem. A priori essas diferenciações são importantes por ressaltar o entendimento presente na Teoria das Representações Sociais de que não há uma ruptura dada entre o universo exterior e o universo interior do indivíduo, do qual esses conceitos não são apenas reações que expressam avaliações ou julgamentos dos sujeitos sobre um objeto. A compreensão de Moscovici (1961/1976) desses diversos conceitos atribui a eles outro contexto epistemológico que rompe com dicotomias clássicas (IDEM).

As imagens, as opiniões e as atitudes, quando inseridas nestes sistemas que sustentam as RS, deixam de ser compreendidas como objetos isolados e parciais e ganham delineamentos holísticos e interdependentes. A opinião é uma reação dos indivíduos a um objeto que é dado de fora, “assim como a atitude, orientação para a ação, a opinião é uma preparação para a ação, tendo uma virtude preditiva”. Inversamente a esses conceitos fragmentados, nas representações sociais, não há uma separação entre o universo exterior e o universo interior do indivíduo, “o sujeito “se” constitui enquanto representa algo” (COUTINHO, ARAÚJO e SARAIVA, 2013, p. 15). Haja vista que, a opinião já é a representação de algo, posto que a resposta a um estímulo está em sua origem e as representações por sua vez tem o poder de organizar o que vai sendo reaprendido no domínio sensorial.

Semelhante movimento se verifica no tocante às imagens, elemento que compõe o conceito de RS, mas com maior complexidade, “as imagens não se separam da potencialidade criativa dos objetos e dos sujeitos, que reorganizam, constituem e são constituídos de forma infinitamente nova [...] quando o sujeito exprime suas opiniões e atitudes sobre um objeto ele já formulou uma representação deste” (TRINDADE, SOUZA e ALMEIDA, 2014, p. 141).

Jodelet (2014) lembra que Moscovici não gostava dos conceitos de opinião ou de atitude “nem do ponto de vista intelectual nem do ponto vista estético”, e acentuado o seu projeto inovador de evocar novas epistemologias traça um caminho para superar a dicotomia entre as abordagens sociológicas e psicológicas do comportamento humano através das representações sociais.

As representações adquiridas em momentos de classificações dos elementos e de seu próprio enquadramento em grupos determinados a partir das partilhas e socialização influenciam as pessoas em suas escolhas, identidade e conceitos. Sob uma relação dupla: as representações se forjavam na comunicação e tinham como finalidade orientar as comunicações (JODELET, 2014).

Sobre as origens e finalidades das representações sociais, destaca-se

As representações sociais são constituídas no nosso dia a dia através da comunicação, seja pela mídia ou em lugares públicos, e a partir do momento que ocorre essa interação acontecem transformações, gerando algo novo. Esse novo é ocasionado no universo reificado da ciência (mundo restrito e objetivo) e divulgado pelos meios de comunicação no universo consensual (práticas interativas do dia a dia que produz representação social) (TEIXEIRA, 2017, p.49).

Impulsionado pelas inquietações sobre a configuração da ciência e as lacunas relativas ao senso comum “Moscovici considerou relevante o conhecimento popular e o conhecimento cultural, gerados pela conversação, propaganda, mídia e outros meios de comunicação baseados na linguagem” (COUTINHO; ARAÚJO; SARAIVA, 2013, p.11). Esse é um dos postulados da elaboração de sistemas intelectuais e suas formas, Moscovici examina a incidência da comunicação em três níveis: a emergência das representações sociais quando se verifica a dispersão e a defasagem das informações acerca do objeto representado, o foco em determinados aspectos demarcado pelo interesse dos sujeitos e a pressão referente ao reconhecimento e adesão dos outros; ao nível de formação das representações através dos fenômenos de objetivação e ancoragem; ao nível de edificação da conduta onde os sistemas midiáticos intervêm na difusão, propagação e propaganda relacionadas a formação de opinião, atitudes e estereótipos, respectivamente (JODELET, 2011).

Nesse processo comunicativo e de aproximação com o novo e, portanto, estranho, é que se criam as representações sociais. Ao mostrar que a gênese de uma representação implica em uma atividade de transformação do não-familiar em familiar, de um saber científico em outro saber, que é o senso comum, Moscovici em sua tese elaborou os conceitos de objetivação e ancoragem, referindo-se a dois processos fundamentais na formação de uma representação social, para explicar como se processa essa atividade (TRINDADE, SOUZA e ALMEIDA, 2015).

Ancoragem é a introdução do não familiar para um contexto familiar a partir do resgate das memórias do indivíduo, reconhecer algo estranho e, portanto, temeroso já que está no campo do desconhecido. É quando o indivíduo compara um objeto novo, incomum há algo que já é comum a ele. A objetivação tem como propósito tornar realidade algo abstrato, corporificar ideias e pensamentos, reproduzir um conceito em uma imagem com materialidade (MOSCOVICI, 2003).

A objetivação tem a função de dar sentido as coisas, aproximar uma nova e estranha apreensão em uma ideia compreensível ao seu próprio entendimento.

Ela transforma um conceito em imagem de uma coisa, retirando-o de seu quadro conceitual científico. Trata-se de privilegiar certas informações em detrimento de outras, simplificando-as, dissociando-as de seu contexto original de produção e associando-as ao contexto do conhecimento imagético do sujeito ou do grupo. A retenção das informações “salientes é acompanhada de um ajustamento”, onde certas informações assumem um papel mais importante que outras. Trata-se, enfim, de transformar o que é abstrato, complexo ou novo em imagem concreta e significativa, apoiando-se em concepções que nos são familiares (TRINDADE, SOUZA E ALMEIDA, 2015, p.145).

A Objetivação ocorre a partir de três fases: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização, sintetizados por Teixeira (2017, p.50):

Por construção seletiva entende-se a triagem das informações, crenças e idéias a cerca do objeto em estudo, pois somente uma parte da informação referente a ele será útil. A segunda fase do processo de objetivação é a esquematização, que em suma é a organização dos elementos que acabam por construir um padrão de relações estruturadas que se entrelaçam, ou seja, formam-se esquemas que remetem a uma imagem, o que permite a materialização de um conceito ou palavra. E por fim a naturalização, onde os conceitos que foram retidos nos esquemas figurativos e suas relações constituem-se como categorias naturais e adquirem materialidade.

Com o processo de Ancoragem assegura-se por seu intermédio três funções da representação: incorporação do novo, interpretação da realidade e orientação dos comportamentos. Este processo é organizado de três condições estruturantes: atribuição de sentido que utiliza as memórias e os valores; a instrumentalização do saber que assimila um instrumento referencial de construção das relações sociais e o enraizamento no sistema de pensamento que incorpora ao novo um saber familiarizado gerando outra interpretação da realidade (NÓBREGA, 2001).

Jodelet (2011) reforça as qualidades de fluidez e intensidade das trocas e comunicações, desenvolvimento da ciência, pluralidade e mobilidade sociais, pelas quais as representações sociais orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais, elas intervêm no desenvolvimento individual e coletivo, nas identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e as transformações sociais.

Compreendendo, pois, a relevância das Representações Sociais, é importante as investigações com o escopo de apreender esses conceitos formulados socialmente e verificar como os contextos sociais interferem nas práticas relacionais construídas no cotidiano. A partir dessa teoria de Moscovici é possível analisar algumas concepções assimiladas à velhice, tomando as noções, as construções vivenciais na história, no grupo e nas aproximações feitas por cada sujeito em sua trajetória de vida.

Considerando as representações forjadas no cotidiano e a simplicidade das linguagens e dos conhecimentos oriundos no senso comum refletem-se relações com a velhice como algo positivo ou negativo, representações sobre ser idoso e ser idosa, compreendendo o envelhecimento como processo desejável ou elemento de rejeição.

### 3.3 A TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL

A Teoria do Núcleo central é tida hoje como complementar à Grande Teoria das Representações Sociais e se une às iniciativas que tem interesse em propor avanços teóricos e metodológicos a esse campo que, agora já consolidado, passou por um período de fortes críticas acadêmicas sobre seus conceitos e os processos fundamentais, de ancoragem e objetivação. A partir de ideias formuladas pelo Grupo *Midi*, basicamente a Teoria do Núcleo

Central discute e traça resolutividades à problemática de sistematização dos elementos constitutivos das representações sociais.

A Teoria do Núcleo Central parte da abordagem genética de Moscovici que confere a existência de um *núcleo figurativo* formado por elementos cognitivos descontextualizados da estrutura original e eles teriam certa autonomia sobre a construção de determinado objeto em estudo e de tudo que se relaciona a ele. Embora o termo núcleo central remeta a ideia de estrutura da representação, e por certo tempo, tenha havido uma excessiva atenção ao núcleo central em si, essa abordagem reconhece que esse pensamento foi negligente e insuficiente quando se aceita a composição global das representações e que coexistem elementos periféricos com funções distintas.

De modo geral aspira-se nessa abordagem um caráter mais heurístico ao campo de estudo das representações sociais. Segundo Sá (1996, p.22) citando Abric (1994) “as representações são ao mesmo tempo estáveis e móveis, rígidas e flexíveis e as representações são consensuais, mas, também marcadas por fortes diferenças interindividuais”. Com intuito de solucionar essa questão, Abric (1994) inferiu em compreender a representação social como uma entidade estruturada por um sistema interno duplo e interdependente, sendo os elementos centrais e os periféricos que explicam a constituição e o funcionamento das representações.

Na definição dos elementos do sistema central, Sá (1996, p.22) expõe que são formados pelas seguintes características:

1. é marcado pela memória coletiva, refletindo as condições sóciohistórica; e os valores do grupo;
2. constitui a base: comum, consensual. coletivamente partilhada das representações, definindo a homogeneidade do grupo social;
3. é estável, coerente. resistente a mudança, assegurando assim a continuidade e a permanência da representação;
4. é relativamente pouco sensível ao contexto social e material imediato no qual a representação se manifesta. Suas funções são gerar o significado básico da representação e determinar a organização global de todos os elementos.

Haveria também um sistema periférico responsável pelas funções normativas e consensuais do sistema central dele resulta a mobilidade, flexibilidade e expressão individualizada da representação. Em suma, as funções desse sistema tratam da adaptação à realidade concreta e na diferenciação do conteúdo da representação. Acerca de suas características, Sá (1996, p.22) menciona: “permite a integração das experiências e histórias individuais; 2. suporta a heterogeneidade do grupo e as contradições: 3. é evolutivo e sensível ao contexto imediato”.

Para ultrapassar uma tarefa apenas teórica buscou-se definir as diferenças entre os elementos cognitivos de cada sistema, é o que propôs Flament (1994) que inicia por argumentar que uma cognição é prescritiva ou descritiva que em nível prático as cognições devem sempre prover algum tipo de prescrição de conduta. Em seguida o mesmo autor distingue as prescrições absolutas e prescrições condicionais com base na ideia de "as prescrições tendem a aparecer no nível discursivo como incondicionais, enquanto no nível cognitivo elas são em sua maioria condicionais" (FLAMENT, 1994b, p.38), ou seja, a hipótese levantada é de que quando as pessoas expressam algum julgamento absoluto ele foi previamente formulado por outras concepções condicionais. Assim, as prescrições absolutas seriam o composto do núcleo central e as prescrições condicionais o sistema periférico.

Desse entendimento, a Teoria do Núcleo Central possibilitou estudos comparativos e de transformação das representações sociais a partir das práticas sociais. Ao analisar o cotidiano dos grupos é possível identificar que os elementos que os do núcleo central, verificados pelas prescrições absolutas, são mais rígidos a mudanças estão envoltos das concepções coletivas e o sistema periférico demonstra maior variância. Dessa forma, abre-se caminhos para compreender a respeito da matriz do objeto, de quando se trata de uma nova representação sobre ele ou das diversas manifestações discursivas e condicional da mesma representação.

Ainda como produto dessa corrente crítica e complementar da Teoria das Representações Sociais desenvolveu-se a abordagem societal das representações sociais, que tem como principal mentor Willem Doise. Dentre suas contribuições sublinha a necessidade de evitar limitações e reducionismos à noção de representação social ressaltando os múltiplos processos individuais, interindividuais, intergrupais e ideológicas que resultam em realidades vivas. São essas ideias que se discute no item anterior.

### 3.4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM WILLEM DOISE

Essa abordagem apresenta forte caráter relacional presente entre os conceitos coletivos e as relações sociais de interação, valores e crenças. O objetivo dessa abordagem é "conectar o individual ao coletivo, de buscar a articulação de explicações de *ordem individual* com explicações de *ordem societal*, evidenciando que os processos de que os indivíduos dispõem

para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais” (ALMEIDA, 2009, p. 719).

Almeida (2009) aponta quatro níveis de análise: os processos intraindividuais, interpessoais, intergrupais e sociais. Os processos intraindividuais se direcionam as formas de como os sujeitos lidam e organizam suas vivências com o meio que estão situados. Os processos interpessoais ressaltam o sentido das experiências sociais de interação, e os intergrupais, analisam as posições como os sujeitos se localizam nos grupos e interagem com o grupo em sua dimensão intraindividual e interpessoal. Já a respeito dos processos sociais entende-se que crenças, avaliações e normas sociais produzem significados aos comportamentos dos indivíduos e criam diferenciações sociais.

Importa destacar que esses níveis não estão dissociados entre si, não seguem uma progressão linear ou rígida definição de que determinada experiência é tratada em apenas um desses níveis e em outro não. Trata-se de uma ferramenta de análise das representações sociais com intenção de facilitar articulações entre as relações dos sujeitos com o grupo.

Doise (2011) dedica atenção em caracterizar a importância dos processos objetivação e ancoragem na análise desse complexo vivo que é as representações sociais. Diz pois, a objetivação torna concreto o que é abstrato, a noção de atitude circunscrita na ampla utilização do indivíduo já é uma representação. Sobre a ancoragem, fala que consiste na incorporação de aspectos estranhos em uma rede de familiaridade. Expõe ainda que esses processos dão importância ao estudo daqueles que desejam associar o psicológico e o sociológico, vincular as atitudes individuais e psicológicas aos aspectos sociais significa estudá-las como representações sociais.

Dos aspectos complexos, Doise (2011) segue refletindo que toda definição das representações sociais em termos consensos é insuficiente, as representações sociais são tomadas de natureza diferente, assim, é necessário relacionar sistemas complexos dos indivíduos com relações simbólicas entre os atores sociais.

As propostas de construção do conhecimento encontradas na Teoria das Representações Sociais permite aprofundar as investigações acerca das representações da velhice masculina emergindo os múltiplos saberes e partilha das experiências possíveis quando o sujeito se depara com as inovações encontradas na velhice e as necessárias ressignificações da vida. E, além disso, o próprio sujeito permitir-se revisitar os conceitos empreendidos na história e combater os rótulos e expectativas sociais que suprimem dos homens a capacidade de vivenciar papéis e experiências que lhes foram ou, sejam estranhos

em algum momento podendo travar novos diálogos e escolhas na construção de suas identidades.

Ainda sobre as escolhas de aporte teórico que firmam esse presente estudo evidencia-se como pertinentes as proposições da Teoria das Representações Sociais acerca do desenvolvimento científico, especialmente, quanto às críticas dirigidas aos processos implementados pela ciência moderna. É fundamental seu aspecto crítico e questionador sobre as máximas científicas que se distanciam dos sujeitos leigos, aqueles fora dos centros acadêmicos, e de menosprezar o senso comum. Destarte, reafirma-se o valor do diálogo entre os saberes, removendo as hierarquias postuladas entre saber científico e senso comum, desse modo compreende-se possível e objeto de compromisso ético e social trabalhar o rigor de uma ciência mantendo um estreito relacionamento com as questões sociais e sociedade em geral.

## 4 OBJETIVOS

### 4.1 OBJETIVOS

#### 4.1.1 *Geral*

Analisar as representações sociais da velhice masculina entre homens idosos participantes de grupos de convivência.

#### 4.1.2 *Específicos*

Identificar as representações sociais de homens idosos sobre sua velhice;

Apreender as representações sociais de homens idosos sobre o que é ser homem na velhice

Compreender as concepções psicossociais acerca da participação destes em grupos de convivência.

## 5 MÉTODO

### 5.1 TIPO DE INVESTIGAÇÃO

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório com dados transversais e por conveniência.

### 5.2 LOCUS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa de campo foi realizada nos Centros de Referência da Assistência Social – CRAS do município de Parnaíba-PI.

A instituição constitui apenas local de realização das entrevistas e aplicação dos instrumentos ou como mediadora para contato com os homens idosos e não têm nenhum tipo de responsabilidade sobre a pesquisa.

### 5.3 PARTICIPANTES

Participaram desse estudo, 05 (cinco) idosos do sexo masculino participantes de grupos de convivências. Essa amostra é constituída pela totalidade dos idosos participantes que possuem os critérios de inclusão na pesquisa, quais sejam: possuir 60 anos e mais; participar de forma voluntária e anônima; ter as condições cognitivas preservadas; idosos homens que participem a no mínimo 1 ano (12 meses) nos grupos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) desenvolvido no município de Parnaíba-PI.

O referido município possui sete unidades de CRAS e em todos eles SCFV para idosos, no entanto, em alguns grupos não há participação masculina e, em todas as unidades, apenas oito integrantes homens possuem o mínimo de doze meses vinculados ao Serviço. No entanto, dois não demonstraram capacidades cognitivas preservadas que permitissem um diálogo coeso e outro, participante da zona rural, não estava presente nas ocasiões que a pesquisadora visitou o campo. Os participantes deveriam estar inscritos nos Centros de Referência da Assistência Social- CRAS do município de Parnaíba-PI, tiveram livre escolha

para participar ou não da presente pesquisa, podendo desistir a qualquer momento e por fim sua participação deu-se de forma voluntária e anônima.

Dos cinco homens que participam deste estudo, possuem idades entre 62 e 79 anos (M= 70,4 anos). Os dados sociodemográficos podem ser visualizados na tabela 3:

TABELA 3 – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS IDOSOS

Participante	Idade	Estado civil	Escolaridade	PGC*	Religião	Ocupação	Reside
1.	62 anos	Casado	Alfabetizado	5 anos	Católica	Aposentado	Esposa
2.	68 anos	Viúvo	Alfabetizado	5 anos	Católica	Aposentado	Sozinho
3.	68 anos	Casado	Ens. Fundamental	1 ano	Católica	Aposentado	Esposa e filhos
4.	75 anos	Casado	4ª ano	10 anos	Católica	Aposentado	Esposa e filhos
5.	79 anos	Solteiro	Ens. Fundamental	12 anos	Católica	Aposentado	Sozinho

\*Participação em grupo de convivência para idosos

Conforme as informações da tabela 3, todos os participantes são aposentados, dois deles vivem sozinhos, dois com a esposa e filhos e um apenas com a esposa; todos são alfabetizados, mas, possuem escolaridade baixa, o ensino fundamental é o maior nível; o tempo de participação no grupo varia de um a doze anos.

Os critérios de exclusão foram: estar há menos de doze meses no grupo, recusa na participação do estudo e não possuir as capacidades cognitivas preservadas.

#### 5.4 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados para proceder a pesquisa e inserção no campo foram uma carta de apresentação à instituição, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) para a instituição e os participantes, com cópias assinadas sob responsabilidade da pesquisadora. Para a coleta de dados aplicou-se três instrumentos:

- Questionário sóciodemográfico (APÊNDICE B), com a finalidade de obter informações sobre o perfil dos idosos que participam dos grupos de convivência, com perguntas tais como: idade, tempo que participa do grupo, renda, escolaridade, estado civil, com quem vive, a sua cor, e outras informações.

- Teste de Associação Livre de Palavras – TALP (APÊNDICE C), com o interesse de obter representações sociais sobre idosos e a convivência em grupos, com os seguintes estímulos indutores: Homem Idoso; Velhice; Grupo de Convivência. Esse instrumento seguiu as orientações de Nóbrega e Coutinho (2003) para adaptação ao público idoso através da formulação da seguinte frase: “Se eu lhe digo *termo indutor* para o senhor *termo indutor* é... ele também é...”. A segunda oração “e também é...” teve o intuito de dar sequencia a expressão de mais representações sobre o termo indutor. Uma segunda ficha destinou espaço para que os idosos pudessem dizer o porquê determinada noção.

- Entrevista semi-estruturada (APÊNDICE D) com o escopo de verificar entre os homens idosos suas representações sobre as masculinidades, grupos de convivências e as formas de expressões da velhice masculina, dando-lhes possibilidade de se expressar livremente apontando relatos de sua história de vida e experiências que demarcam sua masculinidade. As questões elaboradas foram as seguintes: Para o Senhor como é envelhecer (envelhecimento)? Para o senhor o que é ser homem idoso? O que faz o homem idoso participar do grupo?

## 5.5 PROCEDIMENTOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Inicialmente o projeto de pesquisa foi enviado para avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Ministro Reis Veloso (CMRV), e obteve autorização sob o CAAE: 69705517.7.0000.5214 (ANEXO A), obtendo autorização para sua execução por meio do parecer nº 2.164.777, orientado pelas diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais envolvendo seres humanos conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Após a aprovação foi contatada a Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania – SEDESC órgão gestor dos Centros de Referência da Assistência Social onde a pesquisa foi realizada, para solicitar autorização para início da coleta de dados. O documento de

autorização institucional foi assinado e carimbado pela secretária municipal e apresentado às coordenações imediatas dos centros quando solicitado.

A composição da amostra se deu de forma não probabilística, sendo aplicados os instrumentos para todos os idosos que se dispuseram a participar da pesquisa e que possuíam os critérios de inclusão descritos no projeto de pesquisa e citados no item 5.3 Participantes.

## 5.6 COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu nos Centros de Referência da Assistência Social – CRAS do município de Parnaíba, propriamente nos grupos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) para idosos. Inicialmente contactou-se as coordenadoras e a equipe técnica das sete unidades para saber sobre a participação de homens, em apenas 4 delas identificou-se participantes do sexo masculino, essas unidades foram visitadas e a pesquisa foi apresentada aos profissionais e ao público convidando-os para colaborarem de forma voluntária com esse estudo. A aplicação dos instrumentos se deu de forma individualizada no próprio espaço do CRAS por considerar mais cômodo ao idoso aproveitando o deslocamento e tempo que ele já costuma dedicar às atividades propostas, apenas em duas ocasiões os idosos foram visitados em domicílio para aplicação de um dos instrumentos.

No primeiro momento os homens participantes dos grupos de convivência, tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), lido pela própria pesquisadora onde foram repassadas todas as informações sobre a pesquisa e as implicações que a sua participação acarretava e também foram informados sobre as questões do sigilo, risco e benefícios da pesquisa, sobre o livre arbítrio em participar ou não e até mesmo desistir de sua participação a qualquer momento sem nenhum prejuízo. Os idosos assinaram esse documento e deu-se início a coleta.

Inicialmente foi aplicado o questionário sociodemográfico a fim de caracterizar os partícipes da pesquisa. Logo em seguida foi aplicado o Teste de Associação Livre de Palavras - TALP, com objetivo de colher informações que viessem à mente de forma espontânea.

Em uma ocasião diferente ao dia que fora aplicado o questionário e TALP aplicou-se a entrevista semiestruturada com o interesse de conhecer a história de vida desses homens e a sua experiência particular da velhice. Optou-se por um momento exclusivo para a entrevista com o intuito de maior aproveitamento das falas e evitar a síntese do pensamento do

entrevistado que poderia relacionar às questões aos termos indutores do TALP. Levando em média 30 minutos para sua aplicação. É válido salientar que serão garantidos todo sigilo e confidencialidade das respostas dos participantes.

Para resguardar o sigilo sobre a identidade dos sujeitos conforme acordado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eles foram apresentados através de pseudônimos, nos quais adotou-se nomes de palmeiras e outras vegetações típicas do Piauí como homenagem ao território de pertencimento dos idosos e em alguns casos representando as relações de trabalho dos sujeitos, dessa forma encontram-se na análise dos dados os pseudônimos: Carnaúba, Coqueiro, Tucum, Mandacaru e Babaçu.

## 5.7 ANÁLISE DOS DADOS

As informações obtidas nesta pesquisa foram analisadas em seu conjunto por alguns instrumentos descritos a seguir. Os dados colhidos relacionados ao Teste de Associação Livre de Palavras – TALP foram analisados pela Teoria das Redes Semânticas, uma ferramenta metodológica que segundo Vera-Noriega (2005) é utilizada para que se possa conhecer, com elevado nível de precisão, o significado de um grupo e o núcleo estruturante de cada representação. As palavras citadas são organizadas em rede segundo seu significado e relação de sentido exposto pelos sujeitos.

Para apreender com mais clareza as representações sociais sobre a velhice masculina e participação dos homens nos grupos de convivência utilizou-se a entrevista semiestruturada que permitiu explicar os pensamentos expostos através do TALP. Os dados obtidos pelas entrevistas semiestruturadas foram analisados considerando a Análise de conteúdo de Bardin (2009) que “tem por objetivo a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma realidade.”, possibilitando a apresentação dos resultados e interpretação das mensagens compartilhadas.

A análise de Conteúdo é uma ferramenta de interesse aos objetivos propostos nessa pesquisa porque permite produzir inferências sobre os discursos dos homens. Acredita-se que o diálogo com os próprios homens e análise de suas falas buscando os sentidos de seus dizeres e suas emoções ao explicar sua palavra favorece o alcance dos conhecimentos pretendidos. “Na AC o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as

unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem.” (CAREGNATTO e MUTTI, 2006, p.683).

Para Bardin (1977) a AC é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens”. Deste modo é uma técnica propícia para análise das representações sociais que tem a comunicação social como condição de possibilidade e determinação das representações e do pensamento sociais.

Basicamente nesse estudo, se opera com a análise categorial que reúne os elementos comuns no fragmento do texto em estudo agrupando-os por sua proximidade, “é colocá-lo em uma das classes de equivalências definidas, a partir das significações” (CAREGNATTO e MUTTI, 2006, p.683).

Essa técnica se processa em três etapas: pré-análise, a exploração do material e o tratamento do material dos resultados e interpretação. Respectivamente exige-se em cada etapa: organização do conteúdo a ser analisado, codificação dos dados a partir das unidades de registro e classificação dos elementos por semelhanças e por diferenciação reagrupando-os de acordo com suas características comuns (BARDIN, 1977; CAREGNATTO e MUTTI, 2006). Essa técnica foi facilmente aplicada considerando-se a pequena quantidade de participantes e similaridades quanto a situação socioeconômica, grau de instrução e vivências entre o grupo.

Tomou-se como relevante na análise e exposição dos dados conservar as características do conteúdo analisado, dessa forma, não foram feitas correções gramaticais e outras formalidades da língua portuguesa nas transcrições das entrevistas. Compreende-se que a exposição das falas conforme transcrição bruta das entrevistas, sem interferências da pesquisadora demonstra o vocabulário usual dos sujeitos da pesquisa, o grau de instrução que tem e assim sugere que, conforme defendido pela Teoria das Representações Sociais e outras teorias da sociologia crítica, os saberes científico e do senso comum precisam estar em contínuo diálogo. Além disso, todo sujeito se torna capaz de interpretar e representar, da sua maneira, o seu contexto social, os conceitos aos quais está dialogando em suas experiências pessoais e coletivas e através deles formular suas próprias representações sociais e se representar através de suas formulações.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da técnica de associação livre de palavras, utilizou-se três estímulos indutores, “homem idoso”, “velhice” e “grupo de convivência” a fim de elucidar sobre as representações sociais de homens idosos que participam de grupos de convivência sobre os referidos termos. Quanto ao estímulo indutor “homem idoso”, as representações sociais demonstraram a palavra “experiência” com maior peso semântico, correspondendo aos componentes atrelados a experiência de envelhecer. Um participante explica sobre a experiência, “*um capítulo da vida, pelo que se viveu, para chegar até se passou por muita coisa, tristeza, alegria, coisas boas e coisas ruins*” (Mandacaru, 75 anos, casado, 10 anos PGCI). Na tabela 4, é possível visualizar as outras palavras que formaram o núcleo da rede.

TABELA 4 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TERMO INDUTOR “HOMEM IDOSO”.

<b>Núcleo de rede (NR)</b>	<b>Peso semântico (PS)</b>	<b>Distância semântica qualitativa (DSQ)%</b>
Experiência	15	100%
Viver com saúde	12	80%
Lembranças	3	20%
Alegria	2	13%
Tristeza	1	7%

Viver com saúde remete a um dos objetivos da natureza humana, viver com saúde é ter qualidade de vida, autoestima, bem-estar, segurança. Essa representação social reflete o desejo de envelhecer com saúde e da importância desta para o homem idoso. De acordo com o participante Carnaúba, “*é ruim ser idoso e não ter saúde*” (Carnaúba, solteiro, 79 anos, 12 anos PGC). Tal fato reforça sobre o que se encontra por trás da palavra saúde, além dos dados citados, a saúde é fundamental para autonomia do idoso e realização das atividades da vida

diária. Reflete, portanto, os possíveis ultrajes acerca dos ideais de masculinidade interpostos pela sociedade, do homem potente, ativo, provedor e as enfermidades que comprometem essas expectativas e ameaçam o convívio social desse homem.

As lembranças são comuns quando se fala em velhice e ainda complementa o termo experiência, tendo em vista que as lembranças formam o legado da vida da pessoa idosa. Neste contexto, estes três primeiros núcleos de rede podem estar atravessados de alguma forma nos dois últimos. Isto, partindo da ideia que a experiência, a vida saudável e as lembranças podem estar atravessadas por momentos de alegria e tristeza.

Para entender melhor sobre a fase do desenvolvimento o estímulo indutor “velhice” segue a investigação de modo a complementar além da ótica do homem idoso. O primeiro núcleo da rede foi a evocação *vida*, que provavelmente está atravessada pelo contexto de que a velhice é saber que se vivenciou todo um processo de amadurecimento e viver reflete o desejo de continuar construindo experiência nas esferas biopsicossociais.

A representação mais prevalente, *vida*, acentua o avesso à concepção de finitude ou senilidade que corriqueiramente é relacionada à velhice. Nesse instrumento a velhice aparece como tempo de melhorias, para cuidar mais de si mesmo, ter novas experiências no tempo livre. Ao falar sobre o termo *vida*, os homens idosos atribuíam algumas qualificações, como *vida boa*, *vida melhor* e *viver com saúde*.

TABELA 5 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TERMO INDUTOR “VELHICE”.

<b>Núcleo de rede (NR)</b>	<b>Peso semântico (PS)</b>	<b>Distância semântica qualitativa (DSQ)%</b>
Vida	10	100%
Dificuldade	8	80%
Saúde	6	60%
Fragilidade	4	40%
Paciência	1	10%

A palavra dificuldade apresentou-se como a segunda mais relevante, podendo exibir representações sociais da velhice em torno das dificuldades em ser idoso. Que envolvem a fragilidade, senilidade e autonomia da pessoa idosa. Observa-se que os núcleos de rede estão sistematicamente associados, em vista que a terceira palavra indica a representação social de saúde, sendo associada a vida e a dificuldade. Essas dificuldades podem estar relacionadas também aos conflitos intergeracionais e às mudanças no campo físico ou social que provocam incômodo nas atividades cotidianas, por exemplo, enfrentar situações de violação dos direitos ou lidar com a solidão na velhice.

Os idosos explanam no termo saúde, a necessidade de ter uma vida saudável e a constante busca de saúde como um pré-requisito para a qualidade de vida. O participante Mandacaru (75 anos, casado, 10 anos PGCI), aborda que “quando ficamos velhos, tem que ser com saúde”. Denota-se nesse quesito a perspectiva dos direitos sociais fundamentais, aqui em especial, a saúde. Logo, se as condições materiais e sociais permitiram a chegada à velhice é basilar que permaneça sendo viabilizados os direitos a viver esse momento com saúde preservando a autonomia do idoso.

A fragilidade surgiu em meio a representações de que na velhice as habilidades motoras são diminuídas, presença de doenças, redução da autonomia e fraqueza diante das atividades da vida diária. O termo paciência, possivelmente, indica a necessidade de ter calma e de saber lidar com as mudanças advindas do processo de envelhecimento. Além disso, o senhor Mandacaru, explica sobre a falta de paciência, que em muitos casos *“fazem o que não pode, fica agoniado, se machuca, as vezes cai. A gente fica com teimosia e acaba fazendo as coisas sem paciência”*. Sugere-se que esse termo “paciência” coaduna com um momento de necessária aceitação das mudanças advindas da velhice, seja no desempenho físico ou alterações nos papéis sociais, ou ainda, a relação com as novas fontes de conhecimento e tecnologias. Ter paciência para compreender outras diferentes possibilidades de executar tarefas que eram feitas com mais velocidade, individuais e autônomas e que passam a exigir mais atenção, coletividade e até mesmo a responsabilização dos filhos enquanto papel social destes em cuidar dos seus pais idosos.

A terceira palavra estímulo foi escolhida para que se compreenda os atravessamentos advindos de participar de um grupo de convivência para idosos. O núcleo de rede com maior peso semântico foi “amizade”, que indica a importância dos laços afetivos adquiridos com o grupo de fortalecimento de vínculos. E em seguida, o termo convivência, expondo sobre as relações intragrupo, tal como as atividades realizadas que possibilitam a socialização e compartilhar histórias, momentos, problemas, conquistas.

TABELA 6 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TERMO INDUTOR “GRUPO DE CONVIVÊNCIA”.

<b>Núcleo de rede (NR)</b>	<b>Peso semântico (PS)</b>	<b>Distância semântica qualitativa (DSQ)%</b>
Amizade	10	100%
Convivência	8	80%
Alegria	6	60%
Conversar	4	40%
Fraternidade	1	10%

O termo alegria expressa o sentimento sentido diante das atividades realizadas no grupo de convivência, como capoterapia, ginástica, alongamento, relaxamento, atividades lúdicas, artesanato e educação em saúde, especialmente as rodas de conversas informais e partilhas de vivências. A palavra conversar reforça as representações sociais de amizade e convivência. Em que muitas vezes, o idoso não tem espaço para conversar e se expressar, e quando se está num grupo de convivência com outras pessoas de idades aproximadas, o diálogo entre si é facilitado.

O núcleo de rede fraternidade traz novamente a importância dos laços afetivos. Considerando o perfil dos idosos participantes, casados, viúvos e solteiros, nos quais, os viúvos e solteiro encontram no grupo a possibilidade de confraternizar-se com pessoas de experiências similares. Deste modo, percebe-se que os grupos de convivência possibilitam a integração entre idosos, provocando melhorias no âmbito social, que provavelmente afeta a autoestima e a qualidade de vida.

A respeito da entrevista semiestruturada guiada por três perguntas norteadoras, quais sejam: Para o senhor o que é envelhecer?; Para o senhor o que é ser homem na velhice?; Para o senhor, o que faz o homem participar de grupo de convivência? Esse instrumento objetivou conhecer com profundidade as representações sociais dos homens acerca do seu próprio

envelhecimento e da sua velhice ressaltando a participação espontânea em grupos de convivência.

Os dados apreendidos junto aos idosos desta pesquisa, a partir das análises das entrevistas, obtiveram quatro categorias temáticas, sendo elas: 1) *Representações Sociais sobre o Envelhecer*; 2) *Representações Sociais da velhice*; 3) *Representações Sociais a velhice masculina* e 4) *Representações Sociais sobre Grupos de Convivência*, com as suas quinze subcategorias no total. No que diz respeito à primeira categoria, relacionada às representações sociais sobre o envelhecer, obtiveram-se como subcategorias: *senescência, determinação divina e sofrimento*. Na segunda categoria temática, que se refere às Representações Sociais da velhice, destacam-se as subcategorias: *Perdas, saúde/doença, felicidade e senescência*. Na terceira categoria temática acerca das Representações Sociais sobre a velhice masculina evidenciou-se as subcategorias: *aceitação, autocuidado, experiência, negação da velhice e doença*. Por último, a respeito da categoria Representações Sociais sobre Grupos de Convivência destaca-se os termos: *Saúde, socialização e aprendizado*.

Demonstrou-se na primeira categoria temática, Representações Sociais sobre o envelhecer (ver Tabela 7), que os idosos entrevistados mencionam a relação entre a vida e o tempo natural da existência, reconhecem o envelhecimento enquanto processo biológico presente na natureza, mediante a passagem dos anos e determinação da própria natureza sobre sua origem e a finitude. Em menor proporção encontrou-se nas falas dos idosos, menções a *determinação divina* tendo a vida como dom recebido por Deus, e o *sofrimento* em que foram realizadas referências aos desgastes físicos vivenciadas ao longo da vida principalmente em relação aos tipos de trabalho realizados e preocupações sofridas.

TABELA 7 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O ENVELHECER

<b>Subcategorias</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
Senescência	11	65%
Determinação Divina	03	17,50%
Sufrimento	03	17,50%
Total	17	100%

Quando indagado sobre o que é envelhecer persistiu a ideia de senescência ancorada na percepção do tempo vivido, como se verifica na resposta: “*Envelhecer: o tempo passando e nós vivendo*” (Babaçu, 66 anos, casado, 5 anos PGC); outro disse: “*Envelhecer é uma coisa que vem da origem humana. Todo mundo tem esse direito de envelhecer*”. (Mandacaru, 75 anos, casado, 10 anos PGC). Outro modo de compreender o envelhecimento referiu-se as fases da vida e às perdas quando se expõe um processo crescente do ser criança até a fase adulta e depois havendo um retrocesso às características da infância conforme a fala: “*nós é criança ficamo adulto, rapaz depois adulto e agora é virar criança de novo*” (Carnaúba, 79 anos, solteiro, 12 anos PGC). Esse último trecho remete à ideia de senescência quando entendida por envelhecimento normal e acarreta aos indivíduos algumas transformações e disfunções que ocorrem por conta dessas modificações corporais, comuns a todo sujeito que envelhece (CIOSAK, et. al., 2011; PAPALIA e FELDMAN, 2016). Denota-se a ideia de que o envelhecimento atinge certo nível de desenvolvimento e na última fase da vida a pessoa regride às vivências de criança.

Quando os idosos explicaram sobre os meios de perceber o envelhecer, ressaltaram a passagem do tempo e as mudanças do corpo, as falas seguintes atestam esse naturalismo: “ *você percebe, mas você não sente, percebe que as coisas ta mudando*” (Mandacaru, 75 anos, casado, 10 anos PGC).

*os anos ta se passando, o tempo ta se passando e eu to vivendo e é muito fácil da gente saber. A tendência de nós é, é como a mesma coisa dum pé de árvore, um pé de árvore ela cresce e a gente vai adubando ela. E ela vai vivendo uma vida de juventude, mas ela vai chegar uma vida também de terminação (Babaçu, 62 anos, casado, 05 anos PGC).*

A fala supracitada ao se comparar com uma árvore demonstra a relação feita sobre a vida na natureza, onde os seres vivos possuem um ciclo natural de nascer, viver e morrer. A literatura recente também elabora os conceitos de envelhecimento em torno dos aspectos biológicos e fisiológicos do ser, além dos fatores psicológicos e sociais (ARAÚJO e SILVA, 2017; FERNANDES e ANDRADE, 2016).

Para alguns entrevistados, especialmente os idosos mais velhos, destacou-se a relação espiritual que denota o envelhecimento como dádiva divina ou poder da natureza que determina o começo e o fim da vida, como se vê nas seguintes falas: “*O meu tempo ta se passando. Eu to aqui até quando Deus quiser e pronto*” (Babaçu, 62 anos, casado, 5 anos

PGCI); um idoso de 75 anos diz: “*é um dom que vem do ser humano. Já dado pela natureza. Pelo criador*” (Mandacaru, 75 anos, casado, 10 anos PGCI); um idoso de 79 anos coloca: “*É determinado por Deus[...] é dado por Deus*” (Carnaúba, 79 anos, solteiro, 12 anos PGCI). Verificam-se nesses trechos, dois aspectos: a fé e a ideia de finitude de que o envelhecer leva a um caminho para o fim da vida.

A respeito da expressão sofrimento, os idosos frisaram as vivências ao longo da vida, em particular aos tipos e condições de trabalho que acarretam em desgastes físicos. Mencionaram também os sofrimentos derivados de conflitos familiares e intergeracionais, de modo que essas experiências são, na representação dos idosos, fatores determinantes para o modo como a pessoa envelhece. É o que se apresenta nas seguintes falas: “*É porque as pessoas com sofrimento, que não tem uma mordomia, uma vida boa, uma vida legal... agora você uma pessoa que sofre fica vei ligeiro. Agora uma pessoa que nasce do berço de ouro num fica vei não*” (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI). Outro idoso relatou o sofrimento psicológico, “*eu vejo um amigo meu, do meu tempo, ele ta acabado viu? mas num é de, de...acabado assim de sofrimento, dos filhos dentro de casa, tudo dar as orde*” (Coqueiro, 68 anos, casado, 1 ano PGCI). Essas colocações confirmam a literatura sobre o envelhecimento enquanto processo social, multifacetado e particular a cada experiência (VERAS et al., 2015).

TABELA 8 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A VELHICE

<b>Subcategorias</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
Perdas	22	37%
Senescência	21	35%
Saúde/doença	12	20%
Felicidade	05	8%
Total	60	100%

Acerca da segunda categoria temática Representações Sociais sobre a velhice, as principais referências se ancoraram na relação de perdas e trata da representação da velhice como tempo de redução das capacidades fisiológicas especialmente a perda de memória,

diminuição da força e do equilíbrio, além de perda das habilidades sociais como autoridade familiar e mesmo da autonomia para decidir as próprias coisas e sair sozinho, por exemplo. Alguns desses sentimentos de perda encaminham a terceira subcategoria mais expressiva, saúde/doença com 20% do corpus em análise. A junção desses dois termos contrastantes se deve a forma encontrada para designar o desejo de ter saúde quando os idosos afirmam que ela é indispensável para a velhice boa, ao passo que os idosos relatam que na velhice convive-se com o adoecimento manifestado na mobilidade reduzida, visão fragilizada e dores diversas.

A senescência se repete nessa categoria através dos depoimentos de aceitação das perdas e da aquisição de doenças, como questões próprias de quem envelhece, apresentando um conformismo com essas mudanças, como um “ônus” para quem alcança a velhice permanecendo o desejo pela obtenção de saúde. A fala do senhor Mandacaru esclarece sobre a convivência com algumas perdas obtidas com a velhice, “*E a velhice você sente todo dia ela vai diminuindo a vista [...] A criança vai sentindo crescer, ela vai renovando e nós não a nossa vida vai... a gente sente ela ir diminuindo, ela não vai desenvolvendo*” (Mandacaru 75, anos, casado, 10 anos PGCI). Essa comparação feita com a infância a coloca como fase de ganhos e de evolução enquanto a velhice é referida como tempo de decrepitude. O mesmo entrevistado em outro momento coloca que as perdas físicas afetam outros aspectos, como a perda de autonomia e redução da sua independência conforme a fala seguinte:

*mas fisicamente, se você é um idoso que tem saúde, fisicamente você tá se balançando, se movimentando mas todo dia você sente a diferença até que chega um ponto que você as vezes não pode mais andar, fica dominado pelos outros. Lá em casa, por exemplo, meus filhos não querem mais que nós ande só (Mandacaru, casado, 75 anos, 10 anos PGCI).*

Outro idoso fala de perdas sociais e da perda de autoridade no núcleo familiar expressando que tais fatos denotam sentimentos de impotência e passividade diante de questões conflituosas e violentas.

*Hoje os fi faz o que quer com os pai. E hoje com essa lei que deram, esse apoio federal... de proibir o filho de ajudar o pai, é o que eles querem, tão matando tão estuprando, tão fazendo de tudo... e o idoso do lado vendo aquilo, assistindo de camarote, tem vontade de se intrometer, mas num tem saúde, num pode resolver nada. Ai se diz, o homem sem ação! (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI).*

A subcategoria senescência, que já havia aparecido na primeira categoria temática representações sobre envelhecimento retorna referindo-se a velhice como finitude da vida, o

reconhecimento da idade avançada e as várias formas de caracterizar a velhice pela percepção da passagem do tempo, conforme o idoso Babaçu: *“Eu to dentro de 60 e poucos anos. Eu fui criança de um dia de vida. Eu já to com 60 e tantos anos”* (Babaçu, 62 anos, casado, 5 anos PGCI) e o idoso Tucum: *“a velhice é uma coisa que ela entra na vida da gente sem a gente sentir, você não sente, você percebe mas você não sente, percebe que as coisa ta mudando”* (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI). Encontrou-se também a afirmação de que todos desejam alcançar a velhice como ordem natural da vida mesmo que ela sinalize o corpo envelhecido, segundo a fala adiante: *“Todo mundo tem esse direito de envelhecer. Não tem esse que diga assim eu não, Deus me livre deu morrer, Deus me livre adoecer Deus me livre de envelhecer. Não, a velhice vem assim é um dom que vem do ser humano. Já dado pela natureza.”* (Mandacaru, 75 anos, casado, 10 anos PGCI).

A relação entre velhice, saúde e doença é um dado frequente nas pesquisas em torno desse tema. Dos relatos, emergiu a subcategoria saúde/doença com registros de saúde fragilizada; necessidade de saúde e exemplos de tipos de doenças adquiridas na velhice, como explica este senhor:

*A vida da pessoa quando ele vai quando passa dos 50 pra frente, olha, eu to vendo. A gente tem aquela vontade, aquela ansiedade mas a saúde não ajuda, o corpo não ajuda mais. Isso é envelhecer ela vai envolvendo a gente com a... a saúde com a doença, ela traz os dois, [...] eu mais minha esposa, se nós sai assim nós dois, nós dois agarrado na mão do outro, eu digo: minha vea vamos segurar aqui nós dois porque se cair cai nós dois. Ai se cair pra se levantar (risos). É assim. A vida é desse jeito. Agora a tendência do idoso é essa, mas ele sempre tem aquela esperança, aquela fé, a fé da gente é só de um dia pro outro melhorar (risos)* (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI).

A doença é enfatizada nas questões que envolvem a dificuldade de manter independência nas tarefas do dia a dia, por exemplo, os lapsos na memória *“ai quando ta bem vein vai ficando ficando de novo... num vai mais sabendo de nada”* (Carnaúba, 79 anos, solteiro, 12 anos PGCI) e as incapacidades de alguma função, que além das limitações físicas interferem na autoestima, como se percebe no recorte *“Ainda sou um assim cara assim ainda mei jovem, mas só Deus sabe da minha saúde [...] Mas tem gente, pela aborrecido... quando passa dos 60 fica aborrecido”* (Coqueiro, 68 anos, casado, 1 ano PGCI). Esses trechos exemplam o desejo em possuir saúde melhor que aquela presente no momento da entrevista.

Contrastando com os desânimos das doenças e saúde fragilizada, os idosos expressaram ser felizes na condição de velhos, em alguns casos podendo experimentar coisas

que foram suprimidas ao longo da vida. A última representação referida à velhice trata da *Felicidade*, conforme o depoimento: “*Eu me sinto feliz sobre a minha velhice. Muito feliz, eu sou respeitado, onde eu chego todo mundo gosta de mim*” (Coqueiro, 68 anos, casado, 1 ano PGCI). Apenas esse idoso caracterizou explicitamente a velhice como tempo de felicidade, mas, outro entrevistado tendo compartilhado sua trajetória de vida relatou que na velhice encontrou uma vida com menos sofrimento e mais possibilidades de melhorias a partir de alguns ganhos: “*Eu tive uma vida mais melhor, num fiquei muito vei, porque era pra eu ser mais vei, mas quando eu cheguei, depois que minha mulher morreu ai eu tomei mais um fôlego né. E os fi tudo já grande cada qual sabe, tem a casa deles eu tomei mais um fôlego*” (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI). Essa experiência exemplifica as influências das questões de gênero na conduta e papéis sociais do homem, tido como provedor da família; nesse caso particular a velhice é ancorada no sentimento de felicidade, como provisão positiva na ressignificação das responsabilidades atribuídas ao longo da vida. Em síntese, a literatura costuma apresentar que a aposentadoria é um processo doloroso para os homens por afetar seu poder social e familiar, no entanto, para o senhor Tucum não ter a responsabilidade de prover o lar é favorável para manter sua longevidade e bem-estar.

A terceira categoria temática atendeu ao objetivo específico: “Aprender as representações sociais de homens idosos sobre o que é ser homem na velhice”; e se propôs evidenciar especialmente as vivências do homem. Um importante aspecto dessa construção, em dissonância com as masculinidades dominantes de acordo com a literatura (CONNELL, 2013), os idosos participantes dessa pesquisa trazem características diferentes de masculinidade arrogante, agressiva, prepotente dentre outras afins ao discurso dominante. Nos depoimentos dos cinco homens entrevistados pode-se perceber a presença de discursos de gênero no viés de caracterizar os papéis sociais do masculino e feminino, no entanto, em suas colocações os próprios homens reconhecem o comportamento de alguns homens critérios da masculinidade dominante, no entanto, empenham-se em enveredar em condutas diferenciadas, por exemplo: zelar pelo autocuidado; reconhecer a necessidade da saúde, fazer tarefas domésticas, participar de grupos e outras coisas.

Vale ressaltar que a especificidade do público em estudo, homens participantes de grupos de convivência, por livre demanda e escolha pessoal já os caracteriza como sujeitos masculinos representantes das masculinidades subordinadas, afeitos a estratégias de autocuidado, aceitando-se como minoria nesses espaços (faz-se essa ressalva para frisar que não há nenhuma situação onde o homem idoso fora obrigado por determinação judicial ou de

qualquer órgão de garantia de direitos sob forma de cumprimento de medidas, sendo, pois, motivados por seu próprio interesse).

Antes de caracterizar os homens na velhice, é importante identificar o que é ser homem. Quais os critérios para essa construção social, elencados pelos entrevistados? As principais características citadas foram: Ter respeito para si e com os demais; conviver bem com a família e ser responsável pela manutenção do lar. Desses três elementos todos estão alicerçados na ideia de família, colocada como centro da identidade masculina, seja na formação do caráter ou pela responsabilidade do homem em ser provedor. A fala a seguir destaca o valor empreendido à família na formação da identidade masculina e ressalta a importância do critério de responsabilidade:

*é a pessoa ter respeito pelo outro. Sem agressividade. Ter um amor, um carinho, ter a união com o próximo, com os amigos e a família. é isso que eu digo, ter o capricho de ser dono de casa e se manter. Porque hoje, na via que nós tamo casa hoje e amanhã se separa. Tanta criança com os filho no braço (Mandacaru, 75 anos, casado, 10 anos PGCI).*

Vale dizer que falas como essas, que unem a ideia de respeito e de família, se repetiram entre os casados e viúvos. Nesses discursos, percebe-se o reconhecimento da divisão dos papéis sociais entre homem e mulher que influenciam nas representações sociais sobre homem, até mesmo a imagem construída sobre cada gênero, conforme dito “*mesmo que uma mulher de calça e um chapeuzim na cabeça, mas de longe, lá vem um homem*” (Mandacaru, 75 anos, casado, 10 anos PGCI), veja que as vestimentas parecem ser privativas de determinado grupo. No entanto, a postura assumida pelo grupo entrevistado é diferente do padrão social hegemônico.

Destarte, ser homem, para os idosos que participam dessa pesquisa envolve conviver bem em sociedade a partir da boa relação com a família, tendo como requisito compartilhar as tarefas domésticas, cuidar de si e do outro, respeitar regras sociais.

Sobre a categoria temática Representações Sociais da velhice masculina (ver Tabela 9), a principal referência feita foi a presença de doença com 36% dos dados analisados, ressaltando as mudanças adquiridas entre o corpo jovem e o corpo do homem idoso; a segunda subcategoria mais expressiva foi aceitação, com 27% e trata do entendimento do homem sobre a velhice como fase da vida, o conformismo com a condição de “idoso”; *Autocuidado* e *experiência* apresentam a mesma frequência de conteúdo e se referem a

qualidades do homem idoso. Com baixa frequência encontrou-se algumas falas que remetem a negação da velhice com 3% do conteúdo analisado.

TABELA 9 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE MASCULINA

Subcategorias	Frequência	Porcentagem
Doença	23	36%
Aceitação	17	27%
Autocuidado	10	16%
Experiência	10	16%
Negação da velhice	03	5%
Total	63	100%

Os idosos elucidam a velhice amiúde como sinônimo de perdas e de doença, é comum perceber o entendimento de que os problemas de saúde na velhice são componente dessa fase da vida, como se o idoso estivesse condenado a sua condição (Giacomin; Santos; Firmo, 2013) nesse pensamento emergem situações que descrevem as limitações físicas, comprometimento cognitivo e incapacidade para algumas tarefas que embora planejadas e desejadas pelo idoso não são alcançadas. Destarte, é um problema enfrentado na velhice que causa desconforto e incômodo para o homem, como pode ser notado nas falas de quase todos os entrevistados: *“hoje já tenho 60 mais de 60, então a minha potencialidade já baixou muito, eu não sou mais aquele jovem que eu tinha antes”* (Homem 1) questionado sobre que tipo de potencialidade ele se referia, respondeu o seguinte: *“Tudo enfim que você possa imaginar. Força, coragem, e determinação”* (Babaçu, 62 anos, casado, 5 anos PGCI). *“Se o idoso se atrepar num banco desse pra pular lá embaixo o que ele ta querendo é se acidentar o idoso tem que se conscientizar que ele é uma pessoa já de menas capacidade”* (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI). Um idoso esclarece como as alterações fisiológicas afetam a sua vida,

*Porque um homem de 66 anos certo, ele tendo saúde, ele faz ainda alguma coisa, que tenha saúde. Agora num tendo... que toma remédio controlado, tomo remédio pro mocotó, mesmo que eu tenha vontade, eu me debilito, pelo medicamento corta o efeito, da relação sexual (Coqueiro, 68 anos, casado, 1 ano PGCI).*

Coelho, Giacomini e Firmo (2016) dialogam que cada homem idoso compõe uma forma de adequar sua realidade aos ideais de masculinidade, produtividade e de saúde. A sexualidade é tratada como um importante aspecto na definição da identidade masculina e quando discutida junto ao critério de saúde fragilizada é comum encontrar casos que acentuam adequações da atividade sexual conforme descreve o idoso:

*Porque num é todo tempo e nós tem relação com a minha mulher e nós já somo de idade mesmo né? A gente faz meno um carinho, amor tudo é a merma coisa quando nós tem carinho uma pessoa num carece fazer outra coisa impossível NÉ? Tem que manter a união, o amor, a felicidade, nós se sente bem, nós dorme junto, tudim, vamo passeia junto, vamo pra Igreja junto, então assim não falta amor. Mesmo que num tenha relações mas nós tem amor de carinho um pelo outro, amizade [...] faço minhas coisinhas, ajudo minha mulher, la nós somo combinado, nós vamo pra pedra ela lava roupa eu vou junto estendendo (Coqueiro, 68 anos, casado, 1 ano PGCI)..*

Na fala supracitada compreende-se que a doença e redução do desempenho físico dos idosos como algo natural da velhice e inerente a ela, isso é visto na frase “*nós já somo de idade mesmo né?*” ao passo que encaminha a construção de outras sociabilidades, como foi citado: passeios em parceria, religiosidade e diferentes expressões de afeto incluindo a partilha de atividades domésticas, que no discurso de masculinidade dominante é uma tarefa social feminina e a fala reforça essa realidade quando o idoso explica que ele se põe como ajudante, no entanto, como confirmação da qualidade desse grupo de idosos, vê-se a divisão dessas tarefas e a ação do homem como partícipe ativo nesses afazeres.

A subcategoria *Aceitação* emerge questões que perpassam a autoestima, autoconhecimento e valorização da velhice enquanto fase da vida. Essa subcategoria representa o reconhecimento da senescência e como ela interfere nas atividades cotidianas do homem idoso. Traduz-se que os homens idosos encaram de forma positiva a sua velhice quando relacionado às conquistas acumuladas a partir de suas vivências, valorizando as vantagens da experiência e das garantias em termos de direitos sociais que a velhice proporciona. Porém, muitas vezes essa visão positiva concorre com a relação negativa entre o envelhecimento e a fragilização, conforme esse argumento:

*gente tem que se conscientizar q ele já foi uma pessoa muito novo, as vezes de muita experiência mas ta ficando idoso e tem se conscientizar que ele não pode mais avançar e de querer ser uma pessoa novo sem ele poder ser. Porque tem muito idoso querendo ser novo, mas é aonde a gente falha muito. Nós tem que se*

*acostumar, nos tem que acreditar naquilo que a gente vive vivendo funcionando né?(Mandacaru 75 anos, casado, 10 anos PGCI).*

O relato classifica como uma falha o idoso querer ser novo e ressalta a necessidade de acreditar nas suas vivências atuais na condição de sujeito que chegou na velhice, denota-se a capacidade de reconhecer suas qualidades e de valorizar-se. Nesse ínterim emergem outras duas subcategorias: autocuidado e experiência, ambas com 10% do conteúdo analisado.

A literatura de masculinidades costuma afirmar que o autocuidado é um aspecto reduzido ou inexistente entre os homens como é defendido na própria Política Nacional de Saúde do Homem. No grupo pesquisado, o autocuidado aparece como fator determinante para o modo de envelhecimento do homem, e é uma peculiaridade desse grupo formado por homens. Um idoso de 66 anos, casado diz o seguinte: *“No meu ver é como se diz, é ter um pouco de materialidade de ser normal, normal assim de, de num se prejudicar, fazer a coisa errada viu?”* (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI). Outro entrevistado, homem de quase 69 anos, viúvo, diz o seguinte:

*Agora envelhecer do homem é só quando ele quer mermo. Quando ele... eu acho assim, eu conheço muitas pessoas que já é da minha idade, ele não se preza né? Não se preza, vive é todo coisado é cabelo grande, a roupa suja, fica vei antes do tempo, fica vei ligeiro. Agora a pessoa que se zela, como eu, eu me zelo né, graças a Deus eu me zelo. Porque, eu fiquei sem mulher, porque eu fiquei sem mulher eu vou me entregar pro deboche? não! Eu me zelo pra cada vez eu durar mais tempo* (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI).

A fala em destaque confere um reconhecimento de que o cuidado, na maioria das vezes, está relacionado a um papel social da mulher como descrito na frase: *“porque eu fiquei sem mulher eu vou me entregar pro deboche?”* (idem). O termo *“deboche”* no grupo pesquisado significa safadezas desresponsabilização, curtição ou desrespeito. Adiante esse trecho o idoso segue relatando suas atribuições domésticas sendo a higienização da casa como parte do seu autocuidado: *“eu quero que veja, minha casa ali eu amanheço o dia que barro ela todinha, mandei botar cerâmica nela todinha e barro todinha, ai desinfeto ela, ai vou cuidar de agoar as plantas, sei que passo o dia todim nesse jeito”* (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI).

O termo *experiência* emerge nessa categoria temática como termo de identidade do homem idoso, dentre tantas perdas e desgastes essa é uma característica atribuída a essa fase da vida, referindo-se como ganho ao longo dos anos. As falas seguintes esclarecem esse dado: *“primeiro ele fica uma pessoa de muita experiência”* (Babaçu, 62 anos, casado, 5 anos

PGCI); “o idoso tem mais experiência mas de ter mais força de ter mais assim, de ser mais amplo pra andar, pra pular não” (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI).

A quarta categoria temática se refere às Representações Sociais dos grupos de convivência (ver Tabela 10), e confere uma das questões centrais dessa dissertação já que em seu objetivo maior pretende identificar as representações sociais da velhice masculina a partir dos discursos dos homens que frequentam grupos de convivência. Os dados anteriores demonstram que esse grupo pesquisado vivencia suas masculinidades de maneira diversa aos discursos dominantes, além de serem homens que representam o “seleto” percentual de participantes masculinos nos grupos de convivência. Evidenciou-se que os grupos de convivência representam espaços de *socialização*, com 59% de frequência envolvendo sentidos de amizade, enfrentamento da solidão, ocupação espontânea substitutiva ao trabalho. Outra representação elaborada foi *saúde*, com 35% do conteúdo sendo apresentada como motivação para inserção e permanência no grupo e em menor percentual aparece o termo *aprendizado* com 6% das falas, representado as aquisições obtidas nas conversas e atividades ofertadas nesses espaços.

TABELA 10 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

<b>Subcategorias</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Socialização	23	59%
Saúde	16	35%
Aprendizado	03	06%
Total	46	100%

Socialização é um termo frequentemente utilizado pela sociologia e comum na literatura recente sobre grupos de convivência. Segundo os entrevistados os grupos de convivência representam uma forma de socializar-se, seja por meio dos vínculos de amizade que são construídos, conforme indica as falas: “É muito bom. Fazer amigos idosos, a festinha a gente vai numa boa, dança quadrilha, aqui a gente dança” (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI) “Antes de eu vir pra cá eu não conhecia ninguém aqui, num tinha amizade aqui com

*ninguém. É bom por causa disso vir pra cá É. Eu to achando muito bom vir pra Ca”* ((Coqueiro, 68 anos, casado, 1 ano PGCI), seja por relacionar-se bem com as atividades propostas e os demais participantes, como está dito aqui: *“uma pessoa me convidou ai eu fui gostei. Ai fiquei frequente todo tempo, só não vinha no dia que eu não podia vir e... eu acho que a gente tem que participar daquilo que a gente gosta, daquilo que a gente quer”* (Mandacaru 75 anos, casado, 10 anos PGCI), *“Pra lhe ser sincero eu desde os 10 anos já gostava de ta no meio dos velhos. Porque com os velhos nós adquiri experiência* (Babaçu, 62 anos, casado, 5 anos PGCI).

Outro sentido agrupado na subcategoria *socialização* trata de representar o grupo de convivência como estratégia de enfrentamento da solidão. Dois idosos, um viúvo e outro solteiro, sugerem: *“Se é de ta só em casa, sem fazer nada, vem pra cá, conversar, fazer atividade”* (Carnaúba, 79 anos, solteiro, 12 anos PGCI) o idoso viúvo relata *“Me faz participar desse grupo é pra mim não ta em casa olhando pras paredes. Porque olha, uma pessoa sozima, uma pessoa sozinha numa casa é uma tristeza bem grande”* (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI). Um terceiro idoso, casado, reconhece o grupo de convivência com esse potencial de prevenir o sentimento de solidão e suas consequências como o stress: *“Pra num ficar só em casa, que bate é o streess. Que fica um vei estressado, aborrecido, num tem contato com ninguém”* (Coqueiro, 68 anos, casado, 1 ano PGCI).

Outro sentido relacionado à socialização é explicitado nas falas que remetem ao fim das atividades laborativas desempenhadas ao longo da vida. Os trabalhos dos entrevistados eram de roçado, pesca e o garimpo, de modo geral, trata-se de trabalhos braçais, desgastantes e aliados a poucas condições de qualidade de vida, por outro lado, o trabalho é um dos termos fundantes do ser social. Assim, encontrou-se na fala dos idosos a representação dos grupos de convivência como nova sociabilidade ocupando o tempo que era direcionado para o trabalho, conforme as falas: *“Olha, antes deu participar do CRAS eu trabalhava de roça [...] Ai um dia eu parei, pensei e disse quer saber eu vou parar com isso daqui. Ai eu procurei em casa e disse assim, Conceição de hoje em diante eu vou parar com isso aqui. Ai apareceu o CRAS,* (Mandacaru, 75 anos, casado, 10 anos PGCI), em outro relato expressa: *“Porque eu escapei por sobrevivência, que sai pra fora né? A pessoa sai pra fora... a pessoa (pausa reflexão) Arrisca muita coisa pra poder sobreviver. E ai eu sofri demais* (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI).

Além da socialização, o grupo de convivência é representado como espaço de estratégia para superar um dos principais problemas encontrados na velhice, as doenças. Dessa forma emerge a subcategoria *saúde*, 35% do conteúdo analisado e se refere ao

reconhecimento dos grupos como forma de cuidar da saúde, renovar a vitalidade, especialmente física através das atividades ofertadas, mas, também a saúde mental já que os ciclos de amizade, conversas e atividades de distração são importantes para a mente. Dos depoimentos, destaca-se alguns exemplos dessa representação: *“ohhhh minha fia eu tava pra morrer. Fraco. Num me alimentava, eu tava fininho [...] pra me ajudar na minha saúde, minha vida, eu melhorei minha vida demais”* (Mandacaru 75 anos, casado, 10 anos PGCI). O homem Carnaúba relata melhorias na sua mobilidade: *“eu não caminhava mais não. Aqui eu faço exercício [...] quando a gente faz atividade parece que o sangue fica mais novo”* (Carnaúba, 79 anos, solteiro, 12 anos PGCI). O bem estar psicossocial pode ser evidenciado nas falas: *“Distrair a vida da gente, distrair assim os pensamento. Eu vim pra cá, já converso demais ne”* (Tucum, 68 anos, viúvo, 5 anos PGCI ).

Como parte dos benefícios promovidos pelo grupo de convivência e motivação para permanência, demonstra-se a subcategoria Aprendizado, e um dos idosos explica: *“Nós queremos aprender mais, nós queremos uma vida saudável. Como nós tamos terminando de participar de um grupo no dia de hoje. E tudo isso que nós adquiri mais experiência, mais modo de vida”* (Babaçu, 62 anos, casado, 5 anos PGCI).

Identificadas as representações sobre a velhice masculina e os significados dos grupos de convivência para os homens idosos tratou-se com os participantes as opiniões pessoais sobre a pouca representatividade do público masculino nesses espaços. Os motivos considerados pelos entrevistados remetem a: desconhecimento, vergonha, desinteresse e julgamento de ser atividades inapropriadas para os homens. *“Muitos se sentem envergonhados, acho que aquilo dali é coisa tipo de... de coisa que eu não sei nem dizer o nome acha que num é próprio pra, para o homem, acha que não é propria pra ele, acha que... ele não quer ir, que é perder tempo com aquela atividade”* (Babaçu, 62 anos, casado, 5 anos PGCI).

Um dos idosos relatou que já convidou outros homens que residem próximo local de reuniões: *“Eu não sei se é por falta de conhecimento. Porque eu passo bem aqui, eu vejo um cidadão idoso, porque bem aqui pertim tem um homem idoso que num vai prali participar dali”* (Mandacaru 75 anos, casado, 10 anos PGCI), semelhante sentindo tem-se nas seguintes falas: *“Acho que eles não vem porque eles não se interessam”* (Coqueiro, 68 anos, casado, 1 ano PGCI); *“a maior parte deles não se interessa, num quer fazer um grupo de gente”* (Babaçu, 62 anos, casado, 5 anos PGCI). Importa ressaltar que ao partilhar suas opiniões sobre a não participação de seus pares, os idosos aqui entrevistados reiteram a importância

dos grupos em suas vidas e a opção por compartilhar de atividades grupais como meio de socializar-se, ter uma vida saudável e adquirir mais aprendizado.

A partir do conjunto de dados desta pesquisa foram observadas diferenças significativas entre as masculinidades representadas pelos idosos entrevistados e os discursos da masculinidade dominante. Pode-se destacar em primeiro lugar que os idosos construíram uma autopercepção do processo de envelhecimento como algo natural de todo ser vivo. Em segundo lugar, pode-se inferir que as doenças e saúde fragilizada se apresentam nessa fase da vida exigindo a aceitação da condição de ser idoso. Em terceiro lugar, o homem idoso representa a velhice masculina como tempo de várias perdas, por outro lado o homem idoso se identifica como sujeito de muita experiência e verifica o autocuidado como fator determinante para regular o grau de fragilidade e adoecimento. Por último, o acesso aos grupos de convivência representam estratégias de socialização, saúde e aprendizado.

A discussão provocada nesse subtópico reúne as construções feitas a partir da aplicação dos três instrumentos utilizados na pesquisa de campo, quais sejam: questionário sociodemográfico, TALP e a entrevista semiestruturada. Ainda que se descrevam observações mais alargadas sobre as entrevistas, considerando que delas resultou o maior conteúdo adquirido, a relação entre os dados de cada instrumento permite ponderar nuances das representações sociais compartilhadas pelos idosos, por exemplo, entre o TALP e a entrevista percebem-se variações nos discursos sobre a velhice.

Um dos primeiros achados dessa pesquisa trata-se da confirmação do esvaziamento do sexo masculino nos grupos de convivência, realidade apresentada em diferentes pesquisas sobre esses grupos. Conforme enunciado na descrição dos sujeitos, apenas cinco homens foram investigados por serem os únicos que obedeciam aos critérios de inclusão. No entanto, no período da pesquisa de campo encontrou-se mais homens participando do grupo, contudo eles estavam há menos de um ano na atividade, assim um aspecto se apresenta a partir dos critérios de exclusão, o seguinte: a soma de homens recém engajados nos grupos de convivência pode representar o aumento na adesão do público masculino a essa experiência.

Os questionários sociodemográficos mostraram que participam dos grupos de convivência homens de diferentes estados civis: casados, viúvos e solteiros. Quando responderam sobre ter outros familiares que participam da instituição CRAS eles falaram que não, logo, em relação aos casados as suas esposas não pertencem do grupo ou qualquer outra atividade caso não sejam idosas. Um dos idosos casados diz: *“sempre eu convido a minha esposa e digo vamo, vamos. Ela: não... num vou não eu tenho muita coisa pra fazer, ai fica e mermo ela não gosta né?”* (Mandacaru, 75anos, casado, 10anos PGC). Outras pesquisas

como as de Santos et al (2015) e Mello e Voltre (2013) apontaram que, de modo geral, são as mulheres que incentivam a participação dos homens em grupos, sendo mais difícil o homem idoso se manter em uma atividade grupal caso a sua cônjuge não esteja envolvida. Para Santos et al (2015) é comum eles estarem frequentes em grupos de casais. Destarte, a realidade investigada aponta a participação de homens segundo a sua própria vontade e desejo.

Através do TALP e entrevistas foi possível identificar as representações sociais dos homens idosos sobre sua velhice e conhecer as suas impressões sobre os grupos de convivência enquanto participantes ativos. A respeito das representações sociais sobre a velhice observou-se dois sentimentos principais: através do TALP primeiro se manifestou a palavra *vida* como expressão de conquista, de permanecer ativo e com menor prevalência se falou das dificuldades. Já na entrevista, enquanto instrumento que possibilita maior reflexão sobre o tema, foi mais prevalente os enunciados que remetem a sensação de perdas sugerindo a representação da velhice como tempo de saúde fragilizada devido à comorbidades próprias de um processo de senescência.

Identificou-se que os homens idosos representam o envelhecimento como designo divino, sendo a velhice o último ciclo determinado pela natureza aos indivíduos o qual reúne aos seres sociais experiência e consciência das dificuldades vividas ao longo dos tempos. A vinculação de fé com um poder divino foi expressa diversas vezes para argumentar a velhice como dom recebido estando a finitude da vida demarcada por esta força suprema, “a espiritualidade pode ser contemplada na velhice como um dos recursos de enfrentamento para situações adversas, constituindo-se de aspectos emocionais e motivacionais” (GUTZ e CAMARGO, 2013, p.794). Nesse viés percebe-se que a fé conduz à aceitação das modificações fisiológicas e sociais derivadas da velhice.

Foi unânime entre os idosos que a saúde é primordial para a pessoa idosa dando sentido real para a vida de quem chega à velhice, por outro lado, despreza-se a velhice se ela não for acompanhada por recursos de manutenção da saúde. O Sistema Único de Saúde (SUS) define saúde como é um direito fundamental do ser humano e para isso requer ações que se destinam a garantir às pessoas e à coletividade condições de bem-estar físico, mental e social. Nas falas dos homens a saúde estava intimamente relacionada ao bem estar físico, a ser demonstrada na manutenção da força e preservação das características de um corpo jovem com agilidade.

O estado da arte apresenta que as mulheres idosas tendem a viver mais que os homens, mas, geralmente apresentam a saúde mais fragilizada com condições crônicas e capacidades degenerativas maiores que as encontradas entre eles. No entanto, a literatura apresenta que os

homens, na sua maioria, rejeitam a saúde preventiva e limita o cuidado a saúde a indicações medicamentosas específicas a determinado sintoma físico havendo menos homens com diagnóstico de comprometimento da saúde em relação às mulheres (QUEIROZ et al, 2018; COELHO, GIACOMIM e FIRMO, 2016; BORGES e SEIDL, 2013). Esse dado reforça o entendimento de que para os homens a saúde se refere ao bem estar físico atual capaz de garantir a sua autonomia para as tarefas cotidianas.

Connel (2005) menciona a dificuldade masculina em vivenciar problemas de saúde, especialmente a incapacidade. Os discursos de masculinidade dominante propõem um ethos masculino que definem as características hegemônicas de “ser homem”, intimamente relacionado à força, autoridade, autossuficiência, independência, poder. Esses elementos se associam ao estar saudável e manter a capacidade de autonomia para as atividades cotidianas. “Dessa forma, mitigar sintomas e problemas de saúde pode ser considerado um esforço para manter essa identidade masculina, ou ainda a questão de como o idoso entende o conceito de saudável e como esse conceito se relaciona com seu papel de homem” (COELHO, GIACOMIN E FIRMO, 2016, p. 412).

Especificamente sobre a velhice masculina a respeito das representações sociais dos homens idosos sobre o que é ser homem na velhice ficou evidente em todas as falas a ancoragem na ideia de diminuição das potencialidades devido às doenças. Especialmente quando se percebe a presença de doenças registra-se a compreensão da velhice como momento de perdas, conforme dito por um dos idosos: “*Tudo enfim que você possa imaginar. Força, coragem, e determinação*” (Babaçu, casado, 62 anos, 05 anos PGC). As principais queixas referenciadas pelos idosos foram de perda da visão, da força física, de memória, potência sexual e da autoridade no ambiente familiar. Para Papalia & Feldman (2016) esses fatores fisiológicos podem estar associados a questões próprias do processo de senescência ou derivado de fatores psicológicos que ocasionam reações psicossomáticas.

Por tratar de fatores psicológicos acentuam-se os papéis referentes à família, nos depoimentos analisados pode-se confirmar que a construção social do ser homem está permeada pelos atributos de provedor da família, de ter prestígio, ou seja, ser respeitado pelos outros como sujeito de responsabilidades e de autoridade, pode ser arrimo da esposa e filhos expondo-se a trabalhos desgastantes e que por vezes lhe afastam do ambiente privado da família, como é o roçado, garimpo ou outras atividades interinas. O senhor Tucum afirmou: “*a minha vida era sufocada porque eu tinha que correr atrás pra dar pros meu fi. Porque se eu tive fii, num quero nem saber, meus fi era pequeno num quer saber se tem ou se num tem saber é se aparece pra eles comer*” (Tucum, viúvo, 68 anos). Infere-se que o senso de

provedor e pertencente ao espaço público são características culturais do “ser homem” e o desempenho dessas atribuições ao longo da vida pode gerar desgastes psicológicos. E alteração desses requisitos na velhice, diminuindo essas responsabilidades pode ser vivenciada de forma positiva para alguns ou negativa para outros.

Na divisão sexual e social do trabalho, geralmente o homem ocupa o espaço público do trabalho, onde ocorrem com mais intensidade suas relações sociais, mas a velhice e a aposentadoria tendem a alterar esse papel social do homem, provocando uma ruptura de identificação. É comum ao homem, quando se aposenta, passar a ocupar um lugar indefinido, ao deixar de cumprir a norma internalizada de ser homem e ser trabalhador (COELHO, GIACOMIN e FIRMO, 2016). No entanto, nos dizeres dos homens entrevistados, a saída do trabalho e usufruto da aposentadoria foram mudanças positivas para melhoria da qualidade de vida e vivência da velhice como exemplado acima na fala do senhor Tucum que se sentia em uma vida sufocada, sem as necessidades de assegurar as provisões da família e poder contar com a aposentadoria é possível desfrutar de tempo livre e aproveitá-lo para cuidar de si.

No que se refere à diminuição ou perda da autoridade familiar Debert (1999) já analisava a respeito dos entraves existentes entre a velhice e as gerações perpassadas pelos ditames da industrialização e alteração no status social dos sujeitos. A respeito da velhice do homem esse processo de destituição da responsabilidade central pelo lar e família pode se apresentar mais adocedora, conforme explanado pelo idoso: *“tem vontade de se intrometer, mas num tem saúde, num pode resolver nada”* (Coqueiro, 68 anos, casado, 1 ano PGCI). Fica claro uma correlação de forças que denota uma crítica do idoso aos valores apreciados pela sociedade atual, especialmente a juventude, que depreciam a pessoa idosa como figura de saberes ultrapassados e costumes retrógrados. Araújo e Silva (2017) encontraram entre os idosos de condição socioeconômica baixa, perfil assemelhado ao público investigado nessa pesquisa, que o desgaste psicológico foi mais frequente entre todos os problemas que tiveram no curso de vida e esses problemas alteram seu estilo de vida e interferem nas relações interpessoais.

Em oposto às várias perdas relatadas, foi presente a relação da velhice com o ganho de experiência sendo reconhecida como elemento em contínuo crescimento dando maturidade ao sujeito idoso. Essa experiência ou maturidade é destacada como qualidade positiva que diferencia o idoso dos sujeitos mais jovens e fornece habilidade com o saber prático, valorização do senso comum e memória viva da sociedade. A experiência para o grupo investigado se refere à soma de conhecimentos reunidos ao longo da vida que permite a capacidade de antecipar as possíveis consequências de determinados fatos ou de preparar-se

para as adaptações necessárias às adversidades decorrentes ao longo da vida. Trata-se de conhecimentos corriqueiramente menosprezados em função da tecnologia e saber científico, deste ponto é que proposições como a de Santos (2006); Moscovici (2011) e Jodelet (2011) são relevantes para o contexto porque propõem o resgate do senso comum e atenção da ciência para os saberes populares e construídos no cotidiano.

A ideia de perdas fisiológicas e sociais seguida pela referência de crescimento constante da experiência foi complementada pela subcategoria *aceitação*, no sentido de conscientizar-se sobre as alterações vivenciadas e conviver com as possíveis limitações ensejadas pela velhice. Sugere-se que a representação da velhice ancorada na ideia de doenças e consequentes perdas ao tempo que é acompanhada da qualificação de sujeito experiente por ter vivido mais, pode indicar a construção da resiliência na velhice, caracterizando que o “ser humano resiliente passa a progredir, ganhar e evoluir, tornando-se apto à adaptação frente às circunstâncias que lhes são oferecidas, mesmo quando estão expostos às situações adversas” (ARAÚJO e SILVA, 2017, p. 143).

Destarte, os idosos dessa pesquisa mesmo reconhecendo as doenças como decorrência da velhice, falam de sua velhice como tempo de continuidade da vida e de possibilidades para novas vivências, ressaltando a aposentadoria como estratégia de manter a proteção e segurança a essas experiências. Diferente dos dados amplamente divulgados na literatura sobre masculinidades no que se refere ao autocuidado, onde é comum saber que, de modo geral, o homem é afastado, e a si mesmo expulsa do cenário do cuidado (JANUÁRIO, 2016; GUTIERREZ e MINAYO, 2008), os idosos participantes dos grupos analisados referem a importância do autocuidado como meio de zelar-se e diminuir o desgaste corporal e avanço de doenças que pode significar ser mais velho do que é realmente em idade. A esse respeito, o idoso viúvo de 66 anos colocou: “*Eu me zelo pra cada vez eu durar mais tempo*”. Lembra-se dos argumentos de Motta (2002), que analisou a identidade etária da velhice marcada pela presença do corpo como definidor do que é ou não velho e do que é ou não é saudável.

Como maneira de autocuidado os idosos entrevistados, com exceção de um dos casados, relataram que desempenham tarefas domésticas, seja compartilhando as atribuições com a esposa ou sendo os únicos responsáveis quando se trata do idoso solteiro e os viúvos. Inclui-se nessas tarefas a higienização da casa, lavagem de roupas, fazer a comida e até pequenos consertos de costura. Importa esclarecer que quando se referiram a esse tipo de autocuidado citaram tais ações como papel feminino, mas que, na ausência da mulher foram assumidos ou que auxiliavam nessas atribuições como ajuda secundária, é o que se entende desses fragmentos: “*é assim, ela lava uma rede pesada eu ajudo ela*” (Coqueiro, 68 anos,

*casado, 1 ano PGCI); “Cadê a blusa, traga aqui pra eu lavar, passa aqui tudim, na hora que eu quero vim eu já sei onde elas tão na parte lá no guarda roupa [...] num é querer ser machista, num é a gente querer mais que a mulher não, é ele ter um nível de frequência com a sua companheira” (Mandacaru, casado, 75 anos, 10anos PGCI).*

Já na fala do idoso solteiro, ficou clara a suposição e crítica ao discurso machista que predomina na sociedade, segundo ele: *Eu lá em casa sou o homem e sou a mulher. Faço de comer, faço meu leite meu café, bato roupa, se descosturar uma calça ou uma camisa eu que costuro (Carnaúba, solteiro, 79 anos, 12anos PGCI).* Questionado sobre o que faz ele ser o homem e a mulher da casa, ele respondeu: *“Significa porque muitos homens não faz nada. Num vai lavar roupa... Deixa assim, ate a cueca dele num sabe nem lavar. E eu não. Lavo rede, lavo roupa, sei costurar, sei tudo. Ate bordar eu sei” (Carnaúba, solteiro, 79 anos, 12anos PGCI).* Um dos idosos, viúvo, colocou que a envelhece mais que os homens devido as suas atribuições maternas que são ininterruptas e causam diversos tipos de preocupação que apresentam como desgaste psicológico e físico.

Compreende-se por isso que, para esses idosos, existe distinção entre as atribuições do homem e da mulher, mas não são territórios inacessíveis. Além disso, desempenhar esses afazeres propõe ocupação aos homens idosos fazendo com que se sintam úteis e preservem sua autonomia. Iacub (2014, p.44) fala dessa dinâmica como efeito da aposentadoria:

Los hombres suelen percibir la jubilación como el ingreso al territorio femenino de la familia y el hogar, y la pérdida del propio, pudiendo dudar sobre la conducta masculina apropiada. Temen ser criticados por sus esposas una vez que sean observados más de cerca, y se ven a sí mismos “ayudando” a sus esposas en esas tareas domésticas (IACUB, 2014, p.44).

Essa característica presente no grupo acompanha o que Santos, Tura e Arruda (2013) escreveram sobre não ser todos os idosos que se projetam como um velho com limitações, com desejo de serem tratados de modo diferente ou serem amparados pelas leis que protegem os idosos. Confirma também a concepção de heterogeneidade das masculinidades e das velhices, bem como, as múltiplas maneiras de se projetar como homem e idoso na sociedade que está inserido. “Esses sentidos são criados a partir de suas interações com o mundo, com o meio e com os outros, de modo a orientar e organizar as suas ações” (JODELET, 2001 apud FERNANDES e ANDRADE, 2016, p.56).

A última análise a respeito das representações sociais sobre a velhice masculina aborda depoimentos com registros de saudosismo da juventude e negação da velhice com os

limites físicos e sociais encontrados. Conforme o exposto na fala a seguir: “*tem muito idoso querendo ser novo*” (Mandacaru 75 anos, casado, 10 anos PGCI); “*eu não sou mais aquele jovem*” (Babaçu, 62 anos, casado, 5 anos PGCI); “*Ai muita gente que me vê assim, diz assim rapaz, eu falo que tenho esses anos, eu numnum... diz assim: rapaz tu num tem esse horror de ano não...*” (Coqueiro, 68 anos, casado, 1 ano PGCI). No TALP esse sentido apareceu na elucidação “*paciência*” onde o idoso declarou que o homem idoso não costuma aceitar que perdeu algumas habilidades da juventude “*A gente fica com teimosia e acaba fazendo as coisas sem paciência*” (Mandacaru, casado, 75 anos, 10 anos PGCI).

Considerando a teoria das representações sociais no qual entende que os indivíduos estabelecem suas próprias explicações da realidade que vivenciam no cotidiano (VALA, 2006), infere-se que as concepções sobre ser homem, bem como, ser velho, estão permeadas pelos discursos machistas da sociedade que os idosos estão inseridos. Todavia, o conjunto das representações sobre sua própria velhice e as experiências tidas ao longo da vida, assim também suas práticas atuais resultam na compreensão de que os idosos participantes dessa pesquisa reconhecem a sociedade sexista e as desigualdades de gênero, mas, se diferenciam dos ideais de dominação masculina e, sem desprezar o papel social de provedor da família assumem outras experiências insólitas ao público masculino.

Desta forma, encontra-se nessa pesquisa homens que integram grupos de convivência como meio de socializar-se e adquirir conhecimentos para cuidar do seu bem-estar, enfrentar a solidão ou vivenciar experiências que foram impossibilitadas em outras fases da vida. Culturalmente, a socialização dos homens não inclui a pertença a grupos de apoio e a valorização do cuidado de si e dos outros (SCHRAIBER; GOMES; COUTO, 2005). Por conseguinte, compreende-se que os homens que participam de grupos de convivência podem ser mais conscientes sobre o cuidado com sua saúde porque dedicam parte do seu tempo a esse espaço de trocas de conhecimento, cuidado e de cidadania.

Sobre as motivações que fazem os homens idosos participar dos grupos sobressaíram-se as dinâmicas, dança e brincadeiras em grupo que permitem a *socialização*. Dessa forma, entende-se que os homens idosos se identificam com as atividades ofertadas e permanecem no grupo por vontade própria porque gostam das vivências grupais, como disse: “*Assim é os encontro, a atividade, se você gosta de uma atividade ai a gente fica*” (Mandacaru, casado, 75 anos, 10 anos PGC). Essa fala descreve o critério de escolha pessoal do homem idoso a partir da sua própria vontade em participar do grupo de convivência e demonstra que se identificam com as atividades ofertadas e estão encontrando aquisições que motivam as suas permanências com assiduidade regular no grupo.

Um fator importante a acentuar sobre o campo de pesquisa é que são grupos ofertados pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Política de Assistência Social onde o foco central é fortalecer os vínculos familiares e especialmente à pessoa idosa empoderá-la de seus direitos e deveres enquanto os acordos de cidadania, não são, portanto, grupos voltados majoritariamente ao lazer ou atividade física. Conforme o estado da arte existe mais estudos com abordagem da participação dos homens em grupos voltados para o lazer (SOARES e CORONAGO, 2016; SANTOS et al, 2015; ANDRADE et AL 2014:). Sugere-se então, que os homens apreciam outras atividades além do lazer, tais como: rodas de conversas, palestras e ações intergeracionais direcionadas pela equipe de trabalho.

Identificou-se que os homens idosos pesquisados participam de diversos grupos na cidade ao longo da semana, com diferentes sociabilidades: religiosa, organização política, espiritual e filantrópica. A respeito dos grupos religiosos citaram-se grupos de oração só de homens e outros que reúnem os dois sexos; de organização política citou-se associações de pescadores; quanto aos filantrópicos mencionou-se iniciativas religiosas que ofertam além de momentos de espiritualidade a distribuição de bens de consumo como sopas e cestas básicas. A respeito da participação nos grupos filantrópicos acredita-se que esses também são buscados como recurso de socialização e convivência e não pelo fato de insuficiência alimentar, tendo em vista a constituição familiar e a situação de assegurados pela previdência social como aposentados.

A socialização se constitui uma prática do ser humano que busca o estabelecimento de conexões com outro, permutando propósitos e ações, na busca por acolhimento e apoio diante dos desafios e novidades. Como afirma BAECHLER (1995) trata-se da solidade, ou seja, capacidade humana de construir grupos entendendo que os objetivos dos homens nunca são alcançados no completo isolamento. Os grupos de convivência são entendidos por agrupamentos de pessoas que se identificam em torno de algumas características semelhantes (SOARES e CORONAGO, 2016). Nesse quesito identificou-se a satisfação pessoal em renovar e ampliar os vínculos de amizade e o sentimento de pertença a um grupo onde se partilha conhecimentos, diversão e consideração das habilidades de cada um.

Os idosos representam os grupos de convivência como canais de saúde. Essa representação é construída com referência às atividades ofertadas que reúnem dança, especialmente o forró, atividades de lazer e físicas como ginástica e capoterapia, além da participação em eventos culturais e apresentações artísticas protagonizadas pelos idosos. É o que diz o idoso Babaçu *“pra nós é uma saúde, uma terapia muito boa. A gente vem pra com os amigo da gente, se reúne tudo junto, ali traz a força. Faz de conta que ta como que ta*

*dando é uma ar pra gente... respirar” (Babaçu, casado, 62 anos).* Infere-se que essas atividades com o corpo proporcionam auto-estima, contribuem para o homem idoso se sentir ativo, combater dores reclamadas, preservar o equilíbrio e compartilhar frustrações que ocasionam em algum momento desgaste físico e psicológico. De acordo com Leite et al (2012) é a oferta de estímulo para a melhoria do nível cognitivo, que favorece ao idoso encontrar grande motivação no aspecto social.

Por outro lado, a representação dos grupos como saúde evidencia também um momento de mudança nas práticas desempenhadas ao longo da vida nas quais os homens decidiram alterar e seguir outras maneiras de viver; demarca-se a saída do trabalho, apenas, ou essa saída somada a viuvez onde esses homens encontraram no grupo de convivência meios de se conservarem saudáveis, descobrir outras habilidades e permanecer tendo compromisso periódico.

Por último se identificou a relação do grupo com aprendizado demonstrando que os homens se colocam disponíveis a novos conhecimentos, sejam eles técnicos ou provenientes da experiência do outro. Essa representação confirma o alcance de um dos impactos almejados pelas políticas ao utilizarem a técnica de grupos, qual seja, que um grupo “com problemas e faixa etária semelhantes possibilita um aprendizado que pode acarretar uma vasta contribuição terapêutica e de desenvolvimento de estratégias e mecanismos que venham a proporcionar uma melhor qualidade de vida para estes idosos participantes” (SOARES e CORONAGO, 2016, p. 135).

Identificadas as representações sobre os grupos de convivência para os homens participantes, questionou-se quais as concepções sobre as possíveis causas para a pouca adesão dos homens e argumentou-se ser falta de conhecimento, falta de vontade, vergonha em participar de algo visto como atividade que não é de homem. Deste modo, compreende-se que os grupos de convivência tem respondido às expectativas dos homens, visto que os poucos que participam tem uma média de participação de cinco anos e manifestam alegria e satisfação ao falar sobre a pertença no grupo.

Ressaltam-se os termos “falta de conhecimento” e “vergonha”, a partir dessas concepções entende-se a baixa participação dos homens se deve aos discursos de masculinidade hegemônica que permeiam o constructo social. Não obstante, novos conceitos sociais sobre ser homem e ser mulher, a publicização dos ideais de diversidade e aprofundamento do conceito de gênero tem permitido o estreitamento das diferenças entre masculino e feminino e as expectativas sociais se tornam mais flexíveis para cada gênero. Da mesma forma, é comum o entrecruzamento de características que outrora eram delimitadas

para gerações específicas ou de determinada fase da vida, assim amplia-se a aceitação dos idosos para diferentes experiências e vivências que poderiam ser recusadas por preconceito do próprio idoso.

Destarte, os homens participantes de grupos de convivência representam uma amostra daqueles que permeiam as masculinidades subordinadas e aproveitam dos grupos de convivência como recurso de novos aprendizados, de autocuidado e ação que contribui para sua saúde e vínculos sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação demonstrou de forma qualitativa, as representações sociais de homens idosos participantes de grupos de convivência, acerca da velhice masculina e a participação nos grupos. Realizou-se esta pesquisa com homens com o mínimo de 60 anos que pertenciam aos grupos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos há pelo menos doze meses. Totalizaram-se cinco homens nesses critérios.

Os resultados obtidos diante desta pesquisa exploratória, dada a necessidade de ampliar a pouca literatura sobre a experiência de homens nos grupos de convivência, possibilitam a compreensão de que, os homens representam o processo de envelhecimento como determinação divina onde a natureza oferta a todos os seres vivos a capacidade de vivenciar um ciclo que vai da infância até a velhice, sendo esta a última fase da vida caracterizada pelo retrocesso das habilidades e capacidades adquiridas quando criança, jovem e adulto acentuando-se como manifestações próprias da senescência.

Sobre a velhice, ainda que vista como precedente da finitude, ela é representada como vida, momento de continuidade onde se adquire novos experimentos, é compreendida como tempo de dificuldades quando se convive com perdas fisiológicas, sociais e preconceitos, mas, os idosos se sentem felizes com sua velhice como dom recebido por Deus e pretensão daqueles mais jovens. Contudo, apresenta-se como primordial assegurar recursos fundamentais para se preservar a saúde, porque sem saúde perde-se o sentido da longevidade.

Nas representações sobre a velhice masculina, especificamente, verifica-se como principal relação o binômio saúde e doença, acentuando as várias perdas fisiológicas e cognitivas que diminuem as potencialidades dos homens que culturalmente são compreendidos como sujeitos fortes, provedores do lar e pouco afeitos a ações de autocuidado. Ficou claro o incômodo em relação as enfermidades e fragilidades adquiridas na velhice, que muitas vezes impõem limitações às atividades cotidianas exigindo do idoso a conscientização sobre as modificações sofridas e necessárias adaptações da sua rotina. Surge nesse cenário as atitudes aceitação e autocuidado.

Aceitar a velhice significa reconhecer suas fragilidades no intuito de respeitar novos limites e valorizar as suas potencialidades, destacou-se como ganho dessa fase da vida a experiência. Para os homens entrevistados, ser idoso denota ser experiente, ou seja, a velhice permite reunir conhecimentos somados ao longo da vida que favorecem antecipar reações dos

fatos, entender previamente os acontecimentos, em síntese, traz a maturidade para o enfrentamento das adversidades. Deste modo, evidencia-se entre os homens participantes dos grupos de convivência atenção com autocuidado.

Culturalmente o autocuidado não é defendido como algo de interesse masculino, mas entre os homens que participam dos grupos de convivência a prática de cuidar de si aparece como requisito para se ostentar uma velhice com qualidade. Inclui-se como cuidado algumas atividades domésticas, sejam assumidas de forma secundária, pelos idosos casados, ou de forma integral quando viúvo ou solteiro. As atividades domésticas favorecem o sentimento de utilidade e autonomia desse homem, mostra-se, portanto, sensibilidade desses homens a um processo de resiliência.

Ainda que o discurso machista permeie as concepções dos sujeitos entrevistados porque reconhecem determinados papéis como sendo majoritariamente femininos, não impedem que se envolvam em experiências que socialmente são descritas para as mulheres, quais sejam: atribuições domésticas, autocuidado e a própria participação em grupos de convivência. Deste modo, aos homens idosos participantes do grupo de convivência faz parte da construção do ser homem vivenciar diferentes possibilidades e compartilhar experiências usualmente do mundo feminino sem representar diminuição da sua masculinidade.

Acredita-se que essas motivações a modelos de masculinidades subordinadas não são manifestações exclusivas da velhice, ao contrário, seguindo os fundamentos da teoria das representações sociais, é resultado do contexto social onde esses indivíduos interagem e da forma particular que eles vivenciam e percebem os fenômenos sociais em sua volta.

Os grupos de convivência foram representados como espaços de socialização, saúde e de aprendizado. Tomando-se a média de tempo de participação dos homens nesses grupos e a presença de novos homens que ingressaram há menos de um ano, considera-se que o público masculino tem encontrado nas atividades coletivas respostas às suas demandas e anseios da velhice. Os grupos de convivência tem se consolidado como estratégia para combater o isolamento social preservando a auto-estima, vínculos de amizade e práticas de cuidado.

A principal dificuldade encontrada nessa pesquisa foi a pouca quantidade de homens com os critérios selecionados para participar como sujeito investigado. No entanto, essa baixa participação dos homens é a primeira evidência dessa dissertação e a quantidade de sujeitos não prejudicou no alcance dos objetivos propostos que foram integralmente respondidos.

Deseja-se que a temática dialogada nessa dissertação siga em desenvolvimento para outras pesquisas e seja objeto de estudo para acadêmicos e profissionais que atuam com os

idosos servindo-lhes de apoio para planejamento e execução dos serviços dispensados a esse público.

## REFERÊNCIAS

- ABOIM, S. Narrativas do Envelhecimento: Ser velho na sociedade contemporânea. p. 207-232 **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1 junho de 2014
- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. D. **Nordestino a invenção do falo**. Uma história do gênero masculino (1920-1940) São Paulo: Intermeiros, 2013 (Coleção Entre gêneros).
- ALMEIDA, A. M. O. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e estado**, 24(3) (ano 2009) p. 713-737. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/05.pdf> acessado 21/03/2018
- ALMEIDA, M. V. de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário antropológico** (Brasil), 95, p. 161-190, 1996
- ALMEIDA, L.; BASTOS, P. R. H. de O. Autocuidado do Idoso: Revisão Sistemática da Literatura. **Revista Espacios** vol. 38 nº 28 ano 2017 disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a17v38n28/a17v38n28p03.pdf> acessado: 26/03/2018
- ANDRADE, Ankilma do Nascimento et al. **Percepção de idosos sobre grupo de convivência**: estudo na cidade de Cajazeiras-PB. *Rev. bras. geriatr. gerontol.* [online]. 2014, vol.17, n.1, pp.39-48. ISSN 1809-9823. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232014000100005>.
- ARAÚJO, L. F. de., COUTINHO M. P. de L. & CARVALHO, V. A. M. L. e. Representações Sociais da Velhice entre Idosos que Participam de Grupos de Convivência. **Psicologia e Profissão**, 2005, 25 (1), p.118-131 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000100010) Acessado: 12/10/2016.
- ARAÚJO, L. F., et al. Representações Sociais da fragilidade na velhice: Estudo comparativo entre universitários de Enfermagem e Odontologia. In: **As faces do envelhecimento humano**: Uma abordagem biopsicossocial. (orgs: Cecília M. R. G. de Carvalho e Ludgleydson Fernandes de Araújo. EDUFPI: Teresina,2011.
- ARAÚJO, L. F.; SILVA, R. J. S. Resiliência e velhice um estudo comparativo entre idosos de diferentes classes sociais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 22, n. 2, p. 141-152, abr./jun. 2017 disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/32437/pdf> acessado em 30/09/2018.
- BADINTER, E. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1997
- BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade. In: DOUDON, Raymond. *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1995. P. 65-106.
- BARBIERI, T. **Sobre a categoria gênero**: uma introdução teórico-metodológica (Trad. Antonia Lewinsky) Edição SOS Corpo. Recife, setembro de 1993.
- BATISTA, F. E. A. Convívio Coletivo. Análises dos grupos de convivências como suporte na melhoria dos vínculos dos idosos em sociedade. **REVISTA PORTAL de Divulgação**, n.55,

Ano VIII. Jan/Fev/Mar. 2018. ISSN 2178-3454. Disponível em:  
[www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova](http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova) Acessado: 28 de fevereiro de 2018.  
 BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BASSIT, A. Z. Envelhecimento e gênero. In: **Tratado de geriatria e gerontologia**. (org.: Elizabeth Viana de Freitas et al 3 edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.  
 BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. (trad.: Pedrinho A. Guareschi) Petropolis, RJ: Vozes, 2002. (Capítulo 8 p. 189- 217)

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Estatuto do Idoso**. Lei nº 10741, de 1º de Outubro de 2003

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social - SNAS. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília – DF, reimpressão 2014.

BROD, A. (2004). **Políticas públicas de lazer para os idosos na região do Vale do Taquari**: um estudo descritivo dos grupos de convivência e bailes da terceira idade. Dissertação de mestrado. Porto Alegre (RS): Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CABRAL, B.E.S.L. “A vida começa todo dia”. In: **Revista de estudos feministas**. Rio de Janeiro, RJ. 1997.1997 <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/12568/11737>

CAMARANO, A. M.; PASSINATO, M. T. Envelhecimento, Condições de vida e Política Previdenciária. Como ficam as Mulheres? Texto para discussão nº 883. Governo Federal, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão: Rio de Janeiro, 2002 disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0883.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0883.pdf) acesso: 21/03/2017

CAMARANO, A.A., KANSO, S., & MELLO, J.L. Como vive o idoso brasileiro? In: Camarano, A.A. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** p. 25-73. Rio de Janeiro (RJ): IPEA, 2004.

CAODPDI. MINISTÉRIO PÚBLICO DO PIAUÍ. Disponível em:  
[http://www.mppi.mp.br/internet/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&id=1362:estadual&Itemid=132](http://www.mppi.mp.br/internet/index.php?option=com_phocadownload&view=category&id=1362:estadual&Itemid=132)

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84.

CONNELL, R., PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: Veras, 2015.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, 20(2), 1995: p.185-206.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013

COUTINHO, M. P. L.; ARAÚJO, L. F.; SARAIVA, E.R.A. Revisitando a Teoria das Representações Sociais: uma abordagem teórica. In: **Psicologia: Conceitos, técnicas e pesquisas vol.2** (orgs: Ronald Taveira da Cruz, Estefânea Élica da Silva Gusmão). Curitiba, PR: CRV, 2013.

DANIEL, F.; SIMÕES, T. e MONTEIRO, R. Representações sociais do «envelhecer no masculino» e do «envelhecer no feminino **Ex æquo**, n.º 26, 2012, pp. 13-26 recuperado em 24 de agosto de 2017 de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n26/n26a03.pdf>

DEBERT, G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myrian. **Velhice ou Terceira Idade**. 4. ed.. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006, p. 49-67.

\_\_\_\_\_, G. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999

DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 80, v. 27, p. 37-45, 2012.

DEBERT, G. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. Sao Paulo: Fapesp, 2004.

DEBERT, G.G. Gênero e Envelhecimento. **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.2, n.º.3, 1994, pp.3 – 51

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001

\_\_\_\_\_. **Da Divisão do Trabalho Social**. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARGE, A. et all. **A história das mulheres, a cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia**. Gênero, Niterói, v.2, n.1, p. 7-30, 2 sem. 2001.

FIGUEIREDO, M. do L. F.; TYRREL, M. A. R.; CARVALHO, C. M. R. G. de.; LUZ, M. H. B. A.; AMORIM, F. C. M.; LOIOLA, N. L.de A.. **As diferenças de gênero na velhice**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(4): 2007 p.422-427

FUNDAÇÃO CEPRO. **Piauí em números** 9.ed. Teresina, 2012.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In:BAUER, M. W.; GASKELL, G.**Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes: 2002. p. 64-89.

GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** (trad.: Pedrinho A. Guareschi) Petropolis, RJ: Vozes, 2002. (Capítulo 10 p. 244- 270)

IACUB, R. Masculinidades em la vejez. In: **VOCES en el Fenix** La Revista Del Plan Fenix, ano 5 Sumario nº 36 julio 2014.

IANNI, O. **A crise dos paradigmas na sociologia:** problemas de explicação

IBGE. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais** : uma análise das condições de vida da população brasileira Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2016

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2014.** Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE. Retirado de <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais:** Uma análise das condições de vida da população brasileira 2009. p.164 – 194. Disponível em: [//www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2009/indic\\_sociais2009.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2009/indic_sociais2009.pdf). Acesso em: 19 de novembro de 2010.

JANUÁRIO, S. B. **Masculinidade em (Re) Construção.** Gênero, Corpo e Publicidade. Covilhã, Portugal. Editora: LabCom.IFP, 2016

JESUÍNO, J. C. Um conceito reencontrado. In: **Teoria das Representações Sociais: 50 anos.** (orgs: Angela Maria de Oliveira Almeida ; Maria de Fátima de Souza Santos ; Zeidi Araujo Trindade). Brasília: Technopolitik, 2014

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. Jodelet (Org.) **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.17-44.

JODELET, D. A fecundidade múltipla da obra “A Psicanálise, sua imagem e seu público. In: **Teoria das Representações Sociais: 50 anos.** (orgs: Angela Maria de Oliveira Almeida ; Maria de Fátima de Souza Santos ; Zeidi Araujo Trindade). Brasília: Technopolitik, 2014

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas . **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, 4(9), 2008, p. 103-118.

KIST, R.B.B. (2011). **Os grupos de convivência em Porto Alegre e sua contribuição à garantia de direitos e à autonomia de homens e mulheres idosos:** uma aproximação com os centros de idosos em Barcelona. Tese de doutorado. Porto Alegre (RS): Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MARKOVÁ, I. A fabricação da Teoria de Representações Sociais (tradução Beatriz Gama Rodrigues e João Kaio Barros) **Cadernos de Pesquisa** v. 47 n. 163. p. 358-375: jan/mar 2017.

MAIA, Gabriela Felten da. y PERURENA, Fátima. **(In)Visibilidades, Masculinidades e Envelhecimento**. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009 Disponível: <http://cdsa.academica.org/000-062/861.pdf>

MENDES, M. R. S. S. B. et al., A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta Paul Enferm.** 2005;18(4):422-6 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n4/a11v18n4.pdf> acessado dia 28 de fevereiro de 2018  
MDS. **Orientações Técnicas**: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. – 1. ed. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.72 p.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOSCOVICI, S. **A representação social da Psicanalise**. Tradução de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

MOTTA, A. B. Da. Envelhecimento e sentimento do Corpo In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. (Orgs. Maria Cecília de Souza Minayo e Carlos E. A. Coimbra Jr.) Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. (Coleção Antropologia & Saúde)

MOTTA, A. B. Da. **Tratado de Geriatria e Gerontologia** (Elizabeth Viana de Freitas) 4edição Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016

MOTTA, A. B. Da. **“Não tá morto quem peleia”**: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. Tese de doutorado. Salvador (BA): Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (1999).

Neri AL. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea; 2001

NETTO, J. P. A controvérsia paradigmática nas ciências sociais. In: **Cadernos ABESS**, n 05, São Paulo: Cortez, 1992

NICODEMO, D.; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. **Rev. Ciência em Extensão**. v.6, n.1, p.40, 2010

NOBREGA, S.M. Sobre Teorias das Representações Sociais. In: Antonia S. Paredes Moreira (org.) **Representações Sociais: Teoria e Prática**. Joao Pessoa: Universitária, 2001

NOBREGA, S. M.; COUTINHO, M. P. L. O teste de associação livre de palavras. In: COUTINHO, M. P. L. (Org). **Representações Sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: EdUFPB, p. 67-77, 2003.

NOGUEIRA, I. R. R.; ALCANTARA, A. O. Envelhecimento do Homem: de qual velhice estamos falando? **Revista Kairós Gerontologia**, 17(1), pp.263-282. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP março de 2014.

OLIVEIRA, M. O conceito de representações coletivas: uma trajetória da Divisão do Trabalho às Formas Elementares. **Revista Debates do NER**, Porto Alegre, ano 13, n. 22, p. 67-94, 2012.

PAPALÉO NETTO, M. O Estudo da velhice: Histórico, Definição do campo e termos básicos. In: **Tratado de geriatria e gerontologia**. (org.: Elizabete Viana de Freitas et al 2 edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Artmed Editora, 2013.

PRIORE, M. D; AMANTINO, M. (orgs.) **Historia dos Homens no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2013

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. & FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

PINHEIRO FILHO, F. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova: revista de cultura e política**, São Paulo, n. 61, p. 139-155, 2004. PEIXOTO, 2006

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade.... In: BARROS, Myrian. **Velhice ou Terceira Idade**. 4ª edição. Rio de Janeiro: editora FGV, p. 49-67, 2006. Rago (1998

REVISTA PORTAL de Divulgação, n.55, Ano VIII. Jan/Fev/Mar. 2018. ISSN 2178-3454. [www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova](http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova) p.65

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SÁ, C. P. Representações Sociais: Teoria e Pesquisa do Núcleo Central. **Temas em Psicologia**, n.3 1996.

SANTOS, B. D. S. **A gramática do tempo**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

SANTOS, B. D. S. **Semear outras soluções?** Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, G. T; DIAS, J. M. B. Teoria das representações sociais: uma abordagem sociopsicológica. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP** Macapá, v. 8, n. 1, p. 173-187, jan.-jun. 2015 Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs> Acessado 26/03/2018

SANTOS, P.M.dos, MARINHO, A., MAZO, G.Z., BENEDETTI, T.R.B., & FREITAS, C.de la R. Lazer e participação de homens em grupos de convivência para idosos de Florianópolis

(SC): motivações e significados. **Revista Kairós Gerontologia**, 18(3), pp. 173-191. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, julho-setembro de 2015.

SARDENBERG, C. M. B. “Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?”. In: COST A, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. p. 89-120.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**, n.20, v.2, 1995

SILVA, E. **Velhices Masculinas**: um estudo de experiências sobre envelhecer. Trabalho de Conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais, Universidade federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011  
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/132267/TCCElaine.pdf;sequenc e=1>

SILVA, C. B. da.; CARMO, G. T. do.; SILVA, A. M. C. da. Breves Observações Sobre A Teoria Das Representações Sociais de Serge Moscovici e a Interdisciplinaridade. In: **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 6, n. 2, p. 59-70, dez. 2015.

SOARES, S.M.S.; CORONAGO, V.M.M.O. Grupos de Convivência: Influência na Qualidade de Vida da Pessoa Idosa. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Janeiro de 2016, vol.10, n.33, p. 127-140. ISSN: 1981-1179. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/603> acessado dia 31/10/2018

SOIHET, R. História das Mulheres. In: Cardoso, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo (org). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997 p. 275- 290

SOUZA, M. R. Corpo, velhice e subjetividades: cartografias do envelhecimento no sertão piauiense. In: ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, C. M. R. G. (Org.). **Envelhecimento e Práticas Gerontológicas**. 1ed. Curitiba-PR/Teresina-PI: Editora CRV/EDUFPI, P. 331-348, 2017.

SOUZA, M. R. **As velhices que habitam os sertões**: cartografias dos modos de envelhecer e morrer no semiárido piauiense. Fortaleza, CE. Tese de Doutorado em Sociologia. Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2013.

TEIXEIRA, S. M. **Envelhecimento do trabalhador no tempo do capital**: problemática social e as tendências das formas de proteção social na sociedade brasileira contemporânea. São Luis, MA: UFMA. Tese Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão, 2006

TEIXEIRA CARLOS, K. P. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE LGBT: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE UNIVERSITÁRIOS**. Dissertação de Mestrado em Sociologia, UFPI, 2017.

TRINDADE, Z. A.; SOUZA SANTOS, M. F. e ALMEIDA, A. M. O. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos In: **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. (orgs: Angela Maria de Oliveira Almeida ; Maria de Fátima de Souza Santos ; Zeidi Araujo Trindade). Brasília: Technopolitik, 2014

VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A. A sexualidade na velhice:

representações sociais de idosos freqüentadores de um grupo de convivência. In: **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 196-209, 2016.

WACHELKE, J. F. R., CAMARGO, B. V. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology** - 2007, Vol. 41, Num. 3 pp. 379-390. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf> acessado: 01.04.2017

WOLTER, R. M. C. P. Serge Moscovici: um pensador do social. In: **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. (orgs: Angela Maria de Oliveira Almeida ; Maria de Fátima de Souza Santos ; Zeidi Araujo Trindade). Brasília: Technopolitik, 2014

XAVIER, L. N.; Sombra, I. C. de N.; GOMES, A. M. de A; OLIVEIRA, G. L.; AGUIAR, C. P. de.; SENA, R. M.de C., **Grupo de convivência de idosos**: apoio psicossocial na promoção da saúde. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste* [en linea] 2015, 16 (Julio-Agosto). Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324041519013>> ISSN 1517-3852 acessado: 18 de fevereiro de 2018.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que será utilizada para a Dissertação de Mestrado de Érika Carolina Porto de Góis, intitulado “Velhices e Masculinidades: Um estudo sobre as Representações Sociais entre homens idosos”. Sua participação é isenta de qualquer custo, em caso de eventuais danos, será garantido o ressarcimento das despesas e indenizações. Você tem liberdade de acessar o instrumento mesmo antes de confirmar a sua participação e tem o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. A sua participação é livre e voluntária, não conta com remuneração. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A pesquisadora deverá esclarecer todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar.

Trata-se de um estudo pioneiro com o qual espera-se subsidiar futuras investigações, a partir dos dados obtidos, com o escopo de conhecer aspectos sobre a experiência da velhice masculina. Tem como objetivo verificar as representações sociais dos homens idosos sobre a velhice masculina, identificar o conhecimento elaborado e participado acerca do envelhecimento e velhice entre homens que participam do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. A participação nesta pesquisa ocorrerá na sua própria instituição e consistirá em responder um questionário sociodemográfico, seguido pela participação em grupo focal, aplicação de um teste de associação livre de palavras e uma entrevista semiestruturada. As respostas serão cuidadosamente tratadas, mantendo a privacidade do participante, com garantia de anonimato e sigilo com relação a todo o conteúdo fornecido. Os participantes da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo que os resultados desta pesquisa sejam divulgados de alguma forma. É válido destacar que será respeitado, no caso se algum participante desistir de responder aos instrumentos a qualquer momento desta pesquisa, sem nenhum ônus para os mesmos.

Não são esperados riscos de ordem física e/ou psicológica entre os participantes desta pesquisa decorrentes do preenchimento dos instrumentos. Entretanto, na eventualidade do surgimento de algum problema de fundo psicológico e/ou outros possíveis desconfortos, como por exemplo: constrangimentos, somatizações, raivas e medos ao responderem os instrumentos de coleta de dados, os responsáveis da presente pesquisa indicarão os serviços das clínicas escolas de psicologia das faculdades privadas, universidades públicas e/ou dispositivos de saúde pública na cidade de Parnaíba/PI. Como benefício, esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu,

\_\_\_\_\_, aceito participar desta pesquisa, assinando este termo de consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Parnaíba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

Nº Identidade: \_\_\_\_\_

---

Érika Carolina Porto de Góis  
Pesquisadora

Se você tiver alguma consideração ou dúvida, entre em contato com:

Pesquisadora: Érika Carolina Porto de Góis

E-mail: erikagois.assistsoc@hotmail.com

Telefone para contato: (86) 9 94974818 / 9 81273119 (Disponível também para receber ligações “a cobrar”)

Orientador: Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo

E-mail: ludgleydson@yahoo.com.br

Telefone para contato: (86) 99850-3506

Em caso de consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com:

Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI.

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga.

Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESQ.

CEP: 64.049-550 - Teresina - PI.

Telefone: 86 3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Prezado participante:

O seguinte instrumento objetiva a obtenção de informações pertinentes a identificação de demandas sociais envolvendo **a velhice masculina**, a partir do ponto de vista de homens idosos que participam do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Desde então, agradecemos sua preciosa participação e convidamos, caso ache oportuno, a colaborar na aplicação de um breve questionário. Estamos disponíveis para sanar qualquer dúvida a respeito do mesmo, bem como da referida pesquisa em andamento. Assim reforçamos o caráter **voluntário** para participação e garantimos todo o **sigilo** e/ou **anonimato** da sua participação, como rege o Comitê de Ética em Pesquisa.

Cordialmente,

*Érika Carolina Porto de Góis ;*

*Orientador Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo*

**1. Qual é sua data de nascimento?** \_\_\_\_\_

**2. Qual seu estado civil?**

Solteiro/a

Viúvo/a

Casado/a

Outro:

Separado/a o divorciado/a

\_\_\_\_\_

**3. Qual sua escolaridade?**

Nunca estudou

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

outro

**4. Qual a sua cor ou raça?** \_\_\_\_\_

**5. Há quanto tempo você participa do grupo de idosos do CRAS?**

\_\_\_\_\_

**6. Qual a sua religião?** \_\_\_\_\_

**7. Você tem alguma ocupação profissional?**

Não

Sim. Qual? \_\_\_\_\_

**8. Qual a sua renda mensal? (Proveniente do seu trabalho, aposentadoria ou pensão).**

R\$ \_\_\_\_\_

**9. Com quem você vive?**

Só

Com esposa

Esposa e filhos

Outros: \_\_\_\_\_ -

**10. Você tem familiar que também participe de algum projeto do CRAS?**

Não

Sim. Qual vínculo? \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C- TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS



### TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

**Instruções:** A pesquisa em questão trata-se de um estudo científico. Desta forma, garantimos aos colaboradores que estes dados serão tratados estatisticamente, bem como o anonimato e a confidencialidade dos dados será resguardada. Por favor, fale as primeiras cinco palavras que lhe vierem à cabeça quando eu lhe digo as seguintes palavras:

Palavra-Estímulo I: Se eu lhe digo **HOMEM IDOSO**, para o senhor homem idoso é... ele também é....

----- ( )

----- ( )

----- ( )

----- ( )

----- ( )

Palavra-Estímulo II: Se eu lhe digo **VELHICE**, para o senhor a velhice é... e também é...

----- ( )

----- ( )

----- ( )

----- ( )

----- ( )

Palavra-Estímulo III: Se eu lhe digo **GRUPO DE CONVIVÊNCIA**, para o senhor grupo de convivência é ... e também é...

----- ( )

----- ( )

----- ( )

----- ( )

----- ( )

## APÊNDICE D- ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



### INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS 3

**Instruções:** A pesquisa em questão trata-se de um estudo científico. Desta forma, garantimos aos colaboradores que estes dados serão tratados estatisticamente, bem como o anonimato e a confidencialidade dos dados será resguardada. Por favor, responda as perguntas abaixo com a maior riqueza de detalhes e informações que lhe for possível.

#### ENTREVISTA

**1. Para o Senhor como é envelhecer (envelhecimento)?**

---

---

---

---

---

---

---

---

**2. Para o senhor o que é ser homem idoso?**

---

---

---

---

---

---

---

---

**3. O que faz o homem idoso participar do grupo?**

---

---

---

---

---

---

---

---

## **ANEXOS**

## ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** VELHICES E MASCULINIDADES: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ENTRE HOMENS IDOSOS

**Pesquisador:** ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 69705517.7.0000.5214

**Instituição Proponente:** UFPI - Campus Ministro Reis Velloso

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.164.777

#### Apresentação do Projeto:

Historicamente os homens não se preocupam com o autocuidado, resistem aos aspectos que representam a velhice. Há poucos estudos sobre o envelhecimento e velhices masculinas de viés sociológico. Logo, o presente projeto busca pesquisar as representações sociais de homens idosos participantes de grupos de convivência sobre a velhice masculina na cidade de Parnaíba-Pi, através da identificação do conhecimento elaborado e adquirido a partir de suas vivências ao longo da vida que interferem na sua velhice, o que esses idosos definem sobre ser homem, como é envelhecer homem, quais discursos de masculinidade influenciam na sua experiência de envelhecimento e engajamento em estratégias sociais de manutenção da qualidade de vida como o grupo.

Trata-se de uma pesquisa Quantitativa-qualitativa, de campo. Estudo descritivo e exploratório com dados transversais e por conveniência. Serão aplicados questionário sóciodemográfico, com a finalidade de obter informações sobre o perfil dos idosos que participam dos grupos de convivência, com perguntas tais como: idade, há quanto tempo participa do grupo, renda, escolaridade, estado civil, com quem vive, a sua cor, etc. Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), com o qual será possível obter representações sociais sobre idosos e a convivência em grupos, com os seguintes estímulos indutores: Homem Idoso; Velhice; Grupos de Convivências; 3. Grupo Focal, que será empregado para verificar as representações sociais e o conhecimento

**Endereço:** Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa  
**Bairro:** Ininga **CEP:** 64.049-550  
**UF:** PI **Município:** TERESINA  
**Telefone:** (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 2.164.777

consensual dos idosos; 4. Entrevista semi-estruturada com o escopo de verificar entre os homens idosos suas representações sobre as masculinidades, grupos de convivências e as formas de expressões da velhice masculina.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Identificar as representações sociais da velhice masculina entre homens idosos participantes de grupos de convivência.

Objetivo Secundário:

Analisar as representações sociais de homens idosos sobre sua velhice;

Apreender as representações sociais de homens idosos sobre o que é ser homem na velhice

Compreender as concepções psicossociais acerca da participação destes em grupos de convivência.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Como consta no TCLE:

**Riscos**

Não são esperados riscos de ordem física e/ou psicológica entre os participantes desta pesquisa decorrentes do preenchimento dos instrumentos. Entretanto, na eventualidade do surgimento de algum problema de fundo psicológico e/ou outros possíveis desconfortos, como por exemplo: constrangimentos, somatizações, raivas e medos ao responderem os instrumentos de coleta de dados, os responsáveis da presente pesquisa indicarão os serviços das clínicas escolas de psicologia das faculdades privadas, universidades públicas e/ou dispositivos de saúde pública na cidade de Parnaíba/PI.

**Benefícios**

Como benefício, esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Importante pesquisa de mestrado.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos foram anexados.

**Endereço:** Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa  
**Bairro:** Ininga **CEP:** 64.049-550  
**UF:** PI **Município:** TERESINA  
**Telefone:** (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 2.164.777

**Recomendações:**

Recomendo, no TCLE, substituir o termo "sujeito" por "participante" (segundo parágrafo).

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisa está apta a ser desenvolvida.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_927243.pdf	12/06/2017 15:19:16		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao_instituicao.docx	12/06/2017 15:18:34	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Outros	Carta_de_EncaminhamentoCEP_CMPP.doc	12/06/2017 14:59:23	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NOVOTCLE_CMPP.doc	12/06/2017 14:58:12	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPESQUISACEPCMPP.pdf	07/06/2017 14:16:42	LUDGLEYDSON FERNANDES DE ARAÚJO	Aceito
Outros	CV_LudgleydsonFernandes_de_Araujo.pdf	06/06/2017 11:15:42	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Outros	TALP.odt	06/06/2017 11:06:56	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Outros	QUESTIONARIOSOCIODEMOGRAFICO.docx	06/06/2017 11:02:39	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Outros	ENTREVISTA.docx	06/06/2017 10:48:55	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Outros	TERMODECONFIDENCIALIDADE.odt	06/06/2017 10:46:54	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Folha de Rosto	dig3.pdf	06/06/2017 10:16:37	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Outros	cv_erikagois.pdf	30/05/2017 03:10:50	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoPesquisadoresCMPP.doc	27/05/2017 15:18:57	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Orçamento	ORcAMENTOPROJETOPESQUISA.pdf	27/05/2017 15:17:30	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito
Cronograma	CronogramaProjetoPesquisa.docx	27/05/2017 15:13:13	ERIKA CAROLINA PORTO DE GOIS	Aceito

**Endereço:** Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa  
**Bairro:** Ininga **CEP:** 64.049-550  
**UF:** PI **Município:** TERESINA  
**Telefone:** (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 2.164.777

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

TERESINA, 10 de Julho de 2017

---

**Assinado por:**  
**Herbert de Sousa Barbosa**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa  
**Bairro:** Ininga **CEP:** 64.049-550  
**UF:** PI **Município:** TERESINA  
**Telefone:** (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br

**ANEXO 2 – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DE ARTIGO EM REVISTA**

Parnaíba, Piauí, Brasil. 24 de novembro de 2018.

Eu, Érika Carolina Porto de Góis, representando a instituição Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, Brasil, concordei em ceder os direitos de impressão e reprodução por qualquer meio e significa que o editor (a), (Ele vai abordar qualquer pedido razoável pelo autor para obter permissão para reproduzir as suas contribuições - ) do Journal: "DIVERSITAS: Perspectivas em Psicologia", publicado pela Escola de Psicologia da Universidade de Santo Tomás, meu artigo intitulado " **Masculinidades e Velhices no âmbito de grupos de convivências: uma análise psicossocial**" com os seguintes autores: "Érika Carolina Porto de Góis, Ludgleydson Fernandes de Araújo e José Victor de Oliveira Santos - Universidade Federal do Piauí". Além disso, declaro que este artigo é original e não foi enviado para outro periódico a ser avaliado.



SIGN \_\_\_\_\_

Dados para envio de informações :

Endereço: Universidade Federal do Piauí, Avenida São Sebastião, Avenida São Sebastião, 2819, Bairro Reis Velloso, Parnaíba, Piauí, Brasil.

Telefones: +5586999909208

Correio eletrônico: [gois\\_erika@hotmail.com](mailto:gois_erika@hotmail.com) / [ludgleydson@yahoo.com.br](mailto:ludgleydson@yahoo.com.br) / [victorolintos@hotmail.com](mailto:victorolintos@hotmail.com)

**ANEXO 3 – COMPROVANTE DE PUBLICAÇÃO DE CAPÍTULO DE LIVRO**

ISBN: 978-85-509-0360-6

Editoras: EDUFPI (Teresina); CRV (Curitiba)

Ano: 2018; 364 páginas

**Violência e Cuidado na Velhice**

Janari da Silva Pedroso; Ludgleydson Fernandes de Araújo; Deusivania Vieira da S. Falcão

(Organizadores)

**Sumário**

<b>Prefácio</b>	<b>13</b>
Noelia Fernández Rouco	
<b>Prólogo</b>	<b>15</b>
Luzia Nadja Guimarães Nascimento	